

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MEMÓRIA DOS VERDES ANOS:
SAUDADE DA INFÂNCIA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA –
UMA INVESTIGAÇÃO E UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE DADOS.

Adriano Roberto Afonso do Nascimento

Vitória

2004

ADRIANO ROBERTO AFONSO DO NASCIMENTO

MEMÓRIA DOS VERDES ANOS:

SAUDADE DA INFÂNCIA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA –
UMA INVESTIGAÇÃO E UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE DADOS.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro.

Vitória

2004

N244m Nascimento, Adriano Roberto Afonso do (1972)
Memória dos verdes anos: saudade da infância na música popular brasileira – uma investigação e uma proposta de análise de dados. [manuscrito] / Adriano Roberto Afonso do Nascimento. – 2004.
179 f.

Orientador: Paulo Rogério Meira Menandro.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Bibliografia: 168-174 f.

1. Memória social – Teses. 2. Saudade (Nostalgia) – Teses. 3. Música Popular Brasileira – Teses. 4. Metodologia – Teses. 5. Psicologia Social – Teses. I. Menandro, Paulo Rogério Meira. II. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.ítulo.

AGRADECIMENTOS

“a gente é tanta gente onde quer que a gente vá...”

Gonzaguinha, *Caminhos do Coração*.

Ao meu orientador, Paulo Rogério Meira Menandro. Mostrou caminhos, caminhou ao meu lado, compreendeu meus tempos, foi orientador quando precisei, amigo quando senti que eu precisava. Tenho orgulho por trabalharmos juntos todos esses anos.

À mulher da minha vida, Ingrid Faria Gianordoli Nascimento. Por me dar força para prosseguir e o ombro para descansar. Pelo nosso futuro.

À minha mãe, Dilma Afonso, esteio desde os meus verdes anos.

À banca examinadora (Profa. Zeidi Araújo Trindade, Profa. Maria Margarida Pereira Rodrigues, Profa. Angela Maria de Oliveira Almeida e Profa. Angela Nobre de Andrade) pelas argüições que muito enriqueceram o presente trabalho. A cada professora um agradecimento especial.

À professora Zeidi Araújo Trindade, pela paixão com que trabalha e pela atenção constante com os amigos. Tenho aprendido muito.

Ao professor Lídio de Souza, exemplo de que força intelectual, respeito pelo outro e generosidade podem andar juntos.

À amiga e colega Maria Cristina Smith Menandro, pelas sugestões de artigos, pelas dicas, pelo humor e pelo incentivo sempre.

À família Gianordoli, minha segunda.

À professora Sônia Regina Fiorin Enumo. Ainda agradecendo.

À professora Maria Margarida Pereira Rodrigues, com quem tenho aprendido cada vez mais a pensar o mundo.

À professora Angela Maria de Oliveira Almeida, pela generosidade com que me ensinou a cair na estrada do mundo lexical. Observações precisas com palavras sempre gentis.

Ao pessoal do NUPESSES (Núcleo de Pesquisa em Saúde e Exclusão Social), pelo caminhar e pela trilha.

Aos meus colegas de doutoramento (Beth, Célia, Sibelle e Vaz), pelas discussões sempre animadas e proveitosas.

À professora Maria de Fátima Santos, Pernambuco falando para o mundo.

Aos professores Sávio Silveira Queiroz, Helerina Aparecido Novo e Angela Nobre de Andrade pelo convívio sempre estimulante.

Ao PROCAD (Programa de Cooperação Acadêmica UnB/ UFES/ UFPE) pelo período de bolsa de doutorado sanduíche que me possibilitou a estadia em Brasília. Obrigado também ao pessoal do Laboratório de Psicologia Escolar da UnB.

Ao pessoal da Rádio Espírito Santo AM (Danilo, Heloísa, Laura, Cipriano e Douglas) pelo acesso aos arquivos da Rádio e pelo interesse demonstrado.

À professora Neide Maria de Oliveira pelo incentivo desde meus tempos de graduação.

À Maria Lúcia Ribeiro Fajoli. Melhor do que uma pessoa competente é uma competente, atenciosa e bem-humorada. Obrigado por tudo.

Às participantes do NUPESSES Paola e Flávia pela ajuda na transcrição das fitas.

À CAPES pela bolsa que possibilitou a realização desse trabalho.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	iv
Lista de Figuras.....	vii
Lista de Quadros.....	viii
Resumo.....	ix
Abstract.....	xi
Résumé.....	xiii
Introdução.....	15
Método.....	41
Resultados.....	58
Discussão.....	143
Referências.....	168
Anexo.....	175

LISTA DE FIGURAS

AFC – Análise Fatorial de Correspondência

RC – Redes de Conteúdo

Figura 01 - Etapas do Procedimento do Método Alceste.....	52
Figura 02 - Formas reduzidas distribuídas por Classe (Alceste).....	59
Figura 03 - AFC (Quadro de Classes e Variáveis) (Alceste).....	68
Figura 04 - AFC (Quadro de Classes e Formas Reduzidas) (Alceste).....	69
Figura 05 - AFC (Classes, formas reduzidas e eixos) (Alceste).....	70
Figura 06 - Dendrograma CAH Classe 1 (Alceste).....	72
Figura 07 - Dendrograma CAH Classe 4 (Alceste).....	72
Figura 08 - Dendrograma CAH Classe 2 (Alceste).....	73
Figura 09 - Dendrograma CAH Classe 3 (Alceste).....	73
Figura 10 - Nó “Atividades infantis, brincadeiras, jogos” (RC).....	120
Figura 11 - Nó “Um tempo feliz, sonhos, ilusões” (RC).....	122
Figura 12 - Nó “Rua, praça, quintal” (RC).....	124
Figura 13 - Nó “Elementos naturais” (RC).....	126
Figura 14 - Nó “Vínculo com o lugar” (RC).....	128
Figura 15 - Nó “Elementos Musicais” (RC).....	130
Figura 16 - Nó “Amores infantis” (RC).....	132
Figura 17 - Nó “Festas” (RC).....	134
Figura 18 - Nó “Sociabilidade” (RC).....	136
Figura 19 - Nó “Hoje sofrido, triste” (RC).....	138
Figura 20 - Nó “Não volta mais” (RC).....	140
Figura 21 - Nó “Quem dera voltar” (RC).....	142

LISTA DE QUADROS

AC – Análise de Conteúdo

Quadro I - Classe 01 - Atividade e Imaginação - Alceste.....	60
Quadro II - Classe 02 - Povo, terra, casa - Alceste.....	60
Quadro III - Classe 03 - Festa de São João - Alceste.....	60
Quadro IV - Classe 04 - Sentimentos guardados - Alceste.....	60
Quadro V - Categoria Atividades - (AC).....	77
Quadro VI - Categoria Atividades/ profissão - (AC).....	78
Quadro VII - Categoria Brincadeiras, Jogos, Brinquedos - (AC).....	80
Quadro VIII - Categoria Elementos naturais - (AC).....	82
Quadro IX - Categoria Sociabilidade - (AC).....	84
Quadro X - Categoria Elementos amorosos - (AC).....	84
Quadro XI - Categoria Lugares - (AC).....	87
Quadro XII - Categoria Lugares específicos - (AC).....	87
Quadro XIII - Categoria Cidades, estados - (AC).....	87
Quadro XIV - Categoria Características do lugar – (AC).....	88
Quadro XV - Categoria Vínculo com o lugar - (AC).....	88
Quadro XVI - Categoria Comidas/ bebidas - (AC).....	90
Quadro XVII - Categoria Festas - (AC).....	92
Quadro XVIII- Categoria Elementos musicais - (AC).....	94
Quadro XIX - Categoria Elementos religiosos - (AC).....	96
Quadro XX - Categoria Interlocutor - (AC).....	98
Quadro XXI - Categoria Concepções de infância - (AC).....	100
Quadro XXII - Categoria Ontem - (AC).....	102
Quadro XXIII - Categoria Ilusões e sonho - (AC).....	102
Quadro XXIV- Categoria Conseqüências do passar do tempo - (AC).....	104
Quadro XXV - Categoria Hoje - (AC).....	106
Quadro XXVI - Categoria Ilusões perdidas/ sonhos mortos - (AC).....	108
Quadro XXVII - Categoria Ontem feliz - Hoje sofrer - (AC).....	110
Quadro XXVIII – Categoria Quem dera voltar - (AC).....	112
Quadro XXIX – Categoria Não volta mais - (AC).....	112
Quadro XXX – Categoria Lembrar-sofrer - (AC).....	112
Quadro XXXI – Categoria Saudade e coração - (AC).....	114

RESUMO

Tese de Doutorado – Adriano Roberto Afonso do Nascimento

MEMÓRIA DOS VERDES ANOS: SAUDADE DA INFÂNCIA NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA - UMA INVESTIGAÇÃO E UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE DADOS

A despeito do interesse atual das Ciências Humanas pela questão da *Memória*, tem-se subestimado a recorrência com que eventos recordados são identificados como saudosos no discurso do dia a dia dos brasileiros. *Memória* e *Saudade* não têm o mesmo significado, mas estão fortemente relacionadas. Como aponta para a valorização de um componente afetivo do conteúdo mnemônico, a problemática dessa relação é de interesse para o entendimento de processos psicossociais mais amplos. Considerando que os elementos constitutivos da *Memória Social* são partilhados, é possível perceber o significado cotidiano da *Saudade*, o que investigamos através da identificação de elementos caracterizados comumente como saudosos, bem como da relação entre esses mesmos elementos, e das suas constâncias e inconstâncias, em material textual relatando saudades da infância. Os “tempos de menino” são identificados recorrentemente como saudosos tanto nas produções artístico-culturais quanto nas lembranças do homem comum, o que justifica a escolha específica dessa recordação como válida. Por se considerar a quantidade e a variedade de elementos que potencialmente poderiam ser lembrados com saudade, optou-se pela conjugação de diferentes procedimentos para analisar essas recordações. A fonte de relatos saudosos da infância foi um conjunto de letras das canções populares do nosso país, material documental que tem sido progressivamente valorizado nos estudos histórico-culturais pela característica de, entre outras vantagens, retratar elementos do cotidiano tanto dos compositores quanto do público consumidor. Com o objetivo de avaliar o vocabulário e o conteúdo saudoso explicitado nas letras de 70 (setenta) canções da música popular brasileira, elas foram submetidas a um programa de análise estatística de dados textuais (Alceste) e a um procedimento clássico de Análise de Conteúdo. Foi proposto um procedimento complementar que denominamos Redes de Conteúdo, a fim de avaliar as

características dos vínculos entre os elementos recordados pelos compositores. Os resultados apontaram alta frequência de menções a atividades infantis, brincadeiras e jogos, realizados predominantemente nos espaços exteriores ao doméstico. Também foi bastante citada a rede de sociabilidade, que agrupa outros meninos, a família e os amores infantis. A possível localização do espaço físico no qual transcorreu a infância, indicada através das menções a elementos naturais, sugere a presença constante de memórias da infância vivida em condições rurais, em contraposição a uma vida de adulto em condições urbanas. O tratamento integrado dos resultados dos procedimentos de análise utilizados permitiu a caracterização da dinâmica do discurso saudoso como condizente com a dinâmica mais geral da *Memória Social*. Em especial, a identificação explícita do valor do lembrado indica uma particularidade desse discurso, pois agrega valor sentimental que impede que ele seja tomado como mera descrição do passado. Nesse sentido, o conjunto de letras analisadas nos conduz à percepção de aspectos do presente de quem recorda. Na comparação entre um passado feliz e um presente não tão feliz, está em jogo a própria coerência do discurso de quem lembra da infância com saudade.

Palavras-chave:

- 1) Memória Social
- 2) Saudade da Infância
- 3) Música Popular
- 4) Análise de Conteúdo
- 5) ALCESTE

ABSTRACT

Doctoral dissertation - Adriano Roberto Afonso do Nascimento

Memory of green years: childhood nostalgia in Brazilian Popular Music - an investigation and a proposal for data analysis

Despite the current interest of Humanities in the *Memory* question, the recurrence in which recorded events are identified as nostalgic in day to day discourse of Brazilians has been underestimated. *Memory* and *Nostalgia* (here understood as missing or longing after a lost past, after the Portuguese word 'Saudade') do not have the same meaning, but are strongly related. As it points out to an affective component of the mnemonic content, the problems of this relation are of interest for the understanding of ampler psychosocial processes. Considering that constitutive elements of *Social Memory* are shared, it is possible to perceive the quotidian meaning of *Nostalgia*, what is investigated through the identification of elements commonly characterized as nostalgic, as well as the relation between these elements, and their constancies and inconstancies, in textual material about childhood nostalgia. The "boyhood times" are recurrently identified as nostalgic both in the artistic-cultural productions and in the common man memories, what justifies the choice of this particular remembrance as valid. Since the amount and the variety of elements which potentially could be remembered nostalgically were large, we opted for the conjugation of different procedures to analyze these memories. The source of nostalgic reports about childhood was a set of popular song lyrics of our country, documental material that has been progressively valued in historical-cultural studies for its characteristics of, among other advantages, picturing elements of the daily life of both the song writers and the consumer public. With the objective of evaluating the vocabulary and the nostalgic content made explicit in the lyrics of 70 (seventy) songs of Brazilian popular music, they were submitted to a software for statistical analysis of textual data (Alceste) and to a classical procedure of Content Analysis. A complementary procedure, which was called Content Networks, was proposed in order to evaluate the characteristics of the

links between the elements remembered by the song writers. The results show a high frequency of mentions of child activities, child plays and games, predominantly realized outside the domestic space. The sociability network, which groups other boys, the family and young love, was also well cited. The possible localization of the physical space where the childhood occurred, indicated through the mention of natural elements, suggests the constant presence of memories of a childhood lived in the country, in opposition of an adulthood lived in urban areas. The integrated treatment of the utilized analyses procedures' results permitted the characterization of the dynamics of the nostalgic discourse as agreeing with the more general dynamics of *Social Memory*. In special, the explicit identification of value for the memories indicate a particularity of this discourse, since it aggregates a sentimental value which avoids it to be taken as a mere description of the past. In this sense, the analyzed lyrics set takes us to the perception of aspects of the present of who remembers. In the comparison of a happy past and a not so happy present, the coherence of the discourse of who remembers the childhood nostalgically is in play.

Keywords:

- 1) Social Memory
- 2) Childhood nostalgia
- 3) Popular Music
- 4) Content Analysis
- 5) Alceste

RÉSUMÉ

Thèse de Doctorat – Adriano Roberto Afonso do Nascimento

MÉMOIRES DES ANNÉES VERTES: NOSTALGIE DE L'ENFANCE DANS LA MUSIQUE POPULAIRE BRÉSILIENNE – UNE RECHERCHE ET UNE PROPOSITION D'ANALYSE DES DONNÉES.

Malgré l'intérêt actuel des Sciences Humaines par la question de la mémoire, s'est sous-estimée la récurrence avec laquelle les événements rappelés sont identifiés comme nostalgiques dans le discours quotidien des brésiliens. Mémoire et nostalgie n'ont pas la même signification, mais ils sont fortement rapportés. Indiquant l'évaluation d'une composante affective du contenu mnémonique, la problématique de cette relation c'est de grand intérêt pour la compréhension des procès psychosociaux plus amples. Considérant que les éléments constitutifs de la mémoire sociale sont partagés, c'est possible de percevoir la signification quotidienne de la nostalgie, ce que nous enquêtons à travers l'identification d'éléments caractérisés généralement comme nostalgie, ainsi que la relation entre ces mêmes éléments, et de leurs constances et d'inconstances, dans le matériel textuel en disant des nostalgies de l'enfance. Les "temps de garçon" sont identifiés récurrentement comme nostalgiques dans les productions artistique-culturelles dans la même manière que dans les souvenirs de l'homme commun, ce qui justifie le choix spécifique de ce souvenir comme valable. En considérant la quantité et la variété des éléments qui potentiellement pourraient être rappelés avec nostalgie, on a opté pour la conjugaison de différentes procédures pour analyser ces souvenirs. La source des histoires nostalgiques de l'enfance a été un ensemble de paroles de chansons populaires de notre pays, matériel documentaire qui a été progressivement valorisé dans les études historique-culturelles par la caractéristique d'entre autres avantages, de faire le portrait des éléments du quotidien des compositeurs comme du public consommateur. Avec l'objectif d'évaluer le vocabulaire et le contenu nostalgique explicité dans les paroles de (70) soixante-dix chansons de la musique populaire brésilienne, elles ont été soumises à un programme d'analyse statistique des données textuelles (Alceste) et à une procédure complémentaire classique d'analyse de

contenu. Ça été proposé une procédure complémentaire, dont nous appelons des Rets de Contenu, pour évaluer les caractéristiques des liaisons entre les éléments rappelés par les compositeurs. Les résultats ont indiqués une augmentation de la fréquence des mentions à des activités infantiles, tours et jeux réalisés majoritairement dans les espaces extérieurs au domestique. Aussi ça été beaucoup cité le rets de la sociabilité, qui icomprendre autres garçons, la famille et les amours d'enfances. La possible localisation de l'espace physique dans lequel s'est passé l'enfance , indiquée à travers des mentions aux éléments naturels, suggère la présence constante des memóires de l'enfance vécues dans des conditions agricoles, en contrepartie à une vie d'adulte dans les conditions urbaines. Le traitement intégré des résultats des procédures d'analyse utilisées, a permis la caractérisation de la dynamique du discours nostalgique avec la dynamique la plus générale de la memóire sociale. En particulier, l'identification explicité de la valeur du rappelé indique une particularité de ce discours, car on considère la valeur sentimentale qui empêche qu' elle soit prise comme une simple description du passé. Dans ce sens, l'ensemble de paroles analysées nous a conduit à la perception des aspects du présent de la personne qui se rappelle. Dans la comparaison entre un passé heureux et un présent pas très heureux, ce qui est en jeu, est la cohérence elle-même du discours de la personne qui se rappelle de l'enfance avec nostalgie.

Mots-clé:

- 1) Mémoire Social
- 2) NOSTALGIE D'ENFANCE
- 3) Musique Populaire
- 4) Analyse de Contenu
- 5) ALCESTE

INTRODUÇÃO

“E depois das memórias vem o tempo
trazer novo sortimento de memórias
até que, fatigado, te recuses
e não saibas se a vida é ou foi”.

Carlos Drummond de Andrade, *Versos à boca da noite*.

É muito difícil imaginar que possa existir algum brasileiro que não tenha ouvido, desde criança, os adultos à sua volta conversarem sobre acontecimentos e experiências de momentos passados de suas vidas sem mencionarem "como era bom naquele tempo", sem concluírem a respeito do "tempo bom que não volta mais", sem lamentarem o fato de que "nada mais é como antes" e sem suspirarem de saudade em relação a um "tempo no qual a vida era mais fácil de viver". Esse *tempo tão cheio de recordações* também está retratado em inúmeras manifestações culturais brasileiras, sugerindo que estamos diante de um tema que marca profundamente a construção das nossas biografias.

Parecem estar implicados no tipo de manifestação assinalado acima pelo menos dois processos que se complementam:

- a) As dúvidas e hesitações (renovadas em diferentes momentos históricos) a respeito de como agir diante da impossibilidade de prever e/ ou controlar o grande volume de inovações nas relações sociais, na tecnologia, nos costumes e na disponibilidade de informações. Talvez seja razoável classificar tal reação como um amálgama de medo/ insegurança/ ansiedade;
- b) Uma valorização quase incondicional e bastante onírica (dizendo em uma palavra: saudosista) de um passado em que as coisas aconteciam de outra forma – forma essa

necessariamente tranquilizadora, posto que conhecida, já experimentada e situada no passado. Podemos mencionar aqui o nome mais provável de tal reação: Saudade.

Uma evidência da qual podemos nos valer para argumentar em relação à presença marcante da Saudade no nosso cotidiano é o fato dela se apresentar como um dos mais freqüentes temas da manifestação cultural de maior abrangência popular no país: as canções. Em diversas culturas, as canções populares constituem a modalidade de manifestação cultural "que mais embala e acompanha as diferentes experiências humanas" (Moraes, 2000, p. 204).

Nos diferentes momentos históricos retratados nas letras das canções brasileiras difundidas a partir do final da década de 20 podemos constatar a diversidade temática com que é abordada aquela que poderíamos chamar de reação saudosista. Fala-se de saudade de muitas coisas e de muitos eventos distintos: da infância feliz, da cidadezinha onde se nasceu, da casa no campo, da juventude, da cidade de antigamente, dos bairros que não são mais os mesmos, dos trilhos dos bondes, do tempo em que se ganhava bem e no qual o dinheiro dava, da boemia, dos velhos carnavais, do primeiro amor, do verdadeiro amor, do tempo em que homem era homem e mulher era mulher, da cordialidade... Talvez até mesmo saudades de um tempo que nem vivemos. Quem sabe até de saudades do Brasil?

Aqui pode ser identificada a deixa principal para o trabalho que pretendemos desenvolver: a identificação e a análise, a partir das letras de canções, das atividades, dos tipos humanos, dos objetos e dos eventos relacionados a um tipo específico e recorrente de saudade: a dos "tempos de menino".

Bruner (1997) já apontou como fundamental o entendimento do agir e pensar humano na direção do que propõe como uma psicologia popular, uma psicologia que avance na identificação dos significados presentes no que se tem chamado usualmente de

senso comum. Ainda assim, pode parecer temerário abordar um assunto cujo vínculo com a Psicologia não se apresenta como tradicional ou usual. Entretanto, é preciso considerar que ele é parte do discurso cotidiano, estando, assim, imerso numa rede de significados e representações condizentes com as relações sociais que se dão em nossa realidade.

Dito isso, passaremos a apresentar o referencial teórico no qual nos basearemos para a análise das lembranças, algumas considerações sobre o que se tem produzido sobre a temática da saudade e uma breve discussão sobre a utilização de letras de canções como fonte em estudos sobre o cotidiano.

MEMÓRIA SOCIAL

Não é possível conceber o surgimento e a continuidade de culturas humanas sem tomar como condição indispensável de viabilidade a possibilidade dos indivíduos armazenarem e comunicarem informações. As tentativas de compreensão de processos como memorização, linguagem, comunicação e aprendizagem, por exemplo, sempre caracterizaram os grupos humanos que atingiram um nível de conhecimento que constituía base concreta para investigações e especulações construídas com algum método.

O tema da memória, que nos interessa em especial, aparece com relevância em muitas das grandes mitologias construídas por diferentes grupos humanos. Apenas como ilustração é possível mencionar que a memória e o esquecimento foram temas mitológicos entre os gregos. A memória era representada por uma deusa, Mnemósine, cujas características remetem ao caráter essencial do ato de lembrar para a compreensão do sentido do mundo e do seu futuro. Fica evidente a valorização da memória. Da relação de Mnemósine com Zeus nasceram as Musas, que sabem tudo do passado, do presente e do

futuro. Quando possuídos das musas, alguns indivíduos podem experimentar a ciência de Mnemósine e penetrar no conhecimento do aparecimento dos homens, da gênese dos deuses, e do que se passou no começo do mundo. Os homens devem manter coletivamente a memória de seu passado vital. “Ignorar ou esquecer o significado mais profundo do mito, constitui uma regressão ao Caos, onde tudo é indistinto e amorfo” (Mirador, 1977, p. 7771).

No âmbito da psicologia os estudos pioneiros sobre a memória não fugiram da concepção, então hegemônica, de procurar desenvolver investigações que eliminassem, tão extensamente quanto possível, fatores que pudessem representar interferência no processo investigado e, portanto, perturbação na compreensão precisa das relações de causalidade. Stoetzel (1976) é claro a esse respeito quando assinala que os psicólogos “que se interessaram pela memória parecem ter feito de tudo para eliminar, em suas pesquisas, os fatores sociais” (p. 128).

Um dos pioneiros no estabelecimento de uma concepção que iniciou a transformação desse quadro foi o inglês Bartlett, a partir do final da década de 1920 (Stoetzel, 1976). Três de suas contribuições mais importantes podem ser assim resumidas:

- 1) No processo de memorização e recapitulação da informação os hábitos sociais e as interpretações pessoais desempenham função de influência importante desde o primeiro momento, função essa que se prolonga no tempo atuando na reestruturação do sentido da informação, o que altera continuamente a configuração com que as informações são memorizadas;
- 2) Dados obtidos em diferentes grupos étnicos mostram que a cultura desempenha papel fundamental na maior ou menor probabilidade de fixação de conteúdos;
- 3) A memorização não é independente de processos emocionais e as lembranças são narradas, muitas vezes, associadas a uma carga emocional que as acompanha, e em cuja origem também está implicada a cultura. Stoetzel (1976) resume dizendo que Bartlett

chamou a atenção para os fatos de “que o significado é essencial à lembrança e, além disso, [de] que é fornecido pela cultura” (p. 130).

Uma das vertentes de investigação abertas por constatações da natureza dessas que acabaram de ser mencionadas, mas que não nos interessa detalhar no presente trabalho, foi a dos estudos a respeito da influência das atitudes sobre a memória, condizente com o grande impacto e a larga penetração da noção de atitude na psicologia social, a partir dos anos 1940.

Entretanto, só a partir da década de 1970 observa-se um aumento no interesse de se estudar a memória numa perspectiva que a considera eminentemente como um objeto social, coletivo. Em grande parte, tal fato está relacionado à retomada do conjunto de estudos desenvolvidos entre 1920 e 1940 por Maurice Halbwachs, retomada essa que proporcionou nesses últimos 35 anos a proposição de novos problemas teóricos para as áreas da história, da sociologia, da antropologia e da psicologia social, entre outras. Stoetzel (1976), por exemplo, já afirmava que “a originalidade e o mérito de Halbwachs só agora começam a ser reconhecidos, no âmbito internacional, no que concerne às suas obras sobre a memória coletiva” (p. 133).

A literatura sobre a memória nessa perspectiva aponta para uma variabilidade considerável tanto de objetos de estudo, quanto de denominações dessa memória. Pode-se, entretanto, avaliar que, de longe, as duas denominações mais comumente usadas são “Memória Coletiva”, como em Halbwachs, e “Memória Social” (Olick e Robbins, 1998). Deve-se notar que, na maior parte das vezes, as duas denominações não refletem formas fundamentalmente diferentes de se pensar os processos mnemônicos, estando relacionadas, sobretudo, às particularidades das abordagens de diferentes pesquisadores ou áreas. Nesse sentido, Jedlowski (2001) procura definir memória da seguinte forma:

“a palavra ‘memória’ na linguagem científica e cotidiana refere-se a um vasto conjunto de fenômenos não completamente homogêneos. Em largo sentido, memória pode ser considerada como a capacidade de um sistema (vivo ou artificial) responder a eventos acumulando a informação resultante e modificando sua estrutura de modo que a resposta a eventos subsequentes é afetada por aquisições prévias. Em um sentido mais estreito, memória significa a faculdade humana de, preservando certos traços de experiências passadas, dar acesso a esses – ao menos em parte – através de lembranças” (p. 29).

Mesmo com termos tão amplos, uma tentativa, certamente válida, de definir um processo bastante complexo expõe uma dificuldade central na construção do campo teórico da Memória Social: a quantidade de fenômenos considerados, tanto no senso comum, quanto nas áreas acadêmicas, como efetivamente relacionados ao que se chama indiscriminadamente Memória.

Numa tentativa de discernir, a título de introdução, os vários tipos de Memória, Connerton (1999) propõe a seguinte divisão:

- a) Memórias Pessoais: “dizem respeito àqueles atos de recordação que tomam como objeto a história de vida de cada um. Falamos delas como memórias pessoais porque se localizam num passado pessoal e a ele se referem. As minhas memórias pessoais podem exprimir-se desta forma: eu fiz isto e aquilo, em tal e tal altura, em tal e tal lugar. Assim, ao recordar um acontecimento estou também preocupado comigo próprio” (p. 25).
- b) Memórias cognitivas: “Abrange[m] as utilizações do verbo ‘recordar’ em que se pode dizer que recordamos o significado de palavras, de linhas de um poema, de

anedotas, de histórias, do traçado de uma cidade, de equações matemáticas, de princípios da lógica, ou de fatos sobre o futuro. Para existir uma memória deste tipo o nosso conhecimento pressupõe, de algum modo, a ocorrência anterior de um estado pessoal cognitivo ou sensorial” (p. 25-26).

- c) Memória-hábito: “Consiste pura e simplesmente na nossa capacidade de reproduzir uma determinada ação. Deste modo, recordar como se lê, escreve ou anda de bicicleta é, em cada um dos casos, uma questão de sermos capazes de fazer estas coisas, de forma mais ou menos eficiente, quando tal necessidade surge” (p. 26).

A classificação de diferentes tipos de memória, baseada também na “utilidade” da recordação, não esconde a percepção de que mesmo essa divisão é determinada socialmente (Fentress e Wickham, 1992). Ainda assim, nos deteremos mais especificamente no primeiro tipo de memórias: aquelas a que chamamos memórias pessoais. Sobretudo, nos interessará como essas memórias são eminentemente partilhadas.

Tanto Fentress e Wickham (1992) quanto Lowenthal (1998) identificam como função principal da memória dar sentido ao presente de um grupo ou de um indivíduo. Esse sentido, entretanto, deve ser continuamente construído, uma vez que a memória não é estática. Na base da sua formação encontra-se a negociação entre as lembranças do sujeito ou grupo, e as dos outros sujeitos ou grupos. Halbwachs (1990) aponta essa característica como a condição fundamental para que as lembranças sobrevivam: quando lembramos, mesmo que nos achemos sozinhos, o lembrar implica na inserção em um meio social que o possibilita. Mais do que contexto, lembrar implica partilhar lembranças. Segundo Halbwachs,

“Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele, e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e construída” (p. 34).

É nesse sentido também que Lowenthal (1998) afirma que as lembranças dos outros têm, para nós, a função de confirmar e dar continuidade às nossas próprias lembranças. Essa confirmação não se relaciona propriamente à veracidade do fato lembrado. Certamente, não se afirma que a memória ou mesmo grande parte dela seja formada por eventos que não presenciamos, mas que nos foram contados, as “lembranças por tabela” (Pollak, 1992) ou as “lembranças de lembranças” (Lowenthal, 1998). O que se dá, entretanto, é que muito do que recordamos está relacionado aos grupos dos quais fazemos parte e que servem de parâmetros para nossas lembranças. Admite-se, contudo, que nas lembranças mais remotas, mas não só nelas, há um enfumaçado que nos obriga muitas vezes a duvidar explicitamente de que essa ou aquela lembrança seja “real”. A literatura memorialística, por exemplo, trata

recorrentemente dessa nebulosa que são as primeiras lembranças. Três dos principais escritores brasileiros começaram assim seus livros de memórias da infância:

“A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás de uma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse noutra posterior, julga-lo-ia sonho. Talvez nem me recorde bem do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma” (Graciliano Ramos, *Infância*, 1976, p. 09).

“Tanto me contaram a história que ela se transformou na minha primeira recordação da infância. Revejo ainda hoje a minha mãe deitada na cama branca, a sua fisionomia de olhos compridos, o quarto cheio de gente e uma voz sumida que dizia: - Maria, deixa ele engatinhar para eu ver” (José Lins do Rego, *Meus Verdes Anos*, 1993, p. 05).

“De tanto ouvir minha mãe contar, a cena se tornou viva e real como se eu houvesse guardado memória do acontecido: a égua tombando morta, meu pai lavado em sangue, erguendo-me do chão” (Jorge Amado, *Menino Grapiúna*, 1996, p. 11).

Todas as lembranças acima possuem claramente a família como o grupo ao qual podemos relacioná-las. Entretanto, no cotidiano, estamos inseridos em vários grupos. Pode-

se daí depreender que, se um conjunto de lembranças possui como esteio um grupo ao qual elas se relacionam, caso o grupo mude, mudam as lembranças. Mudam, não se apagam. Se considerarmos, como acima dissemos, que a memória não é estática e que ela se produz enquanto a relatamos, conforme o contexto no qual ela é articulada (Pollak, 1992), devemos admitir que a memória é um processo incessante de adaptação de informações ao meio.

O meio no qual se escoram nossas lembranças não é somente o conjunto das nossas relações nos diversos grupos nos quais no inserimos. Ele é também, e, principalmente, para Halbwachs (1990), o quadro espacial no qual convivem pessoas e grupos:

“Não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço — aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento, é a cada momento capaz de reconstruir — que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças” (Halbwachs, 1990, p. 143).

Se a memória desempenha o papel fundamental de dar coerência à história de um grupo, e se admitirmos que comumente percebemos o passado como fixo, ainda que nossa memória não o seja, uma mudança no que chamamos quadro espacial implica uma nova configuração que ameaça a própria identidade do grupo, uma vez que lhe priva dos marcos concretos da recordação. Considerando-se o processo acelerado de mudanças urbanas no

ocidente, sobretudo a partir do Século XIX, pode-se entender porque Jedlowski (2001) aponta três fenômenos relacionados de forma explícita à modernidade: a consolidação de um conhecimento especificamente histórico, o crescimento do sentimento nostálgico e o aumento considerável de antiquários, casas de restauração e museus - segundo Nora (1993), essencialmente lugares de memória.

Consideradas, em linhas bastante gerais, algumas das características do que chamamos Memória Social, é necessário que nos detenhamos nos aspectos mais particulares da sua produção e em como esses aspectos condicionam a produção de Memórias Autobiográficas.

Halbwachs (1990) afirma que quanto mais distantes os fatos recordados, maior a probabilidade de que nos venham à lembrança em conjunto. Nesse conjunto, sobressaem-se claramente as similitudes dos eventos, mais do que a sua diferenciação. Tal informação está de acordo com o que estudos posteriores apontam. Fentress e Wickham (1992) identificam uma tendência à simplificação e à esquematização na memória. Essa tendência é considerada fundamental para a transformação de informações em conceitos. Isso possibilita que o conteúdo mnemônico seja articulado em linguagem e possa ser transmitido, “pois os conceitos são mais fáceis de recordar do que as representações completas” (p. 48-49). Deve-se considerar que é central nesse processo, como afirma Pollak (1989), “uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos” (p. 10). Já havíamos indicado acima que, para Lowenthal (1998), o princípio de confirmação/coerência muitas vezes sobrepõe-se ao da veracidade. Deve-se entender aqui que esse critério é o que articula a estabilidade de identidades tanto grupais quanto individuais. É necessário que vejamos nosso passado e o dos grupos em que estamos inseridos como coerente com o que somos, nós e nossos grupos, hoje. Para isso,

compartilhamos da percepção de que se mudamos, mudamos muito lentamente ao longo dos anos e, principalmente, essas mudanças não nos impossibilitaram de continuarmos nos reconhecendo. Entretanto, obviamente, a coerência só é possível se, na atualização coletiva de nossas lembranças, chegamos a um repertório consensual do que deve ser lembrado: “a memória social não é estável como informação; mas é-o ao nível dos significados partilhados e das imagens recordadas” (Fentress e Wickham, 1992, p. 79). Estabilidade não implica, é bom que se diga, imutabilidade. A Memória Social é “viva”, se adapta, pois é constantemente confrontada com outras memórias. Nesse sentido, a negociação entre as memórias de diferentes grupos não se dá, como se sabe, de forma sempre harmoniosa. Numa comparação intergrupos, diversas vezes uma coerência pode custar a outra. Num nível mais abrangente de construção da Memória Social de uma nação, o conteúdo dessa Memória será necessariamente resultante de um conflito entre grupos com interesses diversos, pois também, assim como no nível dos grupos e do indivíduo, a Memória dá significado ao presente, projetando esse mesmo presente para possíveis futuros (Jedlowski, 2001).

Se a própria dinâmica da Memória possibilita que negociemos continuamente no passado nosso presente e nossas expectativas quanto a um futuro deles decorrente, mantendo nessa negociação uma coerência que nos é tão cara, por que se tem insistido tanto numa “cristalização” do passado na forma de autobiografias?

Nora (1993) identifica no fim do Século XIX, num contexto de desagregação de tradições, o processo de substituição definitiva de parte de uma memória mais dispersa e mais socialmente dinâmica por um discurso eminentemente historiográfico que valorizou sobremaneira a emergência das memórias privadas, apontando assim para a necessidade de que cada indivíduo fosse “um historiador de si” (p. 17).

É possível se pensar, entretanto, que o acréscimo no interesse pela produção de relatos autobiográficos proporcionou ao investigador social a possibilidade de acesso a novas fontes que podem viabilizar a investigação da memória “por dentro”, tendência também claramente relacionada ao contexto acima descrito. Nesse sentido, e também de acordo com uma progressiva valorização do “sentimento da infância” a partir dos Séculos XVI e XVII na Europa (Ariès, 1981), a avaliação de que a própria vida merecia ser contada, produziu uma quantidade razoável de relatos sobre os “tempos de menino”. Para o caso do Brasil, em trabalho de avaliação sobre a memorialística brasileira, Souza (2001) identifica a década de 1940 como o momento em que as memórias da infância “passam se impor dentro do espaço literário [do país]” (p. 48).

De forma geral, numa comparação com o conjunto maior do que pode ser lembrado e, mesmo assim, mais com o sentido de demonstrar como o aumento da complexidade da rede de relações sociais também possibilita uma maior nitidez/ coerência das lembranças, apenas o caráter de menor nitidez, um claro-escuro, segundo Halbwachs (1990), tem sido atribuído à recordação de eventos da infância.

Entretanto, trabalhos realizados no Brasil sobre memórias de nascidos entre o final do Século XIX e o início do Século XX (Bosi, 1999; Caldana; 1998; Silva, Garcia e Ferrari, 1989) têm apontado que, pelo menos quanto ao conteúdo lembrado, as memórias de infância diferem de forma importante daquelas relacionadas aos outros períodos da vida. Há nos trabalhos citados quatro pontos principais que parecem ser coincidentes: a) a tendência considerável dos entrevistados em relatarem acontecimentos de suas infâncias em locais sobre os quais também tecem avaliações sobre elementos que desaparecem ou mudam ao longo do Século XX; b) a caracterização das atividades infantis como o conteúdo mais recorrentemente evocado; c) para aqueles entrevistados criados em famílias

mais pobres, aparecem como relevantes a situação de privação em suas infâncias, bem como a descrição de atividades que poderiam ser caracterizadas como trabalho infantil; d) um certo tom nostálgico presente em vários discursos.

Quanto aos apontamentos que distingam características diferentes do relato segundo o tema abordado, somente no trabalho de Bosi (1999) encontramos:

“Se a memória da infância e dos primeiros contatos com o mundo se aproxima, pela sua força e espontaneidade, da pura evocação, a lembrança dos fatos públicos acusa, muitas vezes, um pronunciado sabor de convenção. Leitura social do passado com olhos do presente, o seu teor ideológico se torna mais visível.

Na memória política, os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica ‘neutra’. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, e reafirmando sua posição ou matizando-a.” (p. 453)

Tal diferenciação não significa que a descrição pura e simples seja característica geral dos relatos sobre a própria infância. O elemento saudoso presente em diversas falas sobre a infância aponta que os sujeitos, ainda que de forma diferente, avaliam e tomam partido hoje na disputa entre o seu passado, mesmo que duro, e o presente, mesmo que incerto. Esse elemento que conjuga lembrar e sentir e que é recorrente no discurso sobre a infância tem sido relegado no estudo da Memória Social no Brasil. Segundo Lowenthal (1998), “ao contrário do panorama esquematizado da memória funcional, acontecimentos recordados com paixão são com frequência mais enfáticos do que quando geralmente experimentados” (p. 99). Apesar disso, a produção acadêmica brasileira tem tratado a

influência do componente saudoso, que é indicativo de um tratamento também afetivo do conteúdo da memória, como um tema menor, ou como característica de um sentimento nostálgico que já está desde sempre entendido.

SAUDADE

Os termos saudade e memória não são sinônimos. Ao mesmo tempo em que se tem subestimado o componente saudoso no discurso memorialista, raramente trata-se a Memória, e suas características de funcionamento, como fator relevante para o entendimento do que se chama Saudade.

Desde D. Duarte e o seu *Leal Conselheiro* (Século XV) a discussão em torno da palavra saudade tem acirrado ânimos, principalmente os d'Além-mar. Discutiu-se se a palavra Saudade era indicativa de algo que só sentiam os portugueses (D. Duarte, XV; Leão, 1606; Pascoaes, 1912) e, por essa razão, intraduzível. Mostraram-nos Sérgio (1913), Vasconcelos (1922) e Carvalho (1952) que o sentimento saudoso não só está presente em outros povos, como esses mesmos povos também possuem um vocábulo que o representa, ainda que esse vocábulo não corresponda inteiramente ao da língua portuguesa (Vasconcelos, 1922) e, mais, não possua a sombra da importância que ele adquiriu para os portugueses (Carvalho, 1952; Vasconcelos, 1922; Pascoaes, 1952). Segundo o poeta e filósofo Teixeira de Pascoaes (1952), “a Saudade é um sentimento universal; mas, só na alma lusitana, atinge as alturas supremas da Poesia -, contendo uma concepção da vida e da existência” (p. 139).

Sentimento moldado pelo contexto de ausência da terra e do amor português, alicerces das navegações de expansão de Portugal (Melo, 1660; Coimbra, 1923), a Saudade

identificada por Pascoaes (1912) como “essência da alma portuguesa” vai ser alçada, no início do Século XX, à condição de peça chave para o futuro daquele país. Capitaneado por Pascoaes, o Saudosismo nasce com a intenção de fazer da Saudade um Projeto para Portugal (Pascoaes, 1913, 1913b), lançando-lhe as bases estética, religiosa e política com as quais “o espírito lusitano abrirá na História uma nova Era” (Pascoaes, 1912, p. 26). Pode-se supor que num contexto europeu francamente apontado para o futuro, tanto científica quanto culturalmente, relacionou-se, mesmo em Portugal, tal movimento a um desejo de imobilismo, a um medo da mudança (Sérgio, 1913). Acompanhando o debate que se deu entre Teixeira de Pascoaes e António Sérgio através das páginas da revista *A Águia*, entre 1913 e 1914 (Botelho e Teixeira, 1986), é possível se sentir a força do confronto entre o discurso eminentemente racional de Sérgio, que argumentava que o florescimento do sentimento saudoso em Portugal devia ser considerado em seu contexto e que, naquele momento, década de 1910, tratava-se já de um sentimento deslocado, e o lançamento das bases da metafísica da saudade de Pascoaes, para quem havia uma linha que ligava a Saudade dos antigos poetas e do povo àquela por ele proposta (o título de uma das cartas de António Sérgio a Pascoaes é *Explicações Necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago*). Pascoaes parece ter vencido a peleja e ter realmente lançado as bases do que se constituiria no Portugal do Século XX como uma Filosofia da Saudade.

Eminentemente metafísica, com exceção feita para a abordagem fenomenológica de Joaquim de Carvalho (1950,1952), a discussão sobre a Saudade em Portugal conduziu-a diretamente à divindade, como, por exemplo, no texto de Coimbra (1923) que define a Saudade como “lembrança da Pátria com o desejo do regresso” (p. 183), esclarecendo que “o Éden era a Pátria, donde o homem foi escorraçado como conseqüência da revolta da sua

vontade contra a união amorosa com o Deus criador” (p.190), ou ao nada, como em Piñeiro (1951, 1953), que defende a caracterização da saudade como um sentimento sem objeto, um sentimento puro.

Segundo Lourenço (1999),

“habitados a tal ponto pela saudade, os portugueses renunciaram a defini-la. Da saudade fizeram uma espécie de enigma, essência do seu sentimento da existência, a ponto de a transformarem num ‘mito’. É essa mitificação de um sentimento universal que dá à estranha melancolia sem tragédia que é o seu verdadeiro conteúdo cultural, e faz dela o brasão da sensibilidade portuguesa”. (p. 31)

Isso é em parte correto. O que se pode perceber na leitura de alguns textos portugueses que tratam da saudade é uma intenção explícita de não abordá-la racionalmente; se ela é fundamentalmente mística ou/ e se caracteriza por ser um sentimento puro, torna-se evidente que não caiba em modelos. Entretanto, desde D. Duarte, que procura, pela comparação com outros sentimentos como o nojo e o pesar, traçar-lhe as especificidades, é possível encontramos em alguns dos textos informações que possibilitam minimamente uma caracterização geral da Saudade. A primeira definição, no sentido estrito do termo, é a de Duarte Nunes Leão (1606), para quem saudade é: “lembrança de alguma coisa com o desejo dela” (p. 18). Em trabalho de leitura obrigatória para o tema, Vasconcelos (1922) identifica os desdobramentos de sentido do vocábulo ao longo da história. A citação longa pode ser esclarecedora:

“*Soedade* designava um lugar ermo; o estado da pessoa que está *só* ou *solitária* sem companhia, quer no meio do mundo, quer apartada do mundo. Mas também significava isolamento, em abstrato.

Visto que sempre houve e há quem ame a *solidão* cingindo-se ao ditado *antes só do que mal acompanhado*, compreende-se que à *soedade* muita vez se apusessem qualificativos como *amena* e *deleitosa*, conquanto para a grande maioria fosse e seja triste.

Das acepções fundamentais de *soedade* há vestígios ainda na *soidade* do século XVI.

Recorrendo ao Poeta d'*Os Lusíadas* vejo que ele emprega *soidade* como equivalente de lugar vasto, ermo e solitário, p. ex. onde diz

Lá numa soidade, onde estendida

A vista polo campo desfalece.

Do sentido *isolamento* derivaram muito cedo outros empregos abstratos: o de *ausência*, *abandono*, *falta*, *míngua*, *carência*, não só de pessoas, mas também de coisas necessárias ou desejadas, e o de *desamparo*, *tristeza*, *melancolia*. – Finalmente chegamos àquele *dó de alma* que se costuma apoderar de quem está só e senheiro. Por extensão designa o *mal de ausência*, a *nostalgia*. (Heimweh, o desejo de ver o *home*, *sweet home*). Todos os desabrimentos, cuidados, e desejos de *solidão*, a mágoa (conforme já defini a *saudade*) de já não se gozar um bem de que em tempos se fruía, a vontade de volver a desfrutá-lo no futuro, e mesmo a de possuir aquilo que nunca se possui: a bem aventurança, o céu”. (p. 53-54)

Pode-se, na grande variedade de sentidos que comporta, apontar como fundamental a estreita ligação da Saudade com a percepção da passagem do tempo e com as implicações trazidas por essa passagem na consciência saudosa. Tanto Carvalho (1950) quanto Ferreira (1963) apontam como central nessa consciência o contraste percebido entre passado e

presente avaliados afetivamente: “O estar saudosos exprime psicologicamente um estado em que a consciência opõe ao que lhe é dado na experiência patente a preferência de algo já vivido e ausente. O passado é representado em conexão de algo atual e presente cuja dimensão afetiva é inferior à dimensão afetiva do passado representado” (Carvalho, 1950, p. 62).

Como elementos desse passado de dimensão afetiva superior, talvez seja possível dizer como objetos da Saudade, temos:

“todos os objetos que podem ser sujeitos de paixões e de afeição: todos os que foram testemunhas do afeto pessoal e individual; e que de algum modo estão ligados à emoção, à memória, à inteligência, e nos quais se fixou a atenção de alguém. A casinha onde se nasceu, o berço, o cantinho onde se brincou, o jardim que se tratou, os brinquedos, o rio da terra natal, o vale, a montanha íngreme e despida, o outeiro, as veigas verdes e bucólicas, a névoa misteriosa que nos ocasionaram tantas emoções e interrogações, a bandeira, o hino e a grandeza da Pátria, o eido nativo, as falas e costumes típicos, as pessoas que conviveram conosco na infância, as badaladas do sino da nossa aldeia, os velhos contos ouvidos à lareira, os carinhos maternos, as amizades de infância, os namoros de adolescente, os velhos tempos passados e espaços possuídos, as cantigas populares que trauteávamos, e outras situações e circunstâncias ligadas ao nosso passado e à nossa pessoa, que são com que terra desprendida do nosso ser e que agora, em tempo presente, demandamos retrotensos com uma intenção de mistério”. (Ferreira, 1963, p. 349)

Talvez tenha sido mesmo essa quantidade de objetos aos quais podemos relacionar nossas Saudades, e certamente há outros mais, o que fez com que Coimbra (1923) afirmasse: “a minha Memória é um eco de saudades” (p. 162).

De forma paralela àquela atribuída ao lembrar mais geral, Lourenço (1999) aponta o “regresso” da Saudade como algo que atribui um sentido ao passado. Sentido que, segundo ele, ultrapassa um simples ajuste aos acontecimentos do presente: “Com a *saudade*, não recuperamos apenas o passado como paraíso: inventamo-lo” (p. 14). Talvez seja essa percepção dada pela Saudade de que o tempo pode voltar melhor, ao menos na imaginação, o que caracterize um tempo da saudade (DaMatta, 1993), ou um tempo humano (Lourenço, 1999), que se contraponha ao tempo dos relógios e da correria do dia-a-dia, irremediavelmente fora das nossas mãos.

É possível que reconheçamos na literatura portuguesa sobre a Saudade várias das características que poderíamos atribuir também à nossa. Entretanto, Orico (s/d) adverte que a Saudade brasileira difere de forma considerável da portuguesa. Para ele,

“Portugal nos transmitiu a civilização, a cruz e a língua, mas não poderia dar a correspondência exata de sentimentos gerados pela sua maneira de ser e de viver. Os brasileiros, portanto, não sentem nem traduzem a palavra como o fazem portugueses. A nossa *saudade* é já um sentimento misturado por outras concepções da vida, uma saudade que se libertou da influência das cantigas de *morrer de amor* ou das serranilhas que de ‘gran soêdade’ tornavam os olhos cativos”. (p. 44)

Mesmo que incorra no erro, segundo Bastide (1983), de misturar o banzo à saudade portuguesa, Orico tem o mérito de ter sido o único autor brasileiro a dedicar toda uma obra

à problemática da Saudade no Brasil. Talvez seja de espantar que um tema tão presente no discurso cotidiano tenha repercutido tão pouco na produção das Ciências Humanas e Sociais no país. Lages (2002) aponta o que provavelmente foi a causa desse silêncio:

“o tema da brasilidade ligada à produção artística fora um dos fios condutores da reflexão dos modernistas brasileiros, que procuraram justamente livrar a arte e a reflexão sobre a arte do peso da tradição portuguesa demasiado identificável com uma atitude excessivamente sentimental e saudosista” (p. 47).

Talvez estejamos, desde então, ao lado de Antônio Sérgio, brandindo, com ele, nossas espadas de pau contra os sentimentalismos.

Em texto publicado em 1993, Roberto DaMatta procura apontar o quanto o tema da Saudade é pertinente ao entendimento da sociedade brasileira. Retomando alguns dos clássicos, propõe uma inversão crucial para a transformação da Saudade em objeto de estudo legítimo das Ciências Sociais. Segundo ele, a Saudade não pode ser entendida como um sentimento que se estende a objetos. Ela deve ser considerada, contrariamente, como uma categoria a qual objetos são relacionados. Nesse sentido, não é o sentimento que produz a categoria e sim a categoria é que produz o sentimento: “como brasileiros falantes de português e membros de uma comunidade histórica luso-brasileira, aprendemos a *sentir saudade*, como aprendemos a brincar carnaval e a comer feijoada...” (DaMatta, 1993, p. 23).

Aqui é possível que digamos: sendo fundamental para a Memória Social a partilha tanto de significados quanto de imagens, e se a Memória é componente crucial da Saudade, não seria também razoável supor que no próprio aprendizado da Saudade estaria já embutida uma gama de elementos a serem valorizados socialmente como saudosos? Ou

será por acaso que os relatos dos trabalhos sobre memórias de infância apontam sentimentos saudosos para os mesmo objetos? Se a saudade é aprendida, e se aprendemos também o que lembrar, de que forma essas duas podem se conjugar em lembrança saudosa de um período específico como a infância?

Antes de passarmos ao próximo tópico, um presente de Lourenço (1999): “Antes de ser pensada, a saudade foi cantada e é filha e prisioneira do lirismo que primeiro lhe deu voz” (p. 13).

LETRAS DE MÚSICA COMO FONTE DE DADOS

Segundo Napolitano (2002), “entre nós, brasileiros, a canção ocupa um lugar muito especial na produção cultural. Em seus diversos matizes, ela tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas, sobretudo, das nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas” (p. 77). Apesar disso, somente a partir do final da Década de 70 a história, a sociologia, a crítica literária, a antropologia e a semiótica brasileiras passaram a se interessar mais sistematicamente pelo estudo da música popular (Moraes, 2000). Passou-se, principalmente, a reconhecer, nessa música,

“Um acervo importante para se conhecer melhor ou revelar zonas obscuras das histórias do cotidiano dos segmentos subalternos. Ou seja, a canção e a música popular poderiam ser encaradas como uma rica fonte para compreender certas realidades da cultura popular e desvendar a história de setores da sociedade pouco lembrados pela historiografia” (Moraes, 2000, p. 204-205).

A partir de então, a música popular, particularmente as suas letras, tem se apresentado como fonte para o estudo de elementos históricos, culturais e políticos por ela refletidos, como, entre outros, as relações de gênero (Menandro, Pereira, Amim e Santos, 2003; Matos, 2000; Beltrão Jr., 1993; Cruz, 1992; Oliven, 1987), a malandragem e a boemia (Matos, 1982; Matos e Faria, 1996), as imagens do Brasil (Augras, 1998), o discurso trabalhista na Era Vargas (Pedro, 1980), e as representações de um espaço sócio-geográfico específico como a favela (Oliveira e Marcier, 1999), ou a São Paulo em franco processo de se tornar metrópole (Caldas, 1995).

Considerar a produção de compositores populares como crônicas (Matos, 1982) sobre aspectos marcantes de nossa história e de nossos costumes é possibilidade que tem sido cada vez mais acionada, baseando-se na constatação de que nas letras da música popular não existem apenas registros e descrições dos fatos históricos, mas também avaliações desses fatos. Dessa forma, admite-se que, de maneira geral, as representações de uma época estão contidas também na produção cultural desse mesmo período (Medina, 1973).

A escolha de letras da música popular brasileira como fonte para a obtenção do material a ser analisado traz consigo implicações que devem ser aqui consideradas.

A) Deve-se primeiro admitir que compõem a canção simultaneamente letra e música. Apenas numa perspectiva analítica é possível separar os dois elementos (Moraes, 2000). Tal procedimento, ainda que apontado por Napolitano (2002) como um “vício” na produção brasileira sobre música popular, é plenamente justificável se o que se procura é a utilização das letras eminentemente como fontes das quais podem ser extraídas informações sobre aspectos gerais do cotidiano, e não a construção de um trabalho específico sobre a música popular brasileira. Morin (1973) destacou que, ainda que a canção sempre se

apresente como uma totalidade música-letra, cada uma delas exige princípios de análise distintos e não necessariamente convergentes.

B) Admitir o caráter da linguagem como fato social nos remete à consideração de que sua análise está estreitamente ligada ao contexto em que é produzida e ao quanto da rede social onde estão inseridos seus produtores é por ela refletida. Se na linguagem verbal o diálogo, seja ele "interno ou externo", é condição fundamental para a produção de sentido (Bruner, 1997), podemos considerar que também as letras de canções podem ser admitidas como objeto válido para o estudo de aspectos psicossociais por elas contemplados. Não nos custa considerar que abordagens metodológicas utilizadas para o discurso falado, tal como aparecem, por exemplo, em Montero (1995) ou em Spink (1999), nada perderiam de sua coerência se fossem utilizadas para a análise de um discurso cantado ou mesmo escrito. Certamente, devem ser considerados alguns dos aspectos característicos de cada um desses tipos de "fala" - escrita, cantada ou presente numa conversa cotidiana. O nível de elaboração da mensagem encontrada em uma obra literária é, espera-se, maior do que aquele exigido no dia a dia. Entretanto, parece pouco provável que alguma mensagem consiga escapar completamente do contexto cultural da sociedade na qual foi produzida, ou do jogo de identificações entre seus produtores e receptores.

Segundo Menandro (1998),

"A música popular brasileira é fonte riquíssima de elementos que permitem recuperar parte do caminho da formação cultural do país no século XX. A produção 'literária' na forma de letras de canções reflete a visão que os compositores têm, ou tinham, de determinadas temáticas - visões essas que, ao mesmo tempo, espelham práticas culturais correntes e voltam a incidir sobre tais práticas com uma boa dose de poder influenciador" (p. 11).

Assim, de forma mais pontual, entendemos como possível e válido o estudo de aspectos psicossociais presentes na música popular brasileira uma vez que:

- a) pode-se supor que as temáticas mais abordadas por essas composições refiram-se a situações e hábitos presentes no cotidiano de compositores, intérpretes e ouvintes. Assim, essas composições podem fornecer informações/ avaliações relevantes sobre esse cotidiano;
- b) podemos considerar, dependendo do tamanho do acervo de canções de que dispusermos, que talvez seja possível identificar modificações no tratamento de uma mesma temática ao longo de décadas.

A idéia inicial foi a de trabalhar com um grande arquivo de letras relacionadas à saudade, como será esclarecido na sessão seguinte. Algumas circunstâncias que também serão esclarecidas mais adiante determinaram uma mudança de planejamento. Passou-se a trabalhar com um conjunto de letras de canções bem mais reduzido, com o objetivo de investigar um aspecto mais específico do amplo tema retratado nas letras, além de incorporar ao trabalho a possibilidade de testar a compatibilidade de duas propostas de análise de dados construídas sob perspectivas diferentes.

Assim, no caso específico desse trabalho, pareceu possível acompanhar através das letras de canções aspectos sociais relacionados ao relatar lembranças, particularmente as saudosas, em um período de tempo mais extenso, a fim de que possamos, como indicado no item b, identificar a constância ou variabilidade de concepções e avaliações sobre o tema Infância nessas mesmas letras.

De modo mais explícito, esse trabalho teve dois objetivos, cuja descrição mais detalhada exige referência a alguns procedimentos adotados desde a sua concepção inicial, o que será feito na sessão seguinte. De qualquer forma, apresentamos abaixo os objetivos do presente estudo em linhas gerais:

Um objetivo foi o de identificar e analisar os principais elementos do discurso sobre a saudade da infância, presentes em letras de canções populares compostas ou gravadas a partir de 1927 (a partir da década de 20 a produção fonográfica, principalmente a popular, cantada em português, vai progressivamente se avolumando).

O outro objetivo foi o de comparar características das análises de dados textuais resultantes de dois procedimentos indicados para tal finalidade (desenvolvidos a partir de perspectivas diferentes), além de aferir a viabilidade de uma proposta que integra aspectos dessas duas modalidades de análise.

Numa perspectiva que admite que tanto a construção de um conteúdo de Memória, quanto a identificação dos objetos aos quais se relaciona a Saudade são eminentemente negociadas no jogo das práticas cotidianas, implicando numa partilha de concepções e imagens que possa permitir a produção de um campo de significados comuns, procuraremos analisar a interação entre os elementos recordados num jogo de coerências identificado como próprio da organização das lembranças.

MÉTODO

“Eu matei minha saudade mas depois
veio outra”
Cacaso, *Infância* (2).

Como já foi mencionado anteriormente, o trabalho aqui relatado resultou da análise de uma parte do material efetivamente coletado. É importante fazer referência ao banco de dados integral que serviu como ponto de partida porque isso é indispensável para o entendimento dos critérios adotados para a seleção inicial das letras das canções. Esse banco de dados original reuniu 516 letras e foi constituído a partir do exame de milhares de letras com o objetivo de verificar se cada uma delas atendia a um (ou a ambos) dos critérios explicitados a seguir:

1) Presença da palavra “saudade”. Pelo fato de se tratar de palavra que não tem sinônimos exatos, os letristas empregam, com frequência, exatamente essa palavra quando querem mencionar o assunto. A alternativa possível é lançar mão de expressões, correntes ou originais, que pretendem transmitir a mesma idéia. Isso remete ao próximo critério.

2) Presença de elementos que comuniquem um estado ou sentimento explicitamente saudoso, ainda que não esteja presente a palavra “saudade”, valendo-se de expressões que podem ser consideradas como pertencentes a esse âmbito. São expressões do tipo “tempo bom que não volta mais”, “quem dera voltar àquele tempo”, “que falta sinto da terra em que cresci”, “como era bom meu tempo de brincar”, que são expressões claramente relacionadas com a idéia de saudade.

Decidiu-se considerar um determinado tipo de menção como caso especial que não interessaria coletar. Trata-se das letras que falam de saudade exclusivamente relacionada a alguém com quem se teve algum relacionamento amoroso (ou se pretendeu ter tal

relacionamento). Além de ser um tipo de manifestação muitas vezes relacionada com inconformismo ou remorso de uma forma diferente daquela que se observa nas demais menções à saudade é muito menos preciso quanto ao fato de estar se referindo a algo distante no tempo. Por essas razões, tais letras não foram coletadas (caso tivessem sido incluídas o banco de dados inicial seria muito maior, uma vez que o tema da desilusão amorosa e das marcas que ela deixa é um dos mais freqüentes do cancionário popular em várias culturas).

Antes do início da coleta de dados decidimos que não haveria razão para privilegiar algum ou alguns estilos musicais relacionados aos regionalismos, aos ritmos ou aos tipos de público consumidor. Resultou daí uma seleção bastante democrática, com letras de sambas, marchas, modas de viola, repentes, guarânias, valsas, xotes, frevos, entre outras modalidades. A coleta foi realizada em livros, revistas, discos e CDs de acervos particulares volumosos e representativos, pelo fato de abrangerem todo o século XX a partir dos anos 1920, e no acervo da Rádio Espírito Santo AM, em Vitória, ES. Procurou-se incluir no banco de dados inicial apenas aquelas músicas para as quais fosse possível identificar, como dito acima, a data de composição ou a data da primeira gravação. Quando selecionadas a partir de gravações de áudio, procedeu-se à transcrição integral das letras.

Respeitando os critérios, e as limitações, definidos nos parágrafos anteriores, foi possível reunir letras que recordavam a terra natal, os antigos carnavais, os elementos urbanos não mais existentes, os costumes e formas de interação que desapareceram, um período ou movimento musical e, enfim, um “tempo feliz”, ainda que esse tempo nem sempre fosse situado com absoluta precisão.

Tal conjunto de letras (516 ao todo, vale lembrar) foi organizado, desde o início, levando em consideração a data original de gravação e divulgação das canções. Não houve

pretensão de fazer um levantamento exaustivo, mas, como interessa à investigação a perspectiva longitudinal, que poderia revelar mudanças expressivas na forma como algumas temáticas foram tratadas ao longo do século XX ou na frequência com que apareceram em diferentes períodos, houve a preocupação de garantir o número mínimo de 50 canções em cada uma das oito décadas abrangidas pelo levantamento (1925 a 1934 sendo o primeiro período; e 1995 em diante como o oitavo e último período).

Em virtude da maior facilidade de localizar canções divulgadas em algumas dessas décadas, o número total de canções coletadas variou do número mínimo até quase cem canções em algumas décadas.

Como também já foi mencionado, decidimos incorporar ao objetivo inicial do trabalho uma questão metodológica: investigar a possibilidade de que a utilização de um programa computacional de análise estatística de textos (que se vale de cálculos efetuados sobre as características das co-ocorrências de palavras em segmentos de texto) e a utilização paralela de um procedimento de análise de conteúdo clássica, ambos efetuados a partir do mesmo banco de dados, pudesse resultar em ganhos concretos em relação à utilização de apenas uma dessas alternativas de análise.

Tal decisão nos obrigou a abandonar o projeto de trabalhar com o acervo completo. Utilizar esse primeiro acervo, além de tornar inexecutável em prazo razoável a realização da análise de conteúdo, bem como a integração dos dados obtidos a partir dos dois procedimentos, criaria uma condição de diversificação de elementos que seria impeditiva da comparação Análise de Conteúdo / Alceste.

Foi necessário, então, escolher um conjunto de letras que, além de especialmente significativo para o tema da saudade, reunisse um volume de material suficiente para ser analisado pelo programa computacional Alceste. Dos subconjuntos de canções

evidenciados pela interpretação dos dados organizados por uma análise inicial do Alceste, um mostrou-se extremamente promissor para os objetivos do trabalho. Trata-se do conjunto de letras que se referem à saudade da infância. Embora não fosse o mais volumoso dos subconjuntos de letras, apresentava-se como o mais rico em termos de diversidade de elementos (o que, em um volume menor de dados deixa de ser um impeditivo e passa a ser uma vantagem) e reunia material textual com a magnitude exigida pelo Alceste. Foi feita, então, a opção de trabalhar com as letras relativas à saudade da infância. Para isso foram selecionadas todas as músicas que mencionavam a infância, o tempo de criança, a meninice, o tempo em que se era pequenino, enfim, todas as canções que fizessem referência, de forma inequívoca, à infância. Por extensão, já que todas as letras haviam passado pela seleção inicial relacionada à saudade, todas falavam de saudade da infância.

A partir de tal decisão foram analisadas 70 letras de músicas surgidas a partir de 1927. Uma perda inevitável resultante dessa redução do acervo inicial foi a de alguma equivalência do número de letras de cada década. As 70 letras (Anexo I) ficaram assim distribuídas pelas décadas: a) 1925-1934 (05 letras); b) 1935-1944 (08); c) 1945-1954 (07); d) 1955-1964 (12); e) 1965-1974 (07); f) 1975-1984 (11); g) 1985-1994 (09); e h) 1995-2002 (11).

Para o tratamento do banco de letras sobre lembranças saudosas da infância foram utilizados três procedimentos de análise: 1) um programa computacional para análise estatística de dados textuais, o Alceste; 2) um procedimento clássico de análise de conteúdo; e num terceiro momento, 3) um procedimento que acreditamos ter promovido a articulação dos dois primeiros e proporcionado uma apresentação mais contextualizada dos vínculos entre as letras analisadas. Identificamos esse processo como “redes de conteúdo”.

A seguir algumas informações sobre cada um dos três procedimentos:

ALCESTE

Desenvolvido por Max Reinert (1998), esse *software* conjuga uma série de procedimentos estatísticos aplicados a bancos de dados textuais, como entrevistas, obras literárias, artigos de jornais e revistas, entre outros, desde que possuam no mínimo 50.000 e no máximo 10.000.000 de caracteres.

Na base do funcionamento do programa encontra-se a idéia de relação entre contexto lingüístico e representação coletiva ou entre unidade de contexto e contexto típico (Reinert, 1990). Unidade de contexto é aqui entendida como uma espécie de representação mais elementar, mais singular, um enunciado mínimo, um sentido mínimo em um discurso. Tal enunciado é postulado como uma idéia de um indivíduo psíquico referida a um objeto, mas também, ao mesmo tempo, ao próprio sujeito. É essa dupla referência que permite a formação da representação de um objeto. Por extensão, a regularidade de representações entre indivíduos pode promover a existência de um contexto típico de um grupo: um representação coletiva, um “mundo”. Segundo Reinert (1990)

“As representações locais, múltiplas, imediatas associadas aos enunciados de um *corpus* se organizam em função de leis específicas identificando tipos de ‘mundos’. Seu traço na língua só pode ser revelado através de um grande número de enunciados semelhantes, segundo um certo ponto de vista. A representação que nós podemos ter desses mundos através do *corpus* estudado pode ser freqüentemente arcaica [rudimentar], pois que ela não está diretamente

anunciada no *corpus* e que nós a revelamos através de uma análise estatística bastante grosseira, por uma classificação” (p. 32).

Na caracterização desses mundos, a regularidade de um vocabulário específico pode indicar a existência de um certo “campo contextual”, um espaço semântico específico. Reinert (2001) propõe uma extensão desse espaço a uma idéia de “fundo associativo” ou “fundo tópico”, revelado através da co-ocorrência das chamadas “palavras plenas”. “Palavras plenas” devem ser entendidas como algo que excede os significados anotados nos dicionários, uma vez que se inscrevem na história dos falantes, pois são utilizadas como uma atualização do próprio sujeito e de seu campo de referência aos objetos, num aqui e agora do discurso.

Deve-se observar, entretanto, que, em seu aspecto operacional, o objetivo do Alceste

“não é o cálculo do sentido, mas a organização tópica de um discurso ao colocar em evidência os ‘mundos lexicais’. No Alceste, o vocabulário de um enunciado constitui um traço, uma referência, um ‘funcionamento’, enfim uma intenção de sentido do sujeito-enunciador. Para esse método, que não esconde seu fundamento lexicométrico, os traços mais fortemente característicos desse ‘funcionamento’ do léxico são os ‘mundos lexicais’” (Kalampalikis, 2003, p. 151).

Ainda segundo Kalampalikis (2003), esses “mundos lexicais” só podem ser entendidos num esquema maior de relações. Ou seja, só há a possibilidade de significação

de um “mundo lexical” se há um outro “mundo lexical” que o defina por contraste ou complementaridade.

De forma mais direta,

“o pressuposto de Alceste é que pontos diferentes de referência produzem diferentes maneiras de falar, isto é, o uso de um vocabulário específico é visto como uma fonte para detectar maneiras de pensar sobre um objeto. O objetivo de uma análise com Alceste, portanto, é distinguir classes de palavras que representam diferentes formas de discurso a respeito do tópico de interesse” (Kronberger e Wagner, 2002, p. 427).

Convêm, antes de apresentarmos os procedimentos do programa, algumas palavras sobre a preparação do *corpus*. Inicialmente, há necessidade de uma certa “adaptação” do texto a ser trabalhado. Por exemplo, não há a possibilidade do programa discriminar rio de Rio. Assim, Rio deve ser sempre transformado em Rio_de_Janeiro, ou seja, uma só “palavra”, para os padrões do programa. Alguns caracteres, como o \$, possuem significado especial para o programa, sendo entendidos como comandos. Deve-se, dessa forma, efetuar um procedimento inicial de “limpeza” no texto. Também referente à preparação do *corpus* é a identificação de palavras que não serão submetidas com o mesmo status aos procedimentos destinados ao texto a ser efetivamente analisado: são as variáveis que queremos que sejam consideradas em sua relação com os resultados das operações estatísticas às quais o *corpus* em si vai ser submetido. Essas variáveis precedem as diferentes unidades de textos a serem analisadas, no nosso caso, letras de diferentes canções, e são identificadas por um asterisco, sendo, por isso, chamadas de palavras estreladas.

Passaremos a descrever agora algumas das principais operações realizadas nas quatro etapas do procedimento Alceste (Figura 1 - adaptada de Kah, 2001). Primeiramente, a definição de alguns termos (Reinert, 1998):

UCI: Unidade de Contexto Inicial. É a partir dela que o programa efetuará a fragmentação inicial. Pode ser um capítulo de livro, uma matéria jornalística, uma resposta de entrevista. No nosso caso, refere-se a uma letra de música.

UCE: Unidade de Contexto Elementar. Definida pelo Alceste, segundo critérios de tamanho do texto (número de palavras analisadas) e pontuação. “É a partir do pertencimento das palavras de um texto a uma UCE, que o programa Alceste vai estabelecer as matrizes a partir das quais será efetuado o trabalho de classificação” (Reinert, 1998, p. 17).

UC: Unidade de Contexto.

“Agrupamento de UCE sucessivas dentro de uma mesma UCI, até que o número de palavras diferentes analisadas (contidas nessa unidade de contexto) seja superior ao limiar fixado na análise. (...) Esse limiar é fixado proporcionalmente ao número de palavras analisadas. As UC devem ter uma homogeneidade semântica e devem ser de tamanho comparável. Ou seja, são unidades estatísticas de pesos idênticos. Elas estão na base de todas as estatísticas efetuadas” (Reinert, 1998, p. 18).

Classe: uma classe pode ser definida para o momento como um tema representado por várias UCE de vocabulário homogêneo.

“Lematização”: operação em que as palavras ou formas são substituídas por uma forma reduzida que permite ao programa considerar como equivalentes palavras que

significam aproximadamente a mesma coisa, mas que são diferentes quanto ao gênero, ao número ou ao fato de serem substantivos, adjetivos ou advérbios. Nesse procedimento, por exemplo, AMOR, AMORES, AMOROSOS são substituídas no texto pela forma AMOR+.

AFC: Análise Fatorial de Correspondência. Descrição do cruzamento entre o vocabulário (considerando a frequência de incidência de palavras) e as classes, resultando uma representação gráfica num plano cartesiano onde podem ser vistas as oposições entre classes ou formas.

Quatro etapas de procedimento compõem o método Alceste. A primeira (A) refere-se a uma “leitura” do texto e ao cálculos dos dicionários. O programa realiza inicialmente a listagem em ordem alfabética de todo o vocabulário do *corpus*. Dessa lista inicial deriva-se uma segunda composta pelas formas reduzidas e palavras que passam a ser representadas por essas formas reduzidas, ou seja, um dicionário de formas reduzidas. Uma outra lista é produzida com as formas reduzidas mais frequentes. Adjetivo, substantivo, pronomes, artigos são algumas das chaves categoriais utilizadas pelo programa para a primeira classificação do vocabulário realizada nessa etapa. Deve-se observar que o programa possui dicionários acoplados, o que possibilita a identificação de diferentes conjugações verbais, bem como uma diferenciação entre palavras com função puramente sintática (pronomes, artigos, advérbios) e aquelas com “conteúdo” (verbos, substantivos, adjetivos). Tal procedimento é relevante porque é sobretudo com essa segunda classe de palavras que o programa vai trabalhar.

Na etapa B são selecionadas as formas reduzidas com frequência maior ou igual a 04. É nessa etapa também que são definidas as UCE, o que, como vimos, pode acontecer segundo o critério de tamanho do texto ou de pontuação (por exemplo, ponto final = fim de uma UCE). Nessa etapa de procedimento, o Alceste realiza o cálculo de três cruzamentos

(Classificação Hierárquica Descendente -CHD): a) Todas as UCE x todas as formas reduzidas; b) UC tamanho 1 x formas reduzidas selecionadas; c) UC tamanho 2 x formas reduzidas selecionadas. Uma matriz é formada para cada um desses cruzamentos, onde os valores 0 e 1 indicam, respectivamente, ausência ou presença de determinada palavra em uma UCE ou UC. Segundo Kronberger e Wagner (2000),

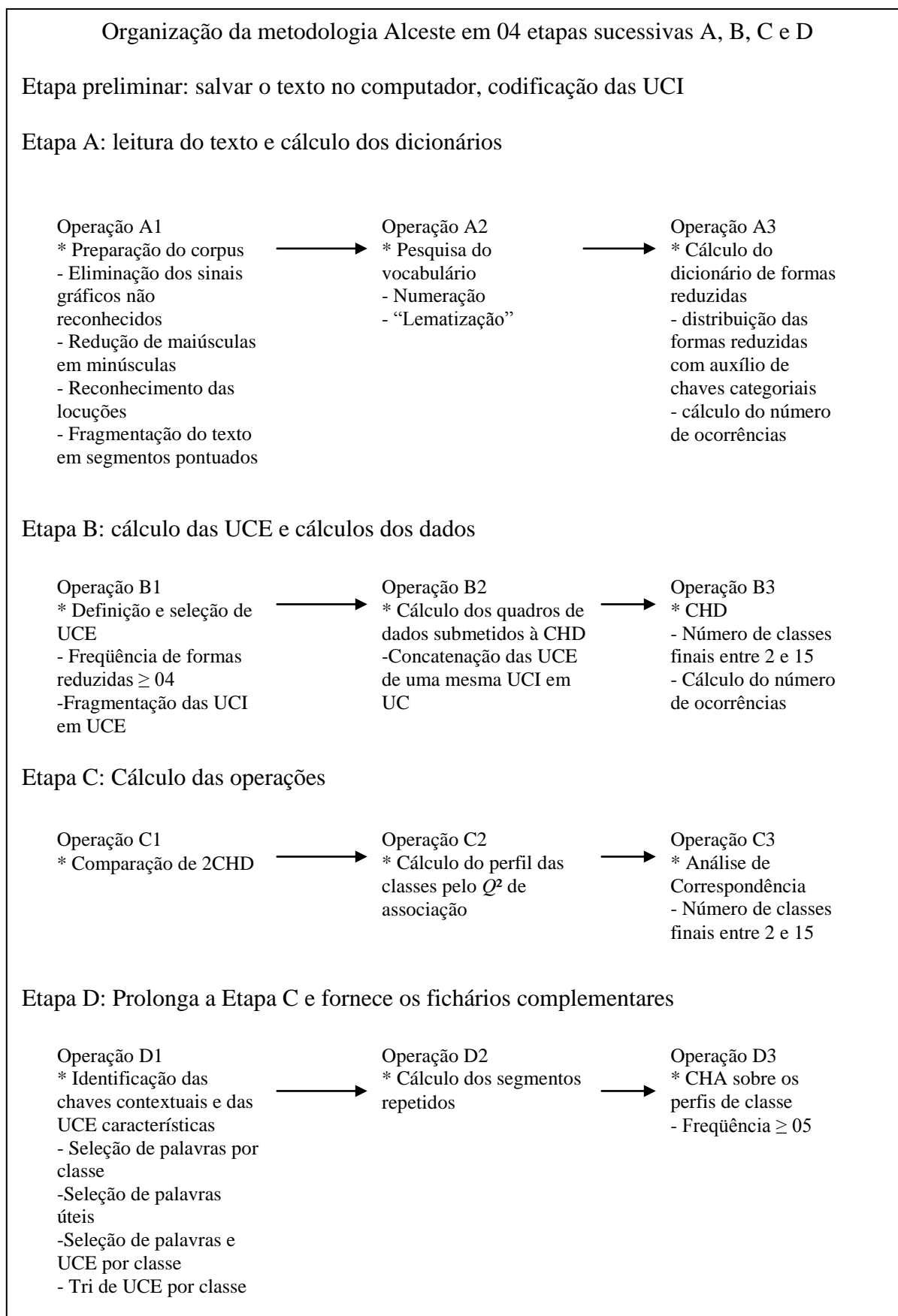
“o conjunto total de unidades contextuais na matriz de indicadores inicial (unidades contextuais por palavras) constitui a primeira classe. O objetivo do próximo passo é conseguir uma divisão dessa classe em duas, que separem, da maneira mais nítida possível, as classes resultantes, de tal modo que as duas classes contenham diferentes vocabulários e, no caso ideal, não contenham nenhuma palavra sobreposta” (p. 429).

O procedimento é continuamente efetuado até que não resulte em novas classes. Na análise *standard*, os tamanhos diferenciados de UC são definidos pelo programa (mas também podem ser alterados pelo pesquisador, assim como vários outros parâmetros do Alceste) e se referem ao encadeamento de UCE sucessivas até que o número de palavras selecionadas seja maior ou igual ao valor estipulado. O objetivo de cálculos com dois valores de UC é avaliar se o tamanho do texto a ser considerado pode interferir na formação das classes.

Na etapa C os valores obtidos nas duas últimas CHD são comparados e somente a parte “estável” dos resultados será considerada na determinação dos perfis de classe, a serem definidos pelo Q^2 de associação das formas reduzidas às suas respectivas classes. Também relacionada a essa etapa está a Análise Fatorial de Correspondência que efetua um cruzamento entre as formas reduzidas com frequência maior do que 08 e as classes formadas.

A etapa D destina-se aos cálculos complementares e é nela que são formadas as listas de formas reduzidas associadas a contextos, que também correspondem às classes anteriormente formadas e possibilitam a identificação das UCE características de cada uma das classes. São identificados também os segmentos repetidos, ou seja, os trechos de frases mais recorrentes em cada um dos contextos/ classes. Por último, realiza-se a Classificação Hierárquica Ascendente que consiste no cruzamento entre as UCE das classes e as formas reduzidas características da mesma classe.

Figura 01- Etapas do Procedimento do Método Alceste (Fonte: Kah, 2001)



Não nos deteremos aqui em uma descrição mais pormenorizada das operações de cada uma dessas etapas, uma vez que tal detalhamento não interfere na compreensão das operações de interesse mais direto para o presente estudo. Do relatório de resultados originado da utilização do Alceste no nosso banco de dados serão utilizados a lista de Classes, com seus respectivos vocabulários; a relação de UCE características de cada Classe; o gráfico da Análise Fatorial de Correspondência; e os resultados da Classificação Hierárquica Ascendente.

Para os resultados das operações que nos serão úteis, algumas informações:

Segundo Reinert (2001),

“as classes obtidas [na análise] podem ser interpretadas de três pontos de vista:

a) Como conteúdo, ou seja, observando-se a lista de palavras ou a lista de UCE que lhes são específicas; b) Como ‘funcionamento’, porque, por suas oposições, exprimem um certo dinamismo do percurso discursivo; c) Como representação, pois essas classes formam [um] sistema e refletem uma certa estabilização do ‘funcionamento’ do autor” (p. 34).

Esses pontos de vista não se excluem. Assim, procuraremos buscar, em cada um deles, elementos que nos permitam articular de forma mais geral os resultados do programa a fim de que nos forneçam uma leitura mais abrangente e integrada do nosso *corpus*.

Como mencionado acima, a Análise Fatorial de Correspondência nos permite verificar as relações entre as classes num plano gráfico, apontando, segundo a “localização” dessas classes, a sua interação. Ainda que apresente limitações, como a não contextualização (o “como” e o “porquê”) da fala e a não consideração de que a ordem das sentenças altera o resultado final do sentido do discurso (Lorenzi-Cioldi, 1997), a Análise

Fatorial de Correspondência permite, o que nos interessa, uma visualização geral articulada dos agrupamentos de vocábulos presentes no discurso saudoso sobre a infância.

A Classificação Hierárquica Ascendente realizada pelo Alceste com o cruzamento entre as UCE da classe selecionada e as formas reduzidas específicas dessa mesma classe permite a visualização de “laços de vizinhança ou sinônimos” (Reinert, 1998, p. 33) indicativos de contextos ou “núcleos” que devem ser considerados enquanto tais e que podem auxiliar tanto na leitura da formação das classes, quanto na observação e avaliação da inter-relação entre elas.

No presente trabalho os resultados do Alceste serão considerados, segundo propõem Reinert (1990) e Kronberger & Wagner (2002), como uma primeira organização geral dos dados coletados.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

A Análise de Conteúdo (Bardin, 1977; Bauer, 2002), também um procedimento de fragmentação de textos com o objetivo de identificar regularidades entre os mesmos, já demonstrou ser um interessante instrumento para a análise de letras de músicas (Augras, 1998; Menandro et al, 2003). Sua utilização aqui também pode ser proveitosa, pois possibilita o tratamento de todo o material textual, diferentemente do Alceste, que, no corte inicial, só irá analisar formas reduzidas com frequência maior ou igual a 04, o que pode representar um problema por descartar sinônimos menos utilizados, identificando-os como palavras pouco frequentes.

Buscando identificar a pluralidade de temáticas presentes num conjunto de textos, ao mesmo tempo em que pondera sobre a frequência desses temas dentro desse mesmo

conjunto, a Análise de Conteúdo pode proporcionar, numa comparação entre os elementos do *corpus* (palavras ou sentenças), a constituição de agrupamentos de elementos de significados mais próximos, proporcionando a formação de categorias mais gerais de conteúdo.

Esse processo, no nosso caso, deu-se da seguinte forma:

1- Primeira leitura do corpus. Anotação de impressões gerais sobre possíveis elementos recorrentes nas letras.

2- Segunda leitura do corpus. Pré-categorização. Contagem parcial dos elementos identificados na primeira leitura, visando confirmação ou não de categorias gerais e identificação de possíveis novas categorias.

3- Terceira leitura. Construção de grades de categorias contendo tema geral, palavras e frases relacionadas a esse tema, identificadas nos períodos previamente definidos (décadas).

4- Agrupamento de elementos (palavras e/ ou frases) da categoria geral em subcategorias.

5- Contagem da frequência final dos elementos nas subcategorias e nas categorias gerais.

A Análise de Conteúdo realizada nesse trabalho pretende ser tanto descritiva - mais do que tradicionalmente, considerando-se a especificidade da fonte - quanto analítica, procurando regularidades de elementos nas letras analisadas. Mostrar a variedade de elementos regionais, como plantas ou comidas típicas, para nós justifica o procedimento de procurar manter, na medida do possível, uma categorização menos rígida das respostas nas subcategorias. Tal fato, e mesmo por isso assim procedemos, não impede que se veja no interior das categorias gerais outros agrupamentos possíveis de dados. Em alguns casos, nas

situações em que algo é dito de duas ou mais maneiras em diferentes músicas, procuramos manter essas diferentes versões. Nas letras, como, em certa medida, na fala em geral, também importa, em algo que é dito, o como se diz. Mantivemos, é bom observar, nessa linha tênue entre categorias mais abertas e rigor de classificação, o critério de se considerar somente o que explicitamente estivesse representado nas letras. Assim, nessa etapa não há subentendidos, não há a ausência de determinada informação sobre um elemento considerada como dado em si.

As categorias gerais resultantes desse procedimento apontam linhas gerais de temas e avaliações recorrentes nas letras analisadas, incluindo elementos recordados, como brinquedos, lugares, pessoas, e a avaliação do próprio contexto do recordar. Por fim, chegamos a uma listagem de elementos significativos que, entretanto, nos indicava ainda de forma pouco clara as ligações entre as categorias formadas por esses mesmos elementos.

REDES DE CONTEÚDO

Segundo Bauer (2002),

“a análise de conteúdo pode reconstruir ‘mapas de conhecimento’ à medida que eles estão corporificados em textos. As pessoas usam a linguagem para representar o mundo como conhecimento e auto-conhecimento. Para reconstruir esse conhecimento, a AC pode necessitar ir além da classificação das unidades do texto, e orientar-se na construção de redes de unidades de análise para representar o conhecimento não apenas por elementos, mas também em suas relações” (p. 194).

Nessa direção, utilizando as categorias mais relevantes em termos de frequência provenientes da Análise de Conteúdo, realizamos nova leitura do banco de dados, desta vez identificando em quais categorias uma mesma letra teve elementos (palavras e sentenças) classificados. Efetuamos, na construção da estrutura inicial de rede, a junção de algumas categorias gerais, levando-se em conta aspectos confluentes na categorização dos dados apontados tanto pela análise do Alceste quanto pela Análise de Conteúdo, ambas realizadas, bem entendido, antes dessa fase. Esse é um dos motivos que fazem com que as frequências das Redes de Conteúdo sejam algumas vezes ligeiramente diferentes daquelas encontradas na Análise de Conteúdo.

O resultado desse processo é a representação gráfica da rede de relações entre o que, onde e quem é lembrado, e a avaliação tanto do contexto relacionado à interação desses elementos, quanto da situação na qual se dá a evocação.

Apenas três letras ficaram de fora dessa fase, pois estavam relacionadas a somente uma das categorias provenientes da Análise de Conteúdo. Tal fato indica a possível relevância desse procedimento, uma vez que aponta, no mínimo, para uma caracterização geral do *corpus* como formado por textos eminentemente multi-referenciais.

RESULTADOS

“Lentamente se acalma no país das lembranças
a invasão furiosa das sensações”.

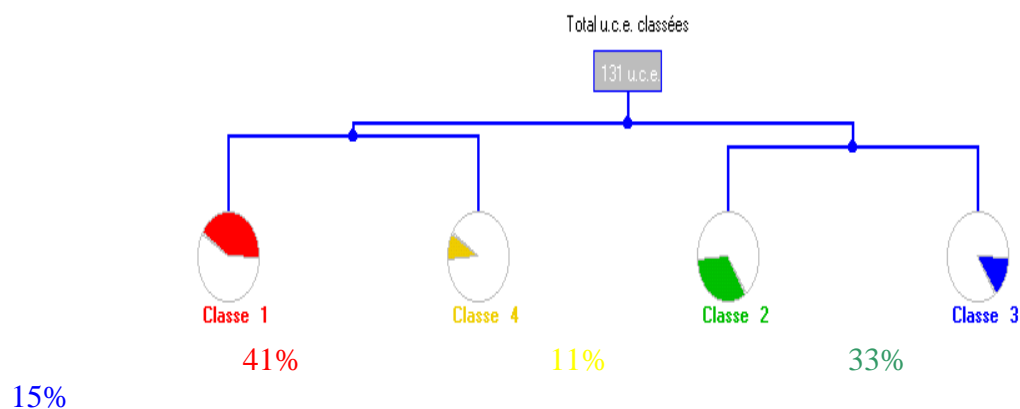
Mário de Andrade, *Yayá, Fruta-do-conde, Castanha-do-Pará!*...¹

ALCESTE

Das 70 UCI (Letras) originaram-se 235 UCE, com um número de ocorrências analisáveis (formas reduzidas acima do limiar estabelecido, no caso, frequência maior ou igual a 03) abarcando 42,73% do total. A intercessão das classes resultantes dos 02 procedimentos de classificação hierárquica descendente (com 10 e 12 formas reduzidas, com frequências maiores que 04, por UC) resultou em 131 UCE classificadas (55,74% das 235 UCE totais), sendo 12 o número mínimo de UCE estabelecido para a formação de uma classe. Seleccionadas as formas reduzidas com Q^2 maior que 2 (observe-se que, para o cálculo, o grau de liberdade é igual a 01 e serve como índice de ligação de uma forma reduzida a uma classe), chegou-se à formação de 04 classes estáveis. Na figura 2 podemos observar a porcentagem de UCE (total 131) contidas em cada classe, as formas reduzidas de palavras relacionadas a cada uma das classes, com o Q^2 de associação, e os títulos dados por nós às classes. Nos quadros I, II, III e IV temos informações complementares sobre as classes: número de UCE classificadas que contêm a forma reduzida especificada em cada classe, número total de UCE classificadas que contêm essa mesma forma, porcentagem do total de UCE classificadas na classe, Q^2 de associação das formas reduzidas às classes, formas reduzidas e os títulos das classes.

¹ Andrade, Mário de (1955). *Poesias Completas*. (p. 171). São Paulo: Martins Fontes. *Obras Completas de Mário de Andrade* v. II.

Figura 02: Formas reduzidas distribuídas por Classe



Q^2	Formas	Q^2	Formas	Q^2	Formas	Q^2	Formas
10.54	bol+	52.99	ilus+	10.28	povo	40.49	bal+
08.28	saudade+	47.52	guard+	10.28	ouv+	34.36	olh+
08.28	menin+	37.45	bon+	08.71	uma+	28.85	saojoa
08.17	volt+	28.56	lembranc+	08.46	sert+	19.74	ceu
07.53	tenh+	26.35	alegr+	08.16	olhos	17.04	fin+
07.41	exist+	21.19	crianc+	08.16	num+	12.84	cont+
06.79	vida	11.06	velhos	08.16	natur+	12.13	chao
06.72	vai	11.06	namor+	08.16	ve	11.38	pul+
06.04	jog+	07.41	relemb+	08.16	histor	11.38	cai+
06.04	cidade+	07.41	feliz+	06.98	rio	10.02	ver+
06.04	brinc+	07.41	doc+	06.07	varand	08.04	papel+
05.88	vento	07.41	amor+	06.07	mae	08.04	foguei
05.88	solt+	07.25	tempo+			07.12	fic+
05.88	piao	06.28	dos			06.27	pais+
05.88	pai	06.10				05.86	lev+

Atividade e Imaginação	Sentimentos guardados	Povo, terra, casa	Festa de São João
------------------------	-----------------------	-------------------	-------------------

Interpretativa – Imaginativa O sentimento do mundo infantil	Descritiva – Visual – Sonora Imagens do pequeno mundo outrora
--	--

Quadro I- Classe 01- Atividade e Imaginação

UCE	Total	%	Q ²	Formas
7.	7.	100.00	10.54	bol+
13.	18.	72.22	8.28	saudade+
13.	18.	72.22	8.28	menin+
9.	11.	81.82	8.17	volt+
7.	8.	87.50	7.53	tenh+
5.	5.	100.00	7.41	exist+
13.	19.	68.42	6.79	vida
8.	10.	80.00	6.72	vai
6.	7.	85.71	6.04	jog+
6.	7.	85.71	6.04	cidade+
6.	7.	85.71	6.04	brinc+
4.	4.	100.00	5.88	vento
4.	4.	100.00	5.88	solt+
4.	4.	100.00	5.88	piao
4.	4.	100.00	5.88	pai

Quadro II – Classe 02 – Povo, terra, casa

UCE	Total	%	Q ²	Formas
5.	5.	100.00	10.28	povo
5.	5.	100.00	10.28	ouv+
12.	19.	63.16	8.71	uma+
7.	9.	77.78	8.46	sert+
4.	4.	100.00	8.16	olhos
4.	4.	100.00	8.16	num+
4.	4.	100.00	8.16	natur+
4.	4.	100.00	8.16	historia+
5.	6.	83.33	6.98	rio
3.	3.	100.00	6.07	varand+
3.	3.	100.00	6.07	mae

Quadro III – Classe 03 – Festa de São João

UCE	Total	%	Q ²	Formas
8.	9.	88.89	40.49	bal+
7.	8.	87.50	34.36	olh+
5.	5.	100.00	28.85	sao_joao
6.	9.	66.67	19.74	ceu
3.	3.	100.00	17.04	fin+
4.	6.	66.67	12.84	cont+
5.	9.	55.56	12.13	cha+
3.	4.	75.00	11.38	pul+
3.	4.	75.00	11.38	cai+
4.	7.	57.14	10.02	ver+
3.	5.	60.00	8.04	papel+
3.	5.	60.00	8.04	fogueira+
5.	12.	41.67	7.12	fic+
2.	3.	66.67	6.27	pais+
3.	6.	50.00	5.86	lev+

Quadro IV–Classe 04–Sentimentos guardados

UCE	Total	%	Q ²	Formas
8.	11.	72.73	52.99	ilus+
6.	7.	85.71	47.52	guard+
4.	4.	100.00	37.45	bon+
4.	5.	80.00	28.56	lembranca+
5.	8.	62.50	26.35	alegr+
6.	13.	46.15	21.19	crianc+
2.	3.	66.67	11.06	velhos
2.	3.	66.67	11.06	namor+
2.	4.	50.00	7.41	ve
2.	4.	50.00	7.41	relemb+r
2.	4.	50.00	7.41	feliz+
2.	4.	50.00	7.41	doc+
3.	8.	37.50	7.25	amor+
6.	26.	23.08	6.28	tempo+
4.	14.	28.57	6.10	dos

Dar título às Classes resultantes do Alceste é um procedimento que envolve a análise do seu relatório de uma forma mais ampla, somando-se o que indicam os seus demais resultados a uma familiaridade razoável com o *corpus* analisado.

Além das Classes e formas reduzidas, o programa produz uma lista de UCE características de cada Classe, acompanhadas pelo Q^2 que indica associação, ou seja, quanto maior o Q^2 , mais característica da Classe é a UCE apresentada. Essa lista serve como primeira informação a ser utilizada para se nomear as Classes, pois permite recuperar as palavras associadas com a classe (destacadas com a cor azul) em seu contexto mais próximo. As UCE devem ser lidas em conjunto, a fim de que se possa extrair sentido no confronto das informações gerais de cada uma das Classes.

UCE Características da Classe 01:

Q^2 Unidade de Contexto Elementar

23 estou velho e a **saudade** da **infância vai chegando** e eu fico a **recordar** que **soltava** o meu **barquinho** na torrente e ele ia para nunca mais **voltar**.

19 **vou rodar pião, vou brincar** na areia lá no meu terreiro. Quem **chegar** primeiro **vai** ter seu **lugar. Vou cantar ciranda, vou** sujar a cara, **vou crescer** depressa, **vou** me agigantar.

15 em **volta dessa mesa existem** outras **falando** tão igual. Em **volta dessa mesa existe** a **rua** vivendo seu normal. Em **volta dessa rua** uma **cidade sonhando** seus metais.

14 que **saudade** de **brincar** o pegador. E, quem tinha perna fraca, muito pouco ganzolou. E também se vadiava, era de **negro** fugido.

12 eu **vou bater** palma, **vou brincar** de **roda** pra espantar o **medo** do meu coração. **vou virar menino** sem hora marcada, **soltar papagaio**.

10 E lá **vai menino** lambendo podre delícia. E lá **vai menino** senhor de todo fruto, sem nenhum pecado, sem pavor. O **medo** em minha **vida** nasceu muito depois.

9 **Belém, cidade** festiva que Dom Francisco Caldeira Castelo **fundou** com a frase definitiva: quem **vem ao** Pará, **parou**. Bebeu açaí, ficou. Praca Saldanha Marinho, peteca, **bola de meia, papagaio** e avião. Domingo tinha retreta, e uma **bandinha** porreta **tocava** pra multidão.

9 Ê, Pacatuba, meu tempo de **brincar** já foi-se embora. Ê, Parnaíba **passando pela rua** até agora. Agora, por aqui estou com **vontade**, eu **volto** para matar esta **saudade**.

9 **tenho saudade.**

8 obediente, teu coração **vai** entender. Mas é preciso regressar **ao fundo desse** meu **quintal, ao** passaraio que ficou, às pipas **soltas** pelo ar. **Vontade** eu **tenho** de **voltar ao** pé do antigo pé de abio, à sombra do meu velho **pai**, caramboleira que partiu. **Pai**, diz se tu és feliz tão longe **desse** pé de abio e diz se **vai** ou eu não **vou voltar** aqui.

Na lista acima queremos chamar a atenção para o elevado número de verbos que indicam movimento (chegar, rodar, brincar, soltar, sujar, por exemplo) apontando para uma tendência à caracterização da Classe como um agrupamento que envolve atividades relacionadas preferencialmente a contextos que poderiam ser identificados como de brincadeiras. A própria noção de brincadeira, assim como a menção a “crescer depressa”, “agigantar” e “espantar o medo” deixam evidente um componente de imaginação sempre presente.

UCE Características da Classe 04:

Q² Unidade de Contexto Elementar

52 **ilusão**. Revendo antigos **brinquedos dos velhos tempos** de **criança guardei** você, meu **boneco** de palha, para sempre na minha **lembrança**.

29 imagens que **guardo** tão minhas **dos bons tempos** para trás, do bate-papo **alegre** na **pracinha**, oi, **amor**, o **amor** de **criança** que aqueceu minha **ilusão**.

26 **dos** meus **tempos** de **criança guardo** tanta coisa **boa**. **Dos sonhos, ilusões** e da **lembrança** da vida que eu levava à toa, da **primeira namorada**, do primeiro **beijo** amigo.

24 **amar**, sorrir, a **dor esquecia**. Como era bom. Hoje a vida é boba, tem mentira atrás de tudo, até do **amor**. O globo tão **lindo** que na escola era **alegria** não é mais, nem é **azul**, é **ilusão**.

21 **relembro** aquele mundo encantado, **fantasiado** de dourado. Oh, **doce ilusão**, sublime relicário de **criança** que ainda **guardo** como herança no meu **coração**. Glória a este **grande** sonhador que o mundo **inteiro** deslumbrou em suas obras imortais.

18 nas **horas tristes**, meus pensamentos, tanta **lembrança** do meu **tempo** de **criança**. Brincar de roda, amarelinha. **Inda** não tinha **as ilusões** do **amor**. Minha **boneca**, onde **andar**á você? Queria **vê**-la e abraçá-la como outrora fiz. **Doce lembrança** da minha infância, **querido tempo** que nunca mais terei.

10 Belém, Pará, onde **nasce** quem merece. Belém, Pará, quem te **vê** jamais **esquece**. Largo de Batista Campos, em verdade a **namorada** nunca me **deu** nem a mão.

8 talvez com essa jogada trago a **lembrança guardada** dela no meu **coração**. **Fim**

de semana, quem pode passa **feliz** em Salina, no Lago **Azul** ou Mosqueteiro.

4 até hoje **guardo as** cinzas, cinzas da **felicidade**. Mas onde está, meu bem, onde esta nossa amizade?

Como pode ser observado na Figura 02, as classes 01 e 04 possuem uma maior proximidade, formando um grupo que deve ser entendido como em nada relacionado ao grupo formado pelas classes 02 e 03. Ainda que as Classes 01 e 04 possuam essa maior proximidade relativa, nas suas identificação e nomeação, elas devem ser consideradas como também formadas por elementos que se excluem, mesmo que menos radicalmente. Se assim não o fosse, seriam uma só Classe. Dessa forma, a leitura das UCE características da Classe 04, onde elementos como ilusão, alegria, amor, sonhos, feliz estão presentes parece já apontar para um agrupamento maior relacionado aos sentimentos associados às atividades próprias do mundo da infância, tendência de certa maneira reforçada pela idéia, evidente em várias UCE dessa Classe, de que algo da infância ficou guardado, algo não propriamente material. Temos, então, para as classes 01 e 04, a formação de uma dupla referência: atividade - imaginação e sentimento - lembrança. Veremos depois como essa dupla referência pode ser entendida na relação com a dupla referência produzida pelas Classes 02 e 03.

UCE Características da Classe 02:

Q² **Unidade de Contexto Elementar**
24 quando eu **saí** de **casa**, me atropelou no espaço. Tudo era aço e todo inteiro que eu **pensei** era **pedaço**. Eu **sei**, eu via o **mundo** com **os olhos** presos **num** segundo.

19 E você **queria** que o **mar** fosse no quintal, e ancorar lá no **terreiro numa** ilha de isopor. O meu farol era **uma flor** daquelas que o **cheiro** incendia, iô, iô.

16 O remédio era chá de quinequina, erva doce, **canela** e agrião. Alimento cuscuz, queijo e feijão, milho assado, canjica e melancia. O **sertão** que morei de **antigamente sei** que o **povo** era mais ignorante, mas **sabia** prezar seu semelhante, respeitar a Jesus onipotente.

14 tempinho bom que não volta mais! Em **Minas Gerais** tem ferro, tem ouro, tutu, tem **gado** zebu, tem também **umas** toadas, **alma** sonora **das** quebradas, **encanto das** noites de luar.

14 quando eu tinha uns dez anos, era tudo **uma** beleza, tinha a **alma** toda limpa, como fez a **natureza**. **Sai** lá **do** meu **sertão** até com trinta anos de idade.

13 E por falar em arte, arte aqui ainda é cortar dedo **num** caco de vidro ou cair de um pé de goiabeira e, **quer queira** ou não, o artista ainda é um Elias, **uma** senhorinha qualquer e **os** loucos **do povo** não passam de santos de **casa**.

11 me conta o porquê da **gente** ter alento na emoção da **mãe** deslumbrada com seu rebento ou **nas** fotografias criadas por Jobim em suas melodias.

Note-se que, de maneira geral, as UCE características da Classe 02 estão relacionadas à identificação/ descrição de lugares (casa, mundo, terreiro, sertão, Minas Gerais), de elementos caracterizadores de determinados lugares (gado, flor, natureza) e de elementos que podem estar se referindo à também uma identificação da rede de sociabilidade lembrada (povo, gente, mãe). Percebe-se que o programa de análise de co-ocorrências detectou uma associação diferencial de menções à mãe com esta Classe 02, que engloba a idéia de casa, de mundo doméstico, enquanto as menções ao pai concentraram-se na Classe 01, que engloba a idéia de atividades relacionadas às brincadeiras.

UCE Características da Classe 03:

Q² Unidade de Contexto Elementar

41 eu **corria** acelerado **pra** segurar a sua mão que, de macia, **parecia papel fino** de **balão**. E hoje, quando chega **São João**, eu vejo quanta **coisa** se acabou.

41 Chegou a hora da **fogueira**, **é noite** de **São João**, o **céu fica** todo **iluminado**, **fica** o **céu** todo **estrelado**, pintadinho de **balão**.

40 os meus **pais** me **levavam pra** novena e quando era nas **noites** de **São João** eu **ficava** mirando um foguetão para **ver** a taboca onde **caía**. Me criei no sopé de uma colina sendo filho de um agricultor, sem saber o que era um doutor, sem **contato** nenhum com medicina.

31 hoje se vê, e, como antes, tão bonito, do **olho** da **água** ao infinito, o **céu** ali beijando o **chão**. **Valia** a pena o suor **correr** na testa **pra** se **ver** no meio da festa **contando estrela** e **balão**.

24 hoje somente a saudade **mora** no meu coração e aumenta sempre que escuto na **noite** de **São João**: carneirinho, carneirão, neirão, neirão! **Olhai** pro **céu**, **olhai** pro chão!

22 pensando na cabocla a noite inteira, também **fica** uma **fogueira** dentro do meu coração. Quando eu era **pequenino**, de **pé** no **chão**, eu cortava **papel fino pra fazer balão** e o **balão** ia subindo para o azul da imensidão.

21 **olhando** o **céu** todo **enfeitado** de **balões** de **papel fino** eu recordei o meu passado, meus amores de menino.

16 eu lembro o tempo feliz em que eu tascava **balão**, quando **pulava** a **fogueira** correndo de **pé** no **chão**. **Cai, cai, balão**, na rua do sabão.

A direção do agrupamento dessa Classe é mais evidente que as anteriores. Trata-se das Festas de São João. Estão aí os seus elementos mais tradicionais: a fogueira e os balões. Nessa Classe também o elemento visual desempenha um papel importante: ver balões, olhar o céu enfeitado.

Na nomeação das Classes 02 (Povo, terra, casa) e 03 (Festa de São João) levamos em consideração a polaridade entre uma descrição estrita de espaço físico (aqui povo, gente, mãe entendidos como elementos que também compõem esse espaço) e a particularidade de um momento que apresenta, por suas características, um acontecimento totalmente associado a tal espaço. É necessário observarmos que, embora nessa Classe também existam verbos de movimento, esses verbos se referem estreitamente às atividades relacionadas a um acontecimento específico: pular (fogueira); fazer, cair, tascar (balões).

Tomando as 04 Classes em suas inter-relações, numa visão mais abrangente, podemos estabelecer dois grandes pólos. O primeiro, formado pelas Classes 01 e 04, representa, na nossa avaliação, um grupo que se refere a algo que foi ou é sentido como decorrência da vivência do mundo infantil “por dentro”, ou seja, com atividades, brincadeiras, imaginação, emoções, ilusões e inocência. O pólo refere-se ao sujeito: é ele quem corre contra o vento e essa lembrança de felicidade tem caráter diverso de uma simples descrição da atividade. No segundo pólo, os elementos visual e sonoro das festas de

São João (Classe 03) e a descrição do lugar (Classe 02) “unem-se” na oposição ao que é eminentemente sentimento recordado. Nomeamos, assim, o grupo formado pelas Classes 01 e 04 como “Interpretativa – Imaginativa, ‘O sentimento do mundo infantil’” e o grupo formado pelas Classes 02 e 03 como “Descritiva – Visual – Sonora, ‘Imagens do pequeno mundo outrora’”, numa tentativa de ilustrar a partir de uma perspectiva mais simbólica o que até agora discutimos².

Nas figuras 03, 04 e 05 encontraremos a representação da Análise Fatorial de Correspondência realizada pelo Alceste, podendo acompanhar as inter-relações acima descritas, sobre as quais ainda faremos algumas observações. Sobre a figura 03 convém dizer que estão nela representadas as variáveis utilizadas na construção do banco de dados no formato próprio para o programa (décadas, presença de outros “tipos” de saudade, como saudade de um amor atual– *sau_am, saudade da terra da qual se partiu- *sau_mi, saudade também da mocidade– *sau_mo, saudade de antigos carnavais- *sau_ca, e a identificação numérica das letras) e número das Classes às quais estão mais fortemente relacionadas. Essa figura deve ser vista sobreposta à Figura 04, onde estão as formas reduzidas relacionadas a cada uma das Classes. Como essa sobreposição pode mostrar, não houve, com exceção do período 1955-1974 na Classe 04, uma maior identificação entre grandes períodos consecutivos e as Classes. Isso demonstra que há uma manutenção de vocabulário no discurso saudoso sobre a infância ao longo do século. Corroborando o que já havíamos dito sobre as Classes 02 e 03, podemos ver a variável migração como característica da Classe 03. Vale ainda observarmos que somente mais uma variável apresentou força significativa como característica de Classe: a variável sau_am0 (ausência de referência a

² Os títulos dados aos pólos foram inspirados por títulos de obras de Carlos Drummond de Andrade e Macedo Miranda, respectivamente.

elemento amoroso na letra) para a Classe 01. As demais variáveis presentes no quadro possuem Q^2 no limite de corte (2) e, a fim de não distorcer a análise, preferimos considerá-las como puramente ilustrativas.

A figura 05 apresenta de maneira mais visível a polarização por nós identificada entre as Classes 01 e 04 e as Classes 02 e 03. Observe-se que no Eixo 01 (x) encontramos se contrapondo os agrupamentos de palavras que indicam predominantemente “Contexto” (mundo, rio, sertão, lua, chão, terra, gente, por exemplo) ou “Atividade” (brincar, jogar, correr, voltar, bola, por exemplo). O Eixo 2 (y) é constituído pelos pólos “Sentimento” (notar que a Classe 04 tem todos os seus elementos aí localizados) e “Mundo” (agrupam-se aqui as palavras que se referem a atividades, incluindo as juninas, e aos locais onde essas ocorrem).

Figura 03- Análise Fatorial de Correspondência (Quadro de Classes e Variáveis)

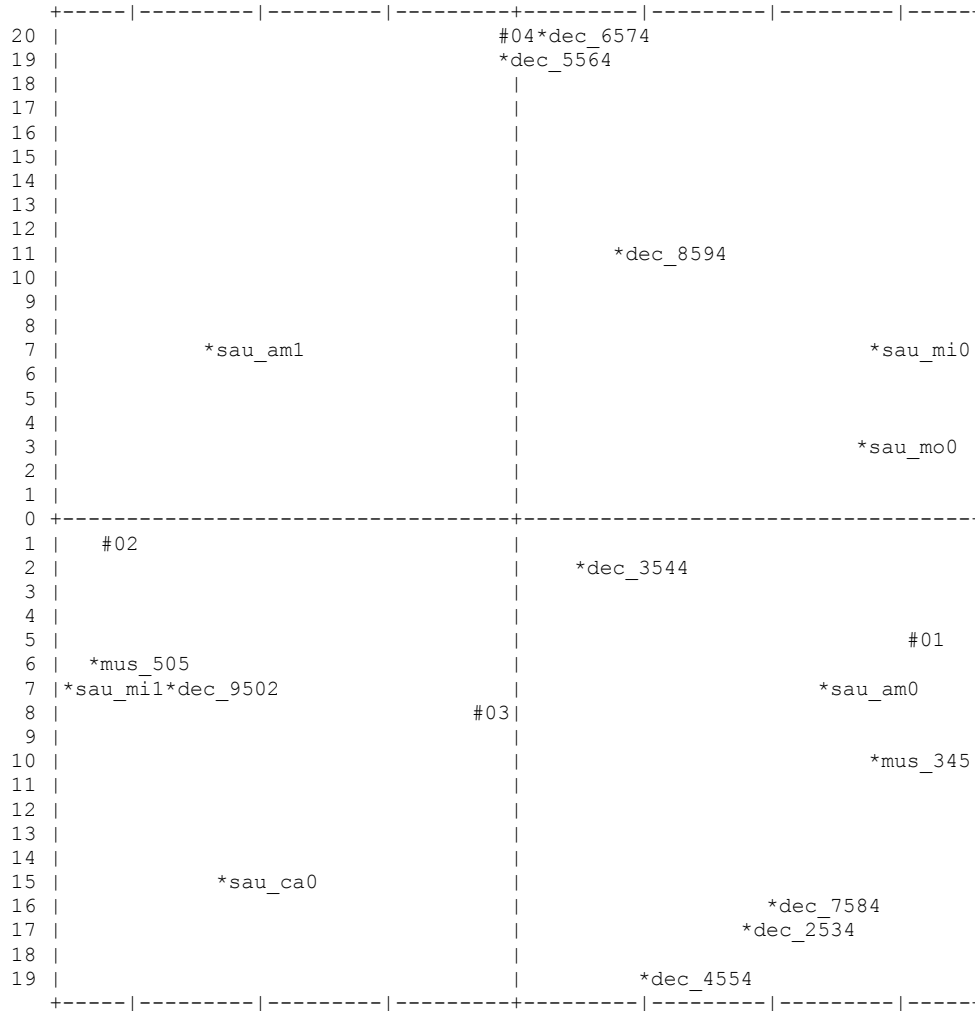
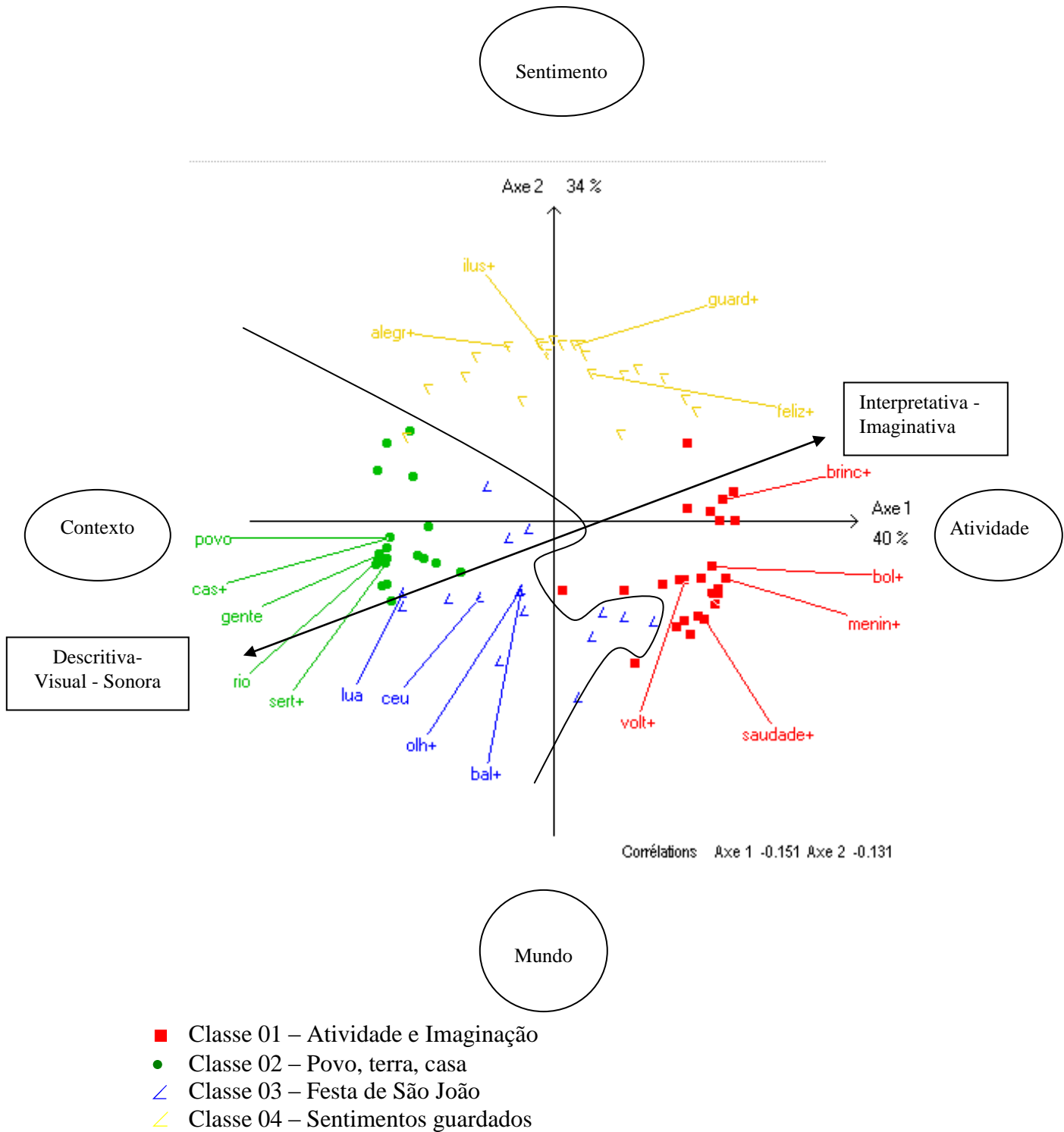


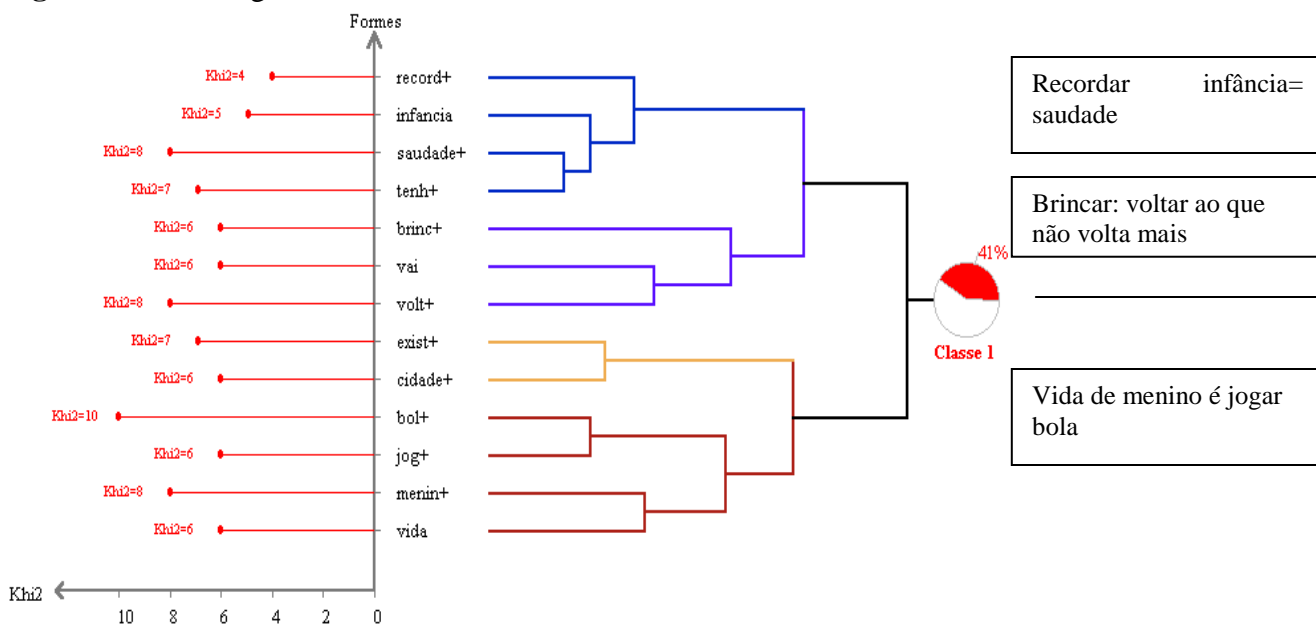
Figura 05 - Análise Fatorial de Correspondência (Classes, formas plenas e eixos)



As Figuras 06, 07, 08 e 09 apresentam os dendrogramas resultantes da Análise Ascendente Hierárquica nas 04 Classes. Seus resultados indicam, como já dissemos, os “laços de vizinhança” mais estreitos, os contextos lexicais mais persistentes no *corpus* analisado. Esses contextos podem ser entendidos como bases estáveis sobre as quais o restante do discurso nas classes pode ser compreendido a partir de seus elementos mais solidamente agregados. Deve-se analisar os dendrogramas observando-se que quanto mais próxima está a ligação das formas do seu eixo de referência, mais forte é essa ligação, valendo tal lógica também para os grupos formados por essas formas. Os nomes dados aos subgrupos foram resultado do mesmo procedimento relacional já utilizado na nomeação das Classes e grupos de Classes. Talvez seja adequado reafirmar que se procurou aqui uma interpretação dos dados do Alceste integrando os seus diversos resultados.

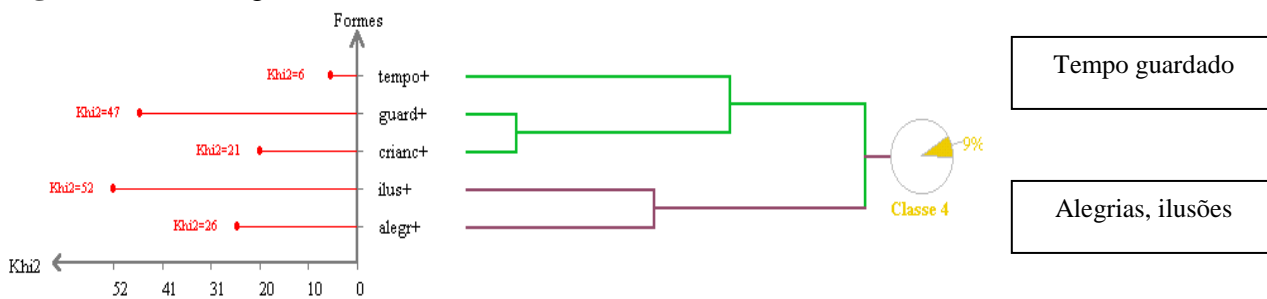
Na Figura 06 podemos observar a estreita ligação entre recordar a infância e a saudade; são, nessa união, quase sinônimos. Alia-se a eles a idéia de deslocamento temporal, sendo o querer da volta (quem dera voltar...) relacionado ao brincar, acompanhado da admissão da sua impossibilidade (não volta mais...), elemento chave nesse núcleo do discurso. O segundo contexto pode ser representado pela frase “vida de menino é jogar bola”. Aqui tanto a confirmação de ser o banco de dados analisado representante de um discurso eminentemente masculino, quanto do fato de serem recorrentes as lembranças de atividades na memória da infância.

Figura 06- Dendrograma CAH Classe 01



Na Classe 04 (Figura 07) temos a concepção do tempo de criança como algo que fica guardado, pois que, sobretudo, esse tempo foi de alegrias e ilusões.

Figura 07- Dendrograma CAH Classe 04



A Figura 08 (Classe 02) comporta o discurso do migrante: sair de casa e levar na lembrança o povo que ficou para trás (primeiro agrupamento), sendo o querer de volta os elementos da natureza do lugar do qual se partiu (segundo agrupamento) algo também recorrente.

Recuperaremos posteriormente as informações até aqui apresentadas quando tentarmos produzir um possível diálogo entre essas mesmas informações e aquelas provenientes dos dois outros procedimentos de análise, descritas a seguir.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Passaremos agora à apresentação dos resultados da Análise de Conteúdo das letras coletadas. Também aqui as letras foram divididas por períodos. A frequência observada nos quadros refere-se ao número de citações e não ao número de músicas, podendo, portanto, ser admitida mais de uma citação ou elemento por música. Tal procedimento foi utilizado evitando-se, porém, que para uma mesma pequena categoria uma única música fornecesse mais de 03 elementos classificados em subcategorias diferentes. Para essas situações optamos pela anotação dos itens em uma mesma subcategoria, assinalando uma unidade de frequência para ela.

É importante que se leve sempre em consideração, tanto para a observação de altas frequências de citações, quanto para a ausência delas, em determinados períodos, o número não muito elevado de músicas em cada um desses períodos. Como entendemos que mais importante do que a altíssima ou a nula frequência de citações em períodos específicos é a recorrência de temas ao longo dos 77 anos abrangidos pelas músicas, procuraremos diversas vezes apontar essas mesmas frequências e ausências em blocos de períodos (tal observação serve também para a apresentação dos resultados das Redes de Conteúdos, que será feita mais à frente). É conveniente ressaltar que a localização temporal da canção é apenas uma indicação a ser considerada na eventualidade de ocorrerem regularidades que auxiliem a interpretação dos dados. Entretanto, tal localização temporal é pouco informativa quanto ao período exato em que transcorreu a infância retratada.

No Quadro V podemos observar a categoria na qual estão representados os elementos mais frequentes nas letras analisadas: as atividades, com 84 menções ao todo. Consideramos como atividade todos os verbos de ação explícita (pular, brincar, correr, etc)

e também aqueles que se referem a uma ação imaginária, a um projeto (fazer planos, criar venturas). Como subcategorias com maior representatividade temos: Correr/ correr de pé descalço (11 citações); o genérico brincar (08 citações); banhar-se no rio/ cacimba/ nadar (06); andar à toa/ ganhar a rua/ vadiar (05); fazer travessura (04). Deve-se observar aqui que há raríssimas referências nas letras a atividades que representem trabalho infantil, por isso decidimos considerá-las separadamente no Quadro VI.

Notas-se que, para o Quadro V, a primeira categoria (correr/ correr de pé descalço) é a única que apresenta uma maior regularidade através dos períodos/ décadas. A segunda categoria (brincar) não possui elementos anotados para o período entre 1965 e 1995. O próprio quadro nos oferece a pista para essa “ausência”: o genérico “brincar” deu lugar à citação de atividades específicas e à identificação de brinquedos, brincadeiras e jogos lembrados, como veremos no Quadro VII.

Alguns exemplos:

“Vamos **brincar, gozar** para se recordar a vida de criança que nunca nos cansa. Que bom a gente ser sempre criança pra nunca sofrer com essa lembrança”. LEMBRANÇAS (HORATIO NICHOLS, S/I); 1928.

“Eu que fui menino pobre e me criei na estrada, **carreguei frete na feira, joguei lebre na calçada, levei bilhete do rapaz pra namorada**. Só não fui guia de cego, mas fui craque na pelada”. TEMPO DE MENINO (EDGAR FERREIRA); 1958.

Seguindo com a descrição das categorias, no Quadro VII estão representados os jogos, as brincadeiras e os brinquedos citados nas letras (71 menções). Como mais freqüentes temos: roda/ ciranda (09), pião (08), futebol (07), balão (06), papagaio/ pipa (06) e bola de gude (04). Observa-se que a única categoria distribuída de forma mais homogênea pelos períodos é a segunda (pião). É interessante observar também que a terceira categoria (futebol) só passa a ser representada a partir do período 1955-1964.

São exemplos:

"Eu vou bater palma, vou brincar de **roda** pra espantar o medo do meu coração. Vou virar menino sem hora marcada, soltar **papagaio**, vou rodar **pião**". CIRANDA (MANUELITO); 1996.

"Ai, que saudades que eu tenho duma travessura, o **futebol** de rua, sair pulando muro, olhando fechadura e vendo mulher nua". DOZE ANOS (CHICO BUARQUE); 1979.

O Quadro VIII apresenta a recordação dos elementos da natureza nos textos analisados (67 citações). Como mais lembrados temos: rio/ riacho/ cachoeira/ regato (12 citações), árvores frutíferas/ frutas (09), pássaros (08), luz do sol/ sol (05), campina/ mato/ serra verde (04) e chuva (04). Os dados mostram que mais de 75% das menções a esses seis conjuntos de elementos da natureza ocorreram a partir do período 1975-1984.

São exemplos:

"A **folha verde no mato**. A **chuva** quando caía. **Passarim, rio, regato**, e a **natureza** sorria". NOS TEMPOS DE MENINO (MACIEL MELLO); 1994.

"Eu era criança, hoje é você, e no amanhã nós. Tinha **sabiá**, tinha **laranjeira**, tinha **manga-rosa**, tinha o **sol da manhã**". FAZENDA (NELSON ÂNGELO); 1976.

No Quadro IX estão listadas situações de sociabilidade, pessoas do grupo familiar, companheiros de brincadeiras, os amores infantis e outras personagens da infância recordada nas letras (51 citações). Mais frequentes são: meninada/ moleques/ companheiros/ turma (16 citações), mãe/ pai/ irmão/ irmã/ avó/ tio (13), primeiro amor/ meninas/ mocinhas/ primeira namorada (06) e carreiros/ batateiro/ motorneiro/ lavadeiras (04). Chamamos a atenção para a presença de citações de elementos da primeira subcategoria em todos os períodos e para a grande distribuição também bastante dispersa da segunda subcategoria entre as décadas.

Esse quadro merece um adendo: para a terceira subcategoria, numa categorização mais flexível seria possível a consideração da presença de outros elementos amorosos citados nas letras. Assim, se somarmos aos elementos pontuais dessa subcategoria a caracterização da infância como um tempo dos primeiros amores, do primeiro beijo, de brincar de amor, dos amores de menino teremos uma frequência igual a 16 (6+10). A fim de mantermos o critério de citação explícita adotado para a formação das categorias, mas com o intuito de buscarmos uma apresentação mais condizente com o que realmente encontramos nas músicas, optamos pela representação simultânea desses dois resultados: o primeiro já visto no Quadro IX, o segundo presente no Quadro X.

Alguns exemplos:

"No meu tempo de criança, brincando com os **moleques** da rua, soltava o meu balão pensando que chegaria até a lua". NO MEU TEMPO DE CRIANÇA (CUSTÓDIO MESQUITA); 1940.

"Ai, o **tempo dos amores**, de se dar à vida, de curtir paixões". TEMPO DE VIVER (TAÍCA / CHICO FRANCO); 1988.

Os Quadros XI, XII, XIII, XIV e XV referem-se às lembranças de lugares. No Quadro XI temos apontados como mais freqüentemente lembrados a rua (15 citações), o quintal/ terreiro (11), a escola (04), a casa (04) e a praça/ largo (04). Como pode ser visto, a subcategoria “rua” é a que mantém uma presença mais constante a partir do período 1935-1944. O quintal como espaço presente nas recordações passa a ganhar maior importância no discurso dos autores a partir do período 1975-1984: dez das onze citações se dão a partir daí. Deve-se observar também a pequena quantidade de citações tanto para a escola quanto para a casa. No caso da escola, isso vai na direção do que aponta o quadro de Sociabilidade, onde a “professora” é citada somente 02 vezes. Quanto à casa, observa-se, entretanto, numa comparação com as citações referentes à família (mãe/ pai/ irmão/ irmã/ avó/ tio – 13 citações), um interessante descompasso.

São exemplos:

“Pular na **rua** com a meninada, brincar de roda e de cirandinha”. OLINDA, CIDADE ETERNA (CAPIBA); 1950.

“No fundo do **quintal**, roseira. No fundo do quintal, mangueira. No fundo do quintal, jaqueira, o sol, já queira o sol. No fundo do quintal, minha vó sob os cajueiros, os araçazeiros, os coqueiros. O boi mugiu, o pássaro fugiu. O rio, riacho no fundo do quintal”. NO FUNDO DO QUINTAL (LUIZ CARLOS BAHIA); 1997.

Os quadros XII e XIII são ilustrativos de uma tendência predominante da não identificação dos lugares nas músicas, a não ser quando essas também têm uma função, em alguns casos mais explícita, em outros mais sutil, de homenagear a cidade referida. Assim, a rua, o quintal, a casa, a escola e a praça, por exemplo, são genéricas e podem representar todas aquelas encontradas em qualquer cidade brasileira. Essa tendência à generalização pode ser confirmada também pela parcimônia em relação às características do lugar citado (Quadro XIV). Deve-se observar aqui que consideramos como características do lugar

avaliações mais gerais sobre o mesmo e não a enumeração, por exemplo, de elementos como árvores, rios, praças, já considerados em outras categorias. No quadro XV podemos observar a importância atribuída pelos compositores aos lugares dos quais se lembram em expressões como “meu pequenino Mirai/ minha cidade/ meu sertão” (07 citações) e “cidadezinha onde nasci/ meu ninho” (02). Em tais expressões é importante que se destaque a qualificação da terra como minha/ meu, na direção de um sentimento de proximidade e não, como é evidente, de propriedade.

São exemplos:

“Meu Mirai que eu não me esqueço, sul da minha geração, **lugar melhor eu não conheço**”. MIRAÍ (ATAULFO ALVES). 1962.

“Relembrando o tempo de criança, vejo **o bairro onde eu me criei**”. RELEMBRANDO (PAIOZINHO, DADÁ); 1962.

A lembranças “com sabor” estão anotadas no Quadro XVI. Deve-se atentar para o fato de que nessa categoria repete-se uma subcategoria do quadro de elementos naturais (Quadro VIII): as “árvores frutíferas/ frutas”. Efetuamos essa repetição porque consideramos que o tema refere-se simultaneamente de forma tão evidente às duas categorias que a exclusão de uma delas comprometeria o que realmente está representado nas letras. É interessante observar neste quadro que nas letras das músicas analisadas a recordação de comidas e bebidas se dá de forma mais consistente somente a partir do período 1975-1984.

“Jogando pedra em **mangueira**, batendo bola, crescemos, passou o tempo e nem vi”. BELÉM-PARÁ (BILLY BLANCO); 1993.

“A **primeira coca-cola** foi, me lembro bem agora, nas asas da Panair”. SAUDADE DOS AVIÕES DA PANAIR (CONVERSANDO NO BAR) (MILTON NASCIMENTO, FERNANDO BRANT); 1975.

A festa de São João aparece como a mais freqüentemente citada nas lembranças dos autores (06 vezes). É interessante notar que, apesar das inúmeras menções em nosso cancionário popular à saudade dos antigos carnavais, tal recordação não é muito associada à infância (Quadro XVII). Quanto à festa de São João, vale lembrar que ela sempre foi acontecimento marcante da cultura brasileira, na maior parte do país. Trata-se de evento com algumas características diferenciais que podem ser responsáveis pelo destaque que parece ter na infância: 1) envolve uma mobilização comunitária que pode ser acompanhada pelas crianças, eventualmente até participando (recortar bandeirinhas, confecção de balões, montar a fogueira, construir as barraquinhas, além da preparação de comidas, brincadeiras e roupas); 2) acontece durante a noite, horário no qual as crianças não costumam estar acordadas e em atividade; 3) na maior parte do país, coincide com o breve período em que a temperatura ambiente é um pouco mais fria, portanto, um momento especial; 4) é uma das poucas ocasiões em que, no mesmo espaço público, existem atividades que interessam às crianças, aos jovens e aos adultos, podendo ser considerada uma situação bastante particular de convivência

Um exemplo de referência à Festa de São João:

"Chegou a hora da fogueira, é noite de **São João**, o céu fica todo iluminado, fica o céu todo estrelado, pintadinho de balão". CHEGOU A HORA DA FOGUEIRA (LAMARTINE BABO); 1933.

Os elementos musicais (Quadro XVIII) formam um conjunto bastante ilustrativo dos sons recordados. Entre eles estão as cantigas de roda/ ciranda (05 citações), os músicos (sanfoneiro/ cantador/ cantoria/ bandinha/ bandas – 04), a viola (02), os estilos musicais como tango (01), modinhas (01) e samba de breque (01), além dos sons musicais relacionados a trabalho e trabalhadores, como o canto do carro de boi (01) ou dos carreiros (01), ou ao ambientes familiar (pai a cantar – 01) e escolar (canto da tabuada – 01). Pode-se observar uma distribuição bastante pulverizada nesse quadro, o que indica a variabilidade de elementos regionais lembrados.

São exemplos:

"Quantas **cantigas** eu recordo ainda da meninada onde me criei... A cirandinha dando meia volta e o pau no gato que eu atirei. Ainda escuto a ponte da aliança que todos passam e eu nunca passei. O Pai Francisco quando entrou na roda e a Rica, rica de maré descer sabem que o cravo só brigou com a rosa por ser mais formosa a bela do buquê. E a Terezinha de Jesus caiu com a machadinha que vai ser seu par. E hoje eu fico a relembrar encantos de delírios tantos que não vão voltar". CANTIGAS DE RODA (GETÚLIO CAVALCANTI); 1983.

"Cadê os **carros de boi** dos meus tempos de criança? Cadê os **cantos dolentes dos carreiros** de meu pai? **Ora cantando, ora chorando, pelas estradas empoeiradas**". CARRO DE BOI (CAPIBA); 1953.

Elementos religiosos (Quadro XIX) são ocasionalmente citados nas letras analisadas, como indicam as frequências de subcategorias relativas a esses elementos. Como mais citados temos Deus/ Senhor (04 citações), Rezar a Ave Maria/ entoar benditos de Maria (02). Menções a São João não foram incluídas uma vez que aparecem como alusão à festa e não ao elemento religioso que está em sua origem.

Um exemplo:

“Nesse dia se une a multidão, cada um com uma vela na mão, **entoando os benditos de Maria**”. SAUDADES DO SERTÃO (LUIZ ANTÔNIO, DAMIÃO DA SILVA); 2000.

Consideramos relevante a identificação do que chamamos “interlocutor” nas letras analisadas, ou seja, quando o autor lembra e fala sobre a infância, para quem ele fala? O Quadro XX mostra que em 55 das 70 letras analisadas o interlocutor é indefinido. Tal fato aponta para uma predominância de um discurso no qual o narrador fala para si mesmo ou para um interlocutor qualquer, confirmando a tendência já apontada acima de uma caracterização geral das letras como um texto mais abrangente, com elementos que podem ser compartilhados pelo ouvinte. Assim, da mesma forma que a rua lembrada pode ser uma rua qualquer da infância desse ouvinte, a letra como um todo pode se tornar também descrição da infância de um ouvinte qualquer. Podemos ver no quadro que os outros elementos apontados como interlocutores identificados são os mesmos elementos formadores de algumas das categorias com maior frequência (Brinquedo, Sociabilidade, Lugares e Elementos Naturais), o que também reforça a pertinência desses elementos ao discurso saudoso analisado.

Um exemplo:

“Revido antigos brinquedos dos velhos tempos de criança, achei **você, meu boneco de palha** do sorriso pintado de esperança”. TEMA DO BONECO DE PALHA (VERA BRAZIL, SILVAN CASTELO NETO); 1961.

As categorias seguintes não se referem mais à identificação/ enumeração de elementos, mas à conceituação e à avaliação de aspectos relacionados à lembrança da infância nas letras coletadas. Devido ao tamanho reduzido de algumas categorias decidimos pela descrição das mesmas, bem como pela apresentação dos quadros a elas referentes, em blocos.

A primeira categoria desse segundo grupo conceitual e avaliativo é aquela formada pelas definições de infância presentes nas letras (Quadro XXI) e deve ser vista como um elenco de formas diferentes de se referir à infância de um modo, em quase todos os casos, explicitamente positivo. Tal avaliação pode ser exemplificada nas duas subcategorias com maior frequência de citações (infância querida/ querido tempo – 05; tempo feliz/ alegre/ de sorrisos – 05).

São exemplos:

"**Tempo alegre** de menino, cheio de sonho e ilusão, acreditava na vida, ria e jogava pião". O PIÃO (CUSTÓDIO MESQUITA, SADI CABRAL); 1941.

"Ai, que saudade eu tenho agora da **aurora da minha vida**". CARNAVAIS DE OUTRORA (JOEL DE ALMEIDA, J. PIEDADE); 1969.

Seguindo essa tendência fortemente positiva, o Quadro XXII aponta as características do ontem recordado nas letras, bem como as características do próprio narrador quando criança. Como mais recorrentes identificamos Alegre/ feliz (10 citações), inocente/ alma limpa/ sem pecado (03) e Sem saber nada de amor/ não tinha ilusões do amor (03). Uma leitura geral do quadro, somado a uma leitura também geral do quadro anterior (Quadro XXI) parece apontar para a infância representada tradicionalmente como um tempo eminentemente feliz ou do qual, pelo menos, o sofrimento estava ausente, uma época da inocência e, talvez por isso, do sentimento de se poder realizar ou de se ter sede de tudo. Pode corroborar essa avaliação a identificação da recorrência com que as palavras sonho (08) e ilusão (08) aparecem relacionadas ao discurso sobre a infância dos narradores (Quadro XXIII).

São exemplos:

"Quando a gente inda é criança, vive **alegre** e **inocente**, não sabe que o futuro guarda algum mal para a gente. Quando eu tinha uns dez anos, era tudo uma beleza, tinha a **alma toda limpa**, como fez a natureza". DENGOSA (FRANCISCO ALVES); 1927.

"Fico lembrando do tempo em que eu era criança. A vida era um brinquedo de roda, e eu tão **feliz** cirandava e o mundo tinha um sabor de **sonho** encantado. Amar, sorrir, a dor esquecia". PULADINHO (SÉRGIO RICARDO); 1959.

Mas o tempo passa... Esse passar e as suas conseqüências são às vezes referidos nas letras, tal como destacado no Quadro XXIV. Pode-se perceber que, de uma maneira geral, a passagem do tempo é avaliada no sujeito como negativa, conduzindo à percepção do hoje também como negativa, conforme veremos nos quadros seguintes.

São exemplos:

"Passaram-se os dias e os anos, cruéis desenganos vieram em meu peito morar". CAIXINHA DE MÚSICA (CUSTÓDIO MESQUITA); 1941.

"E a vida só me trouxe desenganos e assim eu fui vivendo sempre ao léu". BARQUINHO DE PAPEL (ANTÔNIO VIEIRA); 2002.

A caracterização do narrador e/ ou das suas condições atuais de vida no momento da lembrança pode(m) ser observada(s) na avaliação que ele faz do “hoje” nas letras (Quadro XXV). Percebe-se que, com exceção da categoria “Ainda sou criança/ esse sou eu” (02), a avaliação geral do “momento atual” é francamente negativa. Parece relevante apontar também que nos dois períodos mais antigos sob avaliação (1925-1934 e 1935-1944) essa avaliação parece mais forte, concentrando mais da metade das menções.

Um exemplo:

“Tu [Polichinelo] representas um papel na vida da minha infância querida que não volta mais. Tu és a causa deste meu grande **tormento**, tu és o próprio alento dos **meus tristes ais**”. POLICHINELO (GADÉ, AMANIR GREGO); 1936.

Segue essa tendência também o Quadro XXVI que trata das “ilusões perdidas” e dos “sonhos mortos”, conseqüências do passar do tempo no hoje dos que recordam. Tal como para os elementos descritos no Quadro XXV, também aqui as menções concentram-se nas duas primeiras décadas investigadas.

Um exemplo:

“Passam os anos, **morrem-me os sonhos**, chega a geada e eu vou cantando meus desenganos como no canto da tabuada”. TABOADA (Joubert de Carvalho, Adelmar Tavares); 1933.

A comparação explícita entre um ontem feliz e um hoje sofrido (Quadro XXVII) está presente em 08 das 70 letras analisadas. A pequena frequência, comparada com as fornecidas nos Quadros XXII (Ontem) e XXV (Hoje), pode ser explicada pelo critério para a construção dessa categoria: só foram consideradas para a sua formação as letras que comparam de forma inequívoca a avaliação de um passado feliz a um presente de sofrimento. Deve-se observar a grande variedade de possíveis configurações nas letras. Assim, é possível, por exemplo, que as letras se referiram ao passado através de uma enumeração de atividades e jogos ao mesmo tempo em que falam de um presente triste.

Mais uma vez a menção à avaliação negativa do hoje (nesse caso, em contraposição a um ontem feliz) apresenta expressiva concentração nas duas primeiras décadas consideradas no trabalho.

Um exemplo:

"Foi lá que infância doce e descuidada criou meus sonhos de infinita essência. **Então** eu ria como a luz doirada que tinge a aurora matinal fulgência. **Hoje**, ó sonhos desmentidos, tenho na alma a solidão! Noite, mágoas e gemidos; remorsos no dorido coração. Infeliz no sonho meu, desgraçado em meu amor, ao passado que morreu vai se juntar o meu porvir de dor". RECORDANDO (J. M. DE ABREU); 1928.

A simples caracterização do passado como feliz ou o embate ocasional entre esse passado e um hoje sofrido remetem, por vezes, a um “quem dera voltar...” (Quadro XXVIII) ou à admissão da infância como um tempo que “não volta mais” (Quadro XXIX). Tanto em um sentido quanto noutro há, eventualmente, a caracterização da lembrança como sofrimento (Quadro XXX).

Alguns exemplos:

“Doce lembrança da minha infância, **querido tempo que nunca mais terei**”. A CANÇÃO DA SAUDADE (OSVALDINHO); 1966.

“**Que vontade de voltar a ser criança** e ver a natureza bem perto de mim, só pra ver passarinho dar pulo nos galhos, e ver mangas caídas, perdidas no chão...” SER CRIANÇA (DARIAM MARQUES); 1991.

“Tu [Polichinelo] representas um papel na vida da **minha infância querida que não volta mais**”. POLICHINELO (GADÉ, AMANIR GREGO); 1936.

“Quando a gente é criancinha conta quadras pra brincar. **Quando fica gente grande, ouve quadras a chorar. Como comove a lembrança** de um tempo feliz, quando ouvimos cantar: roda, pião, bambeia, pião...”. RODA, PIÃO (D.P., DORIVAL CAYMMI); 1939.

Nesse ponto chegamos ao quadro que trata das menções explícitas à saudade. Deve-se admitir aqui que a presença da palavra saudade foi um dos critérios para a seleção das letras das canções, o que já pressupõe uma alta probabilidade de que ela apareça com uma elevada frequência. No Quadro XXXI podemos ver as citações de duas palavras que consideramos fundamentais na caracterização do banco de letras: saudade, já esperada, e coração. Caracterizando um “discurso do sentimento”, em 29 das 70 letras analisadas podemos encontrar uma dessas duas palavras, sendo que em mais 04 elas aparecem ao mesmo tempo, o que eleva o número total para 33, ou seja, quase metade das músicas.

Um exemplo:

“Eu não poupei meu **coração**, isso não está direito. Ressuscitei coisas mortas dentro de meu peito. (...) Quem diria que naquele velho armário estaria um relicário de **saudades** imortais que deu passagem ao tempo pra guardar grandes segredos, coisas que não voltam mais”. VELHO ARMÁRIO (SERAFIM ADRIANO, PAULO PINTO); 1997.

Encerrada a apresentação dos resultados da Análise de Conteúdo, passaremos ao que chamamos anteriormente de construção das Redes de Conteúdo.

REDES DE CONTEÚDOS

Antes de iniciarmos a apresentação dos resultados desse procedimento, é necessário que façamos mais algumas considerações, além daquelas já realizadas na Metodologia, sobre a construção das Redes de Conteúdos. Como já anteriormente dito, as categorias formadoras das redes são provenientes da análise do Alceste e das principais categorias da Análise de Conteúdo³. Isso nos possibilitou a reunião de algumas das categorias presentes nessa segunda análise (AC) sob uma categorização mais geral proposta pelo *software*:

- * Atividades infantis, brincadeiras, jogos = Atividades + Brincadeiras, jogos, brinquedos (maior quantidade de elementos reunidos no Alceste na Classe 01: Atividade e Imaginação);
- * Um tempo feliz, sonhos, ilusões = concepções (positivas) de infância + sonhos e ilusões + ontem (maior quantidade de elementos reunidos no Alceste na Classe 04: Sentimentos guardados);
- * Vínculo com o lugar = Vínculo com o lugar;
- * Hoje sofrido, triste = Hoje + Ilusões perdidas/ sonhos mortos;
- * Rua, praça, quintal = “Rua” + “Praça/ Largo” + “Quintal/ terreiro” da categoria Lugares;
- * Sociabilidade = Sociabilidade menos “Primeiro amor/ meninas/ mocinhas/ primeira namorada”;

³ Como critérios para a escolha das categorias a serem utilizadas nesse terceiro momento: a) Frequência de citações; b) Temas tradicionalmente relacionados à saudade, como o amor, o “querer voltar”, o lugar do qual se partiu e o sofrimento de quem lembra; c) Para o caso da inclusão de “Festas”, a formação no Alceste de uma Classe especificamente sobre as festas de São João.

- * Amores infantis = Elementos amorosos + “Primeiro amor/ meninas/ mocinhas/ primeira namorada” da categoria Sociabilidade;
- * Elementos musicais = Elementos musicais;
- * Festas = Festas (maior quantidade de elementos reunidos no Alceste na Classe 03: Festa de São João);
- * Quem dera voltar = Quem dera voltar;
- * Não volta mais = Não volta mais;
- * Elementos naturais = Elementos naturais.

Observe-se que alguns elementos constitutivos da Classe 03 do Alceste (Terra, povo, casa) estão distribuídos nas categorias Sociabilidade, Vínculo com o lugar e Elementos naturais. Preferimos manter essa pulverização, pois a intenção aqui foi unir previamente apenas os resultados das duas análises que apontassem de forma mais evidente para uma mesma direção. No nosso entender, tal possibilidade não se dava para a formação de apenas uma categoria que juntasse elementos aparentemente tão diversos (Sociabilidade, Vínculo com o lugar e Elementos naturais); somente os resultados da construção de uma Rede de Conteúdos poderiam representar na co-ocorrência de elementos um agrupamento que se assemelhasse ao resultante da Classe 03 do Alceste.

Constituídos o que a partir de agora chamaremos de “nós” de conteúdos, efetuamos uma nova leitura do banco de dados, anotando para uma mesma música a co-ocorrência de elementos passíveis de serem incluídos em cada um desses nós nas suas linhas de união. Temos, portanto, nas figuras das redes a frequência dessas ligações entre as letras das canções. A somatória dessas frequências em cada uma das figuras não é necessariamente menor ou igual a 70 (número total de letras) porque uma mesma letra, e esse é o objetivo,

está classificada, no mínimo, em dois nós. Como procuramos proceder à análise letra por letra até que para cada uma delas estivessem esgotadas as possibilidades de classificação em outros nós, além dos já identificados, obtivemos uma rede total de relações entre os agrupamentos de elementos. Como é possível imaginar, tal processo teve como resultado uma figura que se revelou, com linhas cruzadas entre 12 nós e com a distribuição de 70 pontos entre essas linhas, impossível de ser representada de uma forma mais clara nos limites de uma página. Optamos, por esse motivo, pela apresentação de cada um dos 12 nós como o centro das doze figuras que se seguem. Fica evidente assim que cada uma das figuras representa também as ligações do nó em questão aos já apresentados nas figuras que lhe antecedem, de maneira que a última figura só pode apresentar efetivamente uma única relação ainda não descrita. Entretanto, procuraremos proceder à discussão de cada uma das figuras como um contexto de relações, a fim de que possamos perceber de forma consistente a força que cada um desses nós possui no seu próprio jogo de inter-relações.

O primeiro nó apresentado é o que representa as “Atividades infantis, brincadeiras e jogos” (Figura 10). Considerando a alta frequência já observada na AC para as categorias que compõem esse nó, é possível perceber as também significativas frequências de relação entre ele e os demais nós. Esse é, provavelmente, o mais significativo agrupamento de elementos de todo o texto, pois parece se articular de forma significativa com todos os demais. Pode-se observar na Figura 10 uma caracterização geral de que as atividades infantis lembradas se deram predominante na rua, na praça, ou no quintal⁴ (19 co-ocorrências), que são lugares onde foi possível o contato com elementos da natureza, como árvores frutíferas e rios (21), foram predominantemente realizadas em situações de sociabilidade com outros meninos ou parentes (20), e foram relacionadas a uma lembrança

⁴ Para uma diferenciação entre os espaços e sua ocorrência nos períodos ver Quadro XI.

significativa de elementos musicais (14) e ao contexto de vínculo com algum lugar específico lembrado (08). Essa recordação de atividades e brincadeiras que, confirmando a relevância dos elementos de sociabilidade, também propiciou a recordação dos primeiros amores (11). Por todas essas características apontadas já seria possível prever que as atividades e brincadeiras estariam fortemente associadas à idéia de um tempo feliz (16), havendo ocorrência de tal associação em todas as décadas consideradas.

Apresentamos abaixo uma letra de música representativa e, na seqüência, a Figura

10.

A RUA (GILBERTO GIL, TORQUATO NETO); 1966.

Toda rua tem seu curso, tem seu leito de água clara, por onde passa a memória, lembrando histórias de um tempo que não acaba. De uma rua, de uma rua eu lembro agora, que o tempo, ninguém mais, ninguém mais canta, muito embora de cirandas e de meninos correndo atrás de bandas. Atrás de bandas que passavam como o rio Parnaíba, o rio manso passava no fim da rua e molhava os seus lajedos, onde a noite refletia o brilho manso, o tempo claro da lua. Eh, São João, eh, Pacatuba, eh, rua do Barrocão, eh, Parnaíba passando separando a minha rua das outras, do Maranhão. De longe pensando nela meu coração de menino bate forte como um sino que anuncia procissão. Ê, minha rua, meu povo, ê, gente que mal nasceu. Das Dores, que morreu cedo. Luzia, que se perdeu. Macapreto, Zé Velhinho, esse menino crescido que tem o peito ferido anda vivo, não morreu. Ê, Pacatuba, meu tempo de brincar já foi-se embora. Ê, Parnaíba passando pela rua até agora. Agora por aqui estou com vontade, eu volto para matar esta saudade.

INSERIR FIGURA 10 aqui

Na Figura 11 podemos ver as relações entre o nó “Um tempo feliz, sonhos, ilusões” e os demais agrupamentos. Nessa Figura é interessante observar, além da já citada relação persistente com “Atividades infantis, brincadeiras e jogos”, a força de ligação entre esse nó e “Sociabilidade” (12 ocorrências), “Elementos naturais” (11), “Rua, praça, quintal” (09) e “Elementos musicais” (08), reproduzindo, de certa forma, o mesmo conjunto de associações principais revelado na Figura 10. Pode-se observar também a presença de um “Hoje sofrido, triste” principalmente nos dois primeiros períodos (04 co-ocorrências de um total de 07). Isso parece estar indicando uma predominância da lembrança triste entre 1925 e 1944, que se apaga por completo a partir do período 1975-1984. Outro fator que merece ser notado é a concentração das co-ocorrências entre um “tempo feliz” e o “quem dera voltar” no períodos 1945-1954, 1955-1964 e 1965-1974. Talvez seja possível identificar uma das prováveis causas para o desaparecimento tanto dessa lembrança triste quanto do “quem dera voltar” especificamente a partir do período 1975-1984 e para o hiato entre 1965 e 1995 na relação com o “não volta mais”: o surgimento de um discurso menos pejorativamente nostálgico, menos “preso ao passado”, mais “jovem”.

Letra representativa da Figura 11:

RECORDAÇÃO (GOIÁ, NENETE); 1959.
Amargurado pela dor de uma saudade, fui ver de novo o recanto onde eu nasci, onde passei minha bela mocidade. Voltei chorando com a tristeza que eu senti. Vi a campina em que eu brincava com o maninho e a palmeira que meu velho pai plantou. Chorei demais com saudades do velhinho que Deus do céu há muito tempo já levou. E onde estão meus estimados companheiros? Se foram tantos janeiros desde que deixei meus pais. Adeus, lagoa, poço verde da esperança, meu tempinho de criança que não volta nunca mais. Meu pé de cedro desfolhado, já sem vida, inala o amargo de uma rósea esperança. Oh! monjolinho, quero ouvir tua batida a embalar a minha alma de criança. Manso regato que brotava lá na serra, saudosa fonte que alegrava o meu viver. Adeus, paisagem, céu azul da minha terra, rincão querido. Hei de amar-te até morrer.

Inserir Figura 11

A rua, a praça e o quintal (Figura 12) podem ser percebidos, com a exceção do primeiro período (1925-1934), como espaços, predominantemente, de atividade e de sociabilidade na lembrança dos autores. A força de ligação desse nó com o agrupamento dos elementos naturais (19) decorre das características de espaços onde árvores, pássaros e rios podiam ser, segundo as letras, facilmente encontrados. É interessante notar também a expressiva relação desse nó com um “quem dera voltar” (05 de 11 possíveis na AC) que pode, no caso da Figura 12, relacionar-se à também significativa presença de “vínculo(s) com o lugar” (07), indicando como misturados, em tais casos, de forma umbilical, a infância e os lugares dos quais vieram os compositores. Também vale a pena notar os vínculos já destacados nas Figuras 10 e 11 entre esse nó e “um tempo feliz” e “elementos naturais” na constituição de um conjunto principal de associações.

A letra que se segue é representativa:

ITUVERAVA (IVAN LINS, VITOR MARTINS); 1977.
Minha Ituverava, mande um alazão, mande uma andorinha, mande o ribeirão,
mande meu canivete, mande um canavial, me mande um moleque, me mande o
meu quintal. Minha Ituverava, mande uma procissão, mande o Largo Velho,
mande uma assombração, mande meu terno branco, mande meu coração, me
mande a minha mala, me mande a estação. Minha Ituverava, sou o mesmo
rapaz, bebi da cachoeira, tenho sede e quero mais.

A Figura 12 aparece a seguir:

Inserir aqui figura 12

No centro da Figura 13 encontramos os elementos naturais recordados nas letras. As relações desses elementos com “Atividades infantis, brincadeiras, jogos”, “Um tempo feliz, sonhos, ilusões” e “Rua, praça, quintal” já foram apontadas nas descrições anteriores. Além desses nós, são significativos, em suas co-ocorrências com a lembrança de elementos naturais, os “Elementos musicais” (14), o “Vínculo com o lugar” (15) e a “Sociabilidade” (22). A associação expressiva de “elementos naturais” com “vínculo com o lugar” e com “rua, praça, quintal” parece decorrer do imperativo óbvio de estar em jogo uma mesma esfera de ocorrências ou situações.

Letra representativa e, após, a Figura 13:

FUNDO DE QUINTAL (CARTOLA/ CLÁUDIO JORGE/ H. B. DE CARVALHO); 1985.
Carambola, manga e abio, marraio. Passa-anel e samambaias rondam coração.
Roda, pião. Lentamente abro o portão do meu quintal. Dispara, coração,
desanda a recordar. Ah, pretextos não te faltam não. Obediente, teu
coração vai entender... Mas é preciso regressar ao fundo desse meu
quintal, ao passaraio que ficou, às pipas soltas pelo ar. Vontade eu
tenho de voltar ao pé do antigo pé de abio, à sombra do meu velho pai,
caramboleira que partiu. Pai, diz se tu és feliz tão longe desse pé de
abio e diz se vai ou eu não vou voltar aqui. Carambola, não me enrola.
Vida, não.

Inserir aqui figura 13

É possível considerar que a Figura 14 represente o discurso do migrante no interior da recordação da infância. Tal fato pode ser percebido pela frequência da relação entre o “vínculo com o lugar” e “elementos naturais” (15), “sociabilidade” (10) e “rua, praça, quintal” (07). Nesse sentido, se observarmos no Quadro XVIII da Análise de Conteúdo que há uma quantidade razoável de elementos musicais regionais (cantador, frevo, canto do carro de boi...) talvez possamos compreender também a frequência considerável da relação entre esses “elementos musicais” e o nó “vínculo com o lugar” (09).

Letra representativa:

CANTIGA DA SERRA (HILTON ACCIOLY); 1983.

Olha essa terra, essas matas, esses campos, onde a lua e os pirilampos vêm de noite alumiar, no pé da serra, até as barrancas do rio onde à tarde se ouve o pio do inhambu e do sabiá. Você se lembra? Nós ainda era criança, com as mãos cheias de esperança e sementes pra plantar. Toca a viola, as cantigas lá da serra, onde um boi tristonho berra as histórias do lugar. Hoje se vê, e, como antes, tão bonito, do olho d'água ao infinito, o céu ali beijando o chão. Valia a pena o suor correr na testa pra se ver no meio da festa contando estrela e balão. Você se lembra? Nós ainda era criança com sementes de esperança e mãos prontas pra plantar. E a lua cheia vigiando lá da serra, prata e pranto, lua e terra, minha gente, meu lugar.

A seguir aparece a Figura 14.

Inserir figura 14

A figura seguinte (15) mostra as já significativas relações citadas dos nós “Elementos naturais”, “Um tempo feliz, sonhos, ilusões”, “Atividades infantis”, “Vínculo com o lugar” e “Rua, praça, quintal” com os “Elementos musicais”. Como informação relevante a ser acrescentada sobre as relações desse nó temos a alta frequência dos elementos indicativos de “Sociabilidade” (18). Tal dado pode estar refletindo, como na verdade todas as frequências consideravelmente altas nessa figura, um fato previsível: a supervalorização do elemento musical no discurso de compositores sobre seu próprio passado. Assim, não é difícil entender porque entre as lembranças de parentes, companheiros e amores infantis apareçam músicas e músicos. Também em relação ao nó representado na Figura 15 são significativas, ainda que com grandes períodos de ausência, as frequências observadas para “festas” (04), “quem dera voltar” (04) e “não volta mais” (03).

Seguem-se uma letra representativa e a Figura 15.

SANTA TERESA (FRANCIS HIME, OLÍVIA HIME); 1978.
Cores da minha infância, cheiro de essência, gosto e vontade. Ruas cortadas, brilho de um bonde, trilho de onde vem a saudade. Pego o bonde e bocejo, desço a rua e gracejo. Eu me lembro que aqui foi bom. Tinha tanto moleque, tinha samba de breque, tanto tempo faz... Subo uma ladeira contra o vento, volto a esquina e encontro o tempo. Já não tem porque correr e fico ali olhando e vendo. Revivendo cores da minha infância. E agora é hora de ir-me embora, tudo que aqui termina só na foto vai ficar. E a chuva fina, lama grossa, minha nossa, aí que vontade que eu tenho de ficar.

Inserir Figura 15 aqui

Como já pudemos perceber na Análise de Conteúdo, não há, comparada com as categorias mais freqüentemente mencionadas, um volume expressivo de referências a “amores infantis”, ainda que não se trate de volume insignificante. Além disso, tais referências distribuem-se por todo o período, o que ajuda a justificar o fato de reuni-las em um nó. A Figura 16 nos apresenta “Amores infantis” com ligações mais freqüentes com “Atividades infantis, brincadeiras, jogos” (11), “Elementos naturais” (10), “Sociabilidade” (08), “Um tempo feliz, sonhos, ilusões” (06) e “Rua, praça, quintal” (06). Também chama a atenção a co-ocorrência relativa com “Quem dera voltar” (03). Essa figura pode servir para se pensar nas primeiras relações amorosas lembradas como acontecendo exclusivamente nos espaços externos, evidenciando no discurso dos compositores mais uma situação de sociabilidade recordada, já caracterizada como palco de brincadeiras à sombra dos pés de mangas. Também parece ser importante observar a pequena incidência de associação com “elementos musicais”, diferentemente do que ocorreu em outros nós. Isso pode ser entendido como uma característica do objeto recordado: na infância, a relação com a música é de ouvinte, ou seja, aqui dificilmente aparecerão citações de serenatas para a mulher amada. Provavelmente na mocidade... Dentre a pouca ou nenhuma expressividade dos demais nós, gostaríamos de destacar a ausência de elementos do “Hoje sofrido, triste” na Figura 16.

Apresentamos a seguir uma letra representativa desse nó:

MEUS PRIMEIROS CARNAVAIS (SILVIO SILVA, ROMEO NUNES); 1968.
Dos meus tempos de criança guardo tanta coisa boa... Dos sonhos, ilusões e da lembrança da vida que eu levava à toa, da primeira namorada, do primeiro beijo amigo. Há tanto de lembrança e de saudade do tempo que se foi tão cedo. Tanto tempo faz, lembro com saudade meus primeiros carnavais. O corso e serpentinas, palhaços, colombinas. O trote e o sujo à tarde no centro da cidade. Havia em Vila Isabel batalhas colossais com o Almirante e os Tangarás. E a gente era feliz nos sonhos de papel, buscando a paz que não vem mais.

INSERIR FIGURA 16

A Figura 17 (Festas) demanda um retorno à categoria “Festas” da Análise de Conteúdo para ser melhor avaliada (Quadro XVII). É importante que se observe que: a) a maior parte das citações referem-se exclusivamente às festas de São João; b) A Festa do Divino está presente em uma música em que só ela, a festa, é recordada como elemento da infância e, por isso, como dissemos acima, foi excluída da construção da Rede de Conteúdos; c) Há apenas duas menções aos antigos carnavais, proporcionando associações com “um tempo feliz” (02), “quem dera voltar” (02), “sociabilidade” (02) e “amores infantis” (01).

A configuração acima reforça a caracterização da Festa de São João como a festa de maior importância na memória de infância dos letristas, tanto na frequência quanto na distribuição entre as décadas. Vale a pena observar na Figura 17 que, como um todo, as festas parecem representar apenas mais um elemento recordado, com frequência total pouco expressiva, sendo apenas mais um contexto, também musical (04), para brincadeiras e jogos (06) e para o exercício da sociabilidade (05), que contribui na composição de um passado feliz (05). O aparente descompasso entre essa informação e aquela revelada pelo Alceste será discutido posteriormente.

Uma letra representativa aparece a seguir.

OLHANDO O CÉU TODO ENFEITADO (ASSIS VALENTE); 1935.
Olhando o céu todo enfeitado de balões de papel fino eu recordei o meu passado, meus amores de menino. Eu corria acelerado pra segurar a sua mão que, de macia, parecia papel fino de balão. E hoje, quando chega São João, eu vejo quanta coisa se acabou. Suas mãos, que pareciam de papel, a velhice impiedosa machucou. E hoje se eu pudesse voltaria ao tempo que eu vivia de ilusão, ao tempo que eu brincava de esconder por detrás do seu vestido de balão.

Inserir figura 17

Os outros meninos, os parentes, o primeiro amor e o bate-papo na pracinha constituem o nó da Sociabilidade (Figura 18). Numa comparação entre as figuras essa é uma das cinco que agrega mais relações com o centro. Como pudemos acompanhar nas descrições anteriores, a sociabilidade é um dos elementos mais recorrentes no discurso saudoso sobre a infância. Sua alta frequência de inter-relação com os demais nós demonstra a importância desse elemento nas letras analisadas.

Letra representativa:

BONS TEMPOS (RAUL SAMPAIO); 2001.

De terra batida a ruazinha do lugar, o pião saltava da fieira pra rodar. Também jogava futebol, a vida era um prazer, correr de sol a sol... A felicidade, nesses dias de então, não ia mais longe que o redor de um quarteirão. O mundo era pequeno, parecia que o trazia apertado em minha mão. Ah, subir a serra pra colher as mexericas, vencendo as alamedas dos compridos cafezais, me sentar à mesa lado a lado aos meus irmãos na casa acolhedora de meus pais. Ah, descer o rio pelas pedras quase nuas com vara de pescar os lambaris, e só saber as horas quando ouvisse badalar o velho sino da Matriz. Imagens que guardo tão minhas dos bons tempos para trás, do bate-papo alegre na pracinha, oi amor, o amor de criança que aqueceu minha ilusão. E aí que é do sossego, não mais no coração. Depois, as serestas de rua pelas noites de luar, os sambas e canções enchendo as madrugadas. Ah, velhas jornadas lá no meu lugar. Bons tempos que não deixo de lembrar.

A seguir a figura 18:

Inserir figura 18

O contexto atual (de adulto) no qual se dão algumas das recordações sobre a infância dos letristas é explicitamente triste. Pode-se observar na Figura 19 (“Hoje sofrido, triste”) que os vínculos mais freqüentes com esse presente triste são o pólo que lhe seria oposto, ou seja, um “passado feliz” (07) e as “Atividades infantis, as brincadeiras e os jogos” (10). Nota-se, entretanto, que, mesmo no caso desses nós, há um desaparecimento da relação com um “Passado feliz” a partir do período 1975-1984 e uma menor ocorrência para “Atividades infantis” a partir de 1945-1954, com ausência para o período 1985-1994. De forma geral, percebe-se uma concentração das relações, exceção feita para “Elementos naturais”, “Quem dera voltar”, “Não volta mais” e “Ruas, praça, quintal”, nos dois primeiros períodos considerados (1925-1934 e 1935-1944), o que parece confirmar o que havíamos chamado anteriormente de uma lembrança triste específica desse período.

Abaixo uma letra representativa seguida da Figura 19:

A CANÇÃO DA SAUDADE (OSVALDINHO); 1966.

Nas horas tristes, meus pensamentos, tanta lembrança do meu tempo de criança. Brincar de roda, amarelinha. Inda não tinha as ilusões do amor. Minha boneca, onde andará você? Queria vê-la e abraçá-la como outrora fiz. Doce lembrança da minha infância, querido tempo que nunca mais terei. Vou caminhando e procurando o que fazer para esquecer meu sofrimento, meus desejos, tudo, tudo e voltar àquele tempo.

Inserir figura 19

A Figura 20 apresenta a infância como um tempo que não volta mais. A referência a esse fato dá-se de maneira muito dispersa nas letras analisadas, mas é possível observar que o tema permanece ao longo de quase todo o período englobado pelas letras.

A seguir uma letra representativa:

INFÂNCIA (CARLITO MORENO, J. CRAVO JÚNIOR); 1945.
Tenha saudade do tempo melhor da vida, da minha infância querida, dias que não voltarão. Tenho saudade de correr pela campina que a luz do sol ilumina nessas tardes de verão. Tenho saudade das cantiguinhas de roda que nunca saem da moda nos folguedos infantis. Ai, seu eu pudesse, esquecendo o meu presente, ser criança novamente pra de novo ser feliz. Tempo em que a vida é sorriso, sim, cantar do paraíso. Sim, eu quisera de novo à minha infância voltar pra brincar com os garotos da rua, com meus brinquedos enfim. Tudo o que eu guardo na lembrança do meu lindo tempo de criança quem me dera voltasse pra mim. Tenho saudade.

Inserir figura 20

A última figura (Figura 21) tem como centro o querer voltar ao tempo da infância. O que mais nos chama a atenção nessa figura é a independência entre o “quem dera voltar” e o “não volta mais”, com apenas 03 co-ocorrências, e a também fraca relação com os nós “hoje sofrido, triste” (02 co-ocorrências) e “um tempo feliz, sonhos, ilusões” (04 co-ocorrências), o que parece conceder à lembrança saudosa da infância, no conjunto de concepções sobre o que é a Saudade, uma característica que poderia particularizá-la: a ausência significativa de um querer voltar.

Letra representativa:

MEUS TEMPOS DE CRIANÇA (ATAULFO ALVES); 1957.

Eu daria tudo que eu tivesse pra voltar aos dias de criança. Eu não sei pra quê que a gente cresce, se não sai da gente essa lembrança. Aos Domingos missa na matriz da cidadezinha onde eu nasci. Ai, meu Deus eu era tão feliz no meu pequenino Mirai. Que saudade da professorinha que me ensinou o B, A, BA. Onde andar  Mariazinha? Meu primeiro amor onde andar ? Eu, igual a toda meninada, quanta travessura que eu fazia. Jogo de botões sobre a calçada. Eu era feliz e não sabia.

A seguir a Figura 21

Inserir figura 21

DISCUSSÃO

“Minha terra é minha pele”.
Salgado Maranhão. *Sol Sangüíneo*.

Optamos por dividir esse capítulo em duas seções. A primeira, que chamaremos Tema, refere-se à discussão dos resultados provenientes dos três procedimentos, que acabamos de apresentar. A segunda, denominada Questões Metodológicas, tratará especificamente da avaliação da utilização inter-relacionada do Alceste, da Análise de Conteúdo e das Redes de Conteúdos.

TEMA

Entendendo-se a Memória Social como um objeto que deve necessariamente ser tratado numa abordagem multidisciplinar (Jodelet, 1992; Sá, 2000; Olick, 1999), perspectiva que de certa forma encontra-se presente nesse trabalho, seguiremos a discussão dos resultados buscando, ainda que parcialmente, informações históricas e sociológicas que permitam um entendimento mais contextualizado do tema de nosso interesse.

Passaremos à discussão em forma de tópicos, analisando aqueles elementos que parecem mais persistentes, bem como a possível interação entre os mesmos na sucessão desses tópicos.

* Deve-se primeiramente admitir que, seguindo uma tendência da produção musical brasileira em geral, no banco de dados analisado o número de letras de compositores excedeu em muito o de compositoras. Assim, esse trabalho refere-se explicitamente às memórias de infâncias masculinas. A literatura tem mostrado que a diferenciação entre

memórias masculinas e femininas é significativa, pelo menos quanto ao conteúdo: as memórias femininas têm como característica geral se relacionarem com mais frequência ao espaço privado/ doméstico, em oposição às lembranças masculinas, que possuem forte referência ao lado de fora da casa (Perrot, 1989; Bosi, 1999; Fentress e Wickham, 1992)⁵.

Os resultados apresentados confirmam essa última caracterização apontando a recorrência de alguns elementos recordados que podem ser considerados como constituintes de um mundo representado tradicionalmente como de meninos: as Atividades Infantis (correr, andar à toa, fazer travessura), as Brincadeiras e Jogos (futebol, pião, balão, papagaio), a Sociabilidade (meninada, moleques, companheiros, turma) e os Lugares onde tudo isso acontece (rua, quintal, terreiro, praça). Podemos acrescentar a esses os Elementos Naturais (também indicativos de locais exteriores ao espaço da casa).

* O grupo formado por elementos relacionados às atividades infantis, brincadeiras e jogos caracterizou-se como o mais recorrentemente lembrado. No Alceste, a Classe “Atividade e Imaginação” concentrou 41% das UCE analisadas. Convém observar também sua alta frequência nos quadros da Análise de Conteúdo (Quadros V e VI), bem como sua também alta relação com os demais nós das Redes de Conteúdos, o que aponta para a possibilidade desse agrupamento ser, ao mesmo tempo, fator de agregação e de articulação entre os demais elementos lembrados. Deve-se observar que a própria Classificação Ascendente Hierárquica considera como fortemente unidas a idéia de que “recordar a infância é ter *saudade* da mesma” e a constatação de que essa recordação refere-se de maneira mais recorrente à caracterização da vida de menino como “jogar bola”. Pode-se observar que no

⁵ Pode-se perceber também essa diferenciação numa comparação ainda que superficial entre as memórias de infância de Jorge Amado (1996), José Lins do Rego (1993), Rubem Braga (1997), e aquelas descritas por Lya Luft em *Mar de dentro* (2002). Para as particularidades das memórias de Graciliano Ramos (1976), relacionadas fortemente aos ambientes doméstico e escolar, ver, por exemplo, Lemos (2002) e Souza (2001).

quadro da Análise Fatorial de Correspondência a palavra *saudade* encontra-se ligada mais fortemente ao “mundo” do que ao “sentimento”. Isso indica que a *saudade* aqui é entendida como relacionada primordialmente a objetos e ações, “tenho saudade disso ou daquilo”, aparecendo de maneira menos forte uma possível tendência a contextualizar o vocábulo *saudade* no jogo sentimental mais estrito. Queremos dizer com isso que os dados apontam não para um sentimento de saudade gerando a enumeração dos elementos da infância, mas, contrariamente, para o fato de que a enumeração de elementos recordados traz consigo a saudade como medida de valor afetivo dos objetos e ações lembrados. Provavelmente esse é o processo que implica o silêncio quase absoluto sobre as atividades que poderiam ser caracterizadas como trabalho infantil (Quadro VI).

Como indicado na introdução, outros estudos sobre memórias da infância apontam que essas atividades (trabalho infantil) tendem a ser recorrentemente lembradas pelos que tiveram a infância menos favorecida economicamente. Também os trabalhos de Moura (2000) e de Rizzini (2000) mostram que, no Brasil, o trabalho infantil não é uma atividade que possa ser considerada como referente a um pequeno número de crianças, pelo menos do final do Século XIX para cá (período analisado pelos trabalhos). Moura (2000) aponta que, por exemplo, na cidade de São Paulo de 1919 os menores de idade constituíam 40% da mão de obra da indústria têxtil. Certamente o trabalho infantil não se relacionava somente àquele realizado nas indústrias e não era exclusividade de São Paulo. Disseminava-se, e ainda está presente, por todo o país. Além da indústria, o ambiente doméstico, a lavoura e a rua também eram (e são), inclusive para crianças, lugares de trabalho. Numa das poucas letras que fazem referência a essa situação temos:

TEMPO DE MENINO (EDGAR FERREIRA); 1958.

No meu tempo de menino eu não passei vida boa, não freqüentava a escola só porque andava à toa. E pra não perder meu tempo eu ficava na esquina no jogo de cara e coroa, coroa. Naquele tempo existia réis, vintém e tostão. Eu soltava papagaio e jogava o meu pião. No domingo de manhã, lá no sítio da mangueira, eu caçava passarinho armado de baleeira, atiradeira. Eu que fui menino pobre e me criei na estrada. Carreguei frete na feira, joguei lebre na calçada, levei bilhete do rapaz pra namorada. Só não fui guia de cego, mas fui craque na pelada.

Apesar de ser quase a única informação sobre trabalho infantil, essa letra é central para que se entenda o sentido mais amplo que as Atividades possuem na memória dos compositores. O discurso sobre o menino pobre, ainda que reconheça não ter sido a vida boa, ajusta no interior da própria letra a direção da fala no sentido da identificação de elementos positivos também recordados. Esse aparente paradoxo no interior de um só texto exemplifica como mesmo um conteúdo negativo pode sujeitar-se à tendência mais geral das letras com as quais trabalhamos de considerar a infância em seus aspectos positivos. Analisando a memorialística de literatos sobre as suas infâncias e adolescências na Amazônia do início do Século XX, Figueiredo (2000) indica que, mesmo que não correspondesse inteiramente à verdade, a infância era, sobretudo, relatada como um universo do “não trabalho”, onde mesmo aquelas atividades mais próximas do que poderia ser caracterizado como um trabalho infantil, ainda que intermitente, também eram relatadas em seu caráter lúdico.

Não estamos afirmando que o conteúdo negativo da memória da infância é substituído ou amenizado propositadamente pelos autores e compositores. Como vimos na introdução, o que pode estar ocorrendo aqui é a retomada de um sentido de coerência da memória. Assim, se temos no nosso banco de dados a palavra *saudade* tão atrelada ao recordar a infância em suas atividades, e considerando-se que a idéia de *saudade* refere-se à lembrança de algo positivo, nada mais esperado do que esse “ajuste” acima descrito.

* Como vimos anteriormente, a rua também tem sido identificada como lugar de trabalho infantil. Entretanto, nas letras analisadas ela é recordada como o lugar onde mais freqüentemente eram realizados os jogos e as brincadeiras e faz parte de um conjunto maior formado também pela praça e pelo quintal, o que caracteriza a infância lembrada, como dissemos acima, basicamente relacionada ao espaço não doméstico. Tradicionalmente, esse espaço é considerado como “perigoso”, pois que lugar oposto, numa perspectiva relacional, ao da casa, entendida como familiar e segura (DaMatta, 1991). A rua das memórias da infância é um mundo a ser descoberto e dominado. Nesse sentido, também pode ser entendida como espaço onde se dá ainda hoje o aprendizado da masculinidade (Heilborn, 1999).

A identificação dos espaços externos à casa dever ser também considerada em seus aspectos de relação com a Sociabilidade e com os Elementos Naturais. Esses espaços são lembrados como os espaços da meninada (observe-se que boa parte dos jogos e brincadeiras recordados é essencialmente coletiva), das aventuras, dos primeiros amores. Pode-se também considerar que, pelo menos, metade dos elementos musicais da infância recordada são, predominantemente, aqueles que se referem ao lado de fora da casa (cantigas de roda/ ciranda, sons relacionados a trabalhadores, bandas de música, sanfoneiros, cantadores, megafone, toadas, frevo na rua).

* É possível, pela quantidade de citações conjuntas de “rua, praça, quintal” e de “elementos naturais” (19 – Nó da Figura 12), afirmarmos que a lembrança da infância refere-se de forma predominante às cidades do interior, à zona rural e/ ou às cidades que no período de infância dos compositores ainda não tinham trocado as árvores pelos edifícios. Como as informações de cada uma das letras são bastante sintéticas, pela própria natureza que as caracteriza, não encontramos as comparações explícitas entre o espaço geográfico da

infância e aquele habitado pelo memorialista no momento da composição, presentes em relatos sobre a infância produzidos em outros estudos, conforme apontamos na introdução.

Entretanto, duas informações podem, mesmo que indiretamente, suprir essa ausência:

A) A primeira é o progressivo aumento, a partir do período 1975-1984, das referências ao “quintal”, tendo como possível explicação a industrialização e a urbanização das principais cidades brasileiras ao longo do Século XX, intensificada após a década de 50, período no qual a população do país aumentou quase 10 vezes (Berquó, 2001). Ainda que possamos pensar em uma substituição, talvez definitiva, da rua pelo quintal na identificação do palco da infância (correr ou jogar bola entre carros e ônibus é uma travessura arriscada demais...), essa tendência, entretanto, só encontra a possibilidade de ser confirmada numa análise das letras produzidas no futuro.

Mesmo que de forma indireta, um outro fator pode estar aqui envolvido: a popularização do livro *O meu pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, que teve sua primeira edição em 1968, com posteriores adaptações para cinema e televisão (Minchillo, 2001), tendo, inclusive, servido como fonte para o enredo da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel no desfile de 1970. O livro foi adotado como leitura obrigatória em várias escolas e representa até hoje uma das obras mais vendidas na história do mercado editorial brasileiro (hoje, 2004, está em sua 100ª edição). Obviamente, não estamos afirmando que todos os compositores tiveram acesso direto à obra. O que estamos dizendo é que uma maior valorização social do tema *infância e quintal*, que resultou na obra ou foi dela resultante (não é o que nos interessa para o momento), não deve ter passado despercebida pelos letristas.

B) A segunda informação, que, como a primeira, é condizente com a importância do quadro espacial como suporte de lembranças (Halbwachs, 1990), refere-se aos indícios, apontados

nos resultados (Figura 13 – nó Elementos naturais), de grupos de elementos que podem estar relacionados a uma memória de migrantes. Nesse sentido, convém observar que a Classificação Ascendente Hierárquica da Classe 02 (Povo, terra, casa) destaca para essa Classe os contextos “sair de casa, lembrar da gente do sertão” e “querer ouvir rios e sabiás” como os mais representativos. Essa informação pode ser contextualizada pelos dados apresentados por Berquó (2001) e por Thery (2001) sobre os fluxos de migração interna no Brasil ao longo do Século XX. Exemplificando a importância desses fluxos, sobretudo após 1930, somente para o período entre os anos 1970 e 1980 “estima-se a migração rural-urbana em torno de 15,6 milhões de brasileiros” (Berquó, 2001, p. 24).

c) Outras duas características do próprio conjunto das letras analisadas podem reforçar nossa hipótese. A primeira é a frequência quase inexpressiva de menções aos elementos litorâneos. Isso poderia, em parte, ser explicado pelo processo de urbanização do Rio de Janeiro (um dos núcleos da indústria fonográfica brasileira), cuja região litorânea foi ocupada, já antes da metade do Século XX, por prédios destinados àqueles com maior poder aquisitivo. Ainda assim, isso não necessariamente impediria que também os moradores mais pobres, como, por exemplo, os das favelas, já difundidas no Rio do início desse mesmo Século, tivessem acesso ao mar, pelo menos através de uma vista privilegiada dele (Marins, 1998). Tais informações podem estar excluindo o próprio Rio de Janeiro como lugar da infância da maior parte dos compositores. Como indicativo da caracterização das letras como lembranças predominantemente de migrantes, outro fator que merece ser apontado, o segundo, é a também ausência significativa das citações aos bondes (02 letras), já no início do Século XX presentes em algumas das principais cidades do país, e mencionados por outros memorialistas para a cidade de São Paulo (Bosi, 1999; Costa Jr., 2001).

Retomando a consideração da importância do quadro espacial como suporte de lembranças, podemos admitir que a recorrência da lembrança de elementos naturais, nos lugares que foram recordados, indica a atual inexistência de vários desses elementos (urbanização) ou indica que o sujeito que recorda se encontra distante dos mesmos (migração). Em ambas situações, a importância do elemento descritivo nos relatos analisados nos remete à consideração de que as mudanças no ambiente, seja por alterações do mesmo ambiente, seja pela inserção em um novo, estão estreitamente relacionadas tanto ao conteúdo recordado quanto à avaliação do mesmo. Essa perda de quadro espacial pode estar proporcionando a simplificação dos elementos recordados no sentido de transformar o conjunto geral de recordações sobre o espaço da infância num agrupamento esquemático de elementos comuns e partilhados. Veja-se como, mesmo para alguns casos onde está explícito no texto analisado o local recordado, as letras parecem se referir todas a um só e mesmo lugar.

* A identificação das Festas de São João com o contexto acima referido não é automática. No trabalho de Silva, Garcia e Ferrari (1989) são relatadas lembranças dessas festas em São Paulo. Entretanto, nesse mesmo trabalho essas festas são incluídas num agrupamento maior de festas, algumas delas religiosas, não tendo, nem de longe, o destaque dado a elas pelas letras das canções por nós analisadas. Como vimos no Quadro XVII, 06 das 09 menções a Festas relacionam-se diretamente à Festa de São João. Além da importância dada à mesma (já apontamos alguns dos possíveis motivos para essa importância no texto que apresenta o Quadro XVII), sua descrição é bastante estável, ou, se preferirmos, estereotipada. Esse certamente é o motivo para que um número tão reduzido de letras possa resultar numa Classe a partir da organização dos dados efetuada pelo Alceste. Através da análise da Classificação Ascendente Hierárquica da Classe que a representa (Classe 03) é possível

identificar seus elementos mais persistentes: a própria identificação da festa e o “olhar o céu com balões”. Pode-se aqui argumentar que as músicas sobre as festas juninas também são, hoje menos, algumas das músicas para as festas juninas. Assim, essa regularidade do vocabulário utilizado também pode ter como intenção uma simplificação de estrutura que possibilite uma assimilação mais facilitada pelos ouvintes, grande parte deles também crianças.

* Em relação a essa última informação é preciso que se considere a percepção da infância como um tempo feliz, ou, como sugere Abramovich (1993), a recorrência, no tratamento tradicionalmente dado ao tema, do “mito da infância feliz”. É possível perceber a importância dessa percepção nas letras analisadas através das informações fornecidas pelo Alceste (Classe 04 – Sentimentos guardados), pelos Quadros XXI (Concepções de infância) e XXII (Ontem) da Análise de Conteúdo e pela identificação de que essa percepção está associada fortemente a outros elementos recordados (Figura 11 – Nó “Um tempo feliz, sonhos, ilusões”). O conjunto dessas informações pode indicar porque a infância merece, segundo os compositores, ser guardada. Ainda que a frequência de comparações explícitas entre um passado feliz e um presente sofrido seja pouco expressiva, tal comparação não pode ser descartada. Abaixo alguns motivos que justificam essa decisão de não descarte:

a) Primeiramente, é conveniente apontar alguns elementos mais específicos da infância feliz relatada pelos compositores. Identificada como um tempo em que estão fortemente associados aspectos lúdicos, a infância recordada também se refere a uma potencialidade. A vida, então, era considerada como o lugar dos sonhos, das ilusões, da imaginação e dos descobrimentos. Pensava-se que quase tudo era possível, pois era a época da inocência. A referência a esse último fator merece um adendo: a avaliação da criança como inocente está de acordo com a quase inexistência de menções à sexualidade. Todas as referências aos

primeiros amores são referências “puras” e, algumas vezes, esses amores concretizam-se somente na imaginação do menino lembrado. Ajuda a compor esse quadro a idéia de que a infância não conhece os males de amor.

b) Deve-se analisar com um certo cuidado a distribuição das menções a um passado infeliz ao longo do século. Como havíamos apontado, as duas primeiras décadas (1925-1934 e 1935-1944) do período por nós trabalhado podem ser avaliadas como características de uma lembrança triste, que diz respeito ao ato de lembrar, não ao conteúdo lembrado. Aqui precisamos admitir que as letras desse mesmo período sobre as outras *saudades* não consideradas para o presente trabalho também são perceptivelmente mais tristes. É importante observar que o estudo de Oliven (1987) sobre uma “economia dos afetos” na música popular brasileira caracteriza o discurso do homem/ compositor sobre as suas relações amorosas como sendo eminentemente o discurso de um sofredor (apenas uma das músicas utilizadas nesse estudo é de 1951, todas as demais são das décadas de 30 e 40). Dados de Menandro *et al* (2003) mostram um quadro similar, envolvendo um conjunto de canções de apelo comercial que é mais recente. Certamente, a análise dessa tendência escapa aos objetivos do presente trabalho, apontando, entretanto, o que pode ser um interessante objeto a ser investigado.

c) Outro fator que não pode ser descartado na análise da lembrança triste é a tendência progressiva, mais forte a partir da década de 50, do direcionamento do mercado de bens culturais para os jovens. Evidentemente, esse é um fator relevante uma vez que exigiu novas linguagem e postura dos artistas que almejassem o sucesso fonográfico, a partir desse momento condicionado não só ao rádio e à imprensa escrita, mas também à televisão. Nesse novo contexto podemos identificar com uma certa segurança uma tendência a caracterizar o discurso do sofredor do início do Século XX, pelo menos em parte da música

popular, como algo “cafona”. É óbvio que podemos considerar que o fato da referência ao sofrimento de quem lembra ter se enfraquecido ao longo do período analisado não indica necessariamente o desaparecimento desse sofrimento no ato de lembrar.

d) Ainda que as menções a um presente sofrido se concentrem nos períodos acima descritos, deve-se atentar para o fato de que essa referência está presente, ainda que de forma mais fraca, em todas as demais décadas. Sobretudo, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que, de certa forma, falar *saudade* implica uma comparação. Não se tem *saudade* do que ainda está presente. Nesse sentido, a referência saudosa a um objeto pode significar, em si, é isso que aponta a bibliografia sobre *saudade*, o não acesso a algo que, no momento da lembrança, se percebe prezar. Pode-se então considerar, e não seria irresponsável fazê-lo, que recordar com *saudade* um tempo que, no momento da própria verbalização da lembrança, se caracteriza como feliz aponta fortemente para a avaliação de um presente, no mínimo, não tão feliz. Vale lembrar aqui que o escritor Álvaro Moreyra (1954), em texto em que relata suas lembranças, argumenta que “um instante ingênuo de raciocínio revelará que o passado já foi presente, e que então também se vociferava contra o tempo que fazia, em contraste com o tempo que fizera” (p. 249).

Perceba-se que a idéia que dá suporte ao argumento do presente menos feliz decorre da percepção de que algumas letras retratam a passagem do tempo como “queda”, como perda de ilusões, de sonhos e de alegria. É interessante se perceber também que o nó “Hoje sofrido, triste” (Figura 19) agrega-se de forma fraca à maioria dos outros elementos, estando mesmo ausente, ou quase ausente, a menção desse “hoje” associado aos elementos que constituem as categorias de lugares (“Rua, praça, quintal”, “Vínculo com o lugar” e, num certo sentido, como já vimos, “Elementos Naturais”). Entretanto, esse nó se liga a “Atividades infantis” de uma forma não desprezível. Tal contexto pode fortalecer o que

estamos argumentando porque aponta para uma ligação mais estreita entre o sofrer adulto e o que irremediavelmente está “perdido”.

É preciso considerar que, admitindo que a infância do migrante esteja fortemente representada no banco de dados, na lembrança do lugar não está descartada a volta a ele, assim como o rever parte de sua gente, mesmo que a possibilidade dessa volta, por algum motivo, seja remota. Nessa direção, observe-se que tanto “o quem dera voltar” (Figura 21) quanto o “não volta mais” (Figura 20) possuem também fraca ligação com outros elementos recordados. Estamos no nível do sentimento. O que às vezes se quer de volta e, de forma mais dura, o que se sabe que não volta mais, ainda que poucas vezes dito, é a felicidade. Num retorno aos resultados do Alceste podemos perceber que as palavras alegria, feliz e amor se unem de forma mais forte àquelas relacionadas às atividades, em oposição a uma descrição do ambiente.

Aqui podemos argumentar que, nessa ótica, o discurso saudoso não é escapista ou alienado. Ele não fala só de um passado feliz, mas, sobretudo, de um hoje como *sofrimento calado* que se relaciona de maneira umbilical à percepção de um mundo opressor e alheio ao querer do sujeito que recorda. Por isso, os sentimentos guardados são também guardados do mundo (a Análise Fatorial de Correspondência mostra uma possível oposição no eixo y entre os “sentimentos” guardados e o resto desse “mundo”). Nessa mesma direção pode-se apontar para uma particularidade do discurso sobre a memória saudosa da infância: ela não quer a volta do objeto recordado, e sim o que ele representa.

* De uma forma mais abrangente, é possível se considerar que o discurso saudoso nas letras das músicas analisadas não é particularizado. Como já havíamos especulado anteriormente, ele não está dirigido a um ouvinte específico, talvez porque, pelas próprias características do tema, esteja subentendido para os compositores que todos os seus ouvintes saibam

exatamente do que estão falando, uma vez que também já tiveram uma infância. Note-se que esse “saber” indica a percepção da existência de uma avaliação compartilhada sobre alguns elementos relacionados ao passado. Os textos das letras são, em quase sua totalidade, bastante reduzidos. Tal fato, longe de se caracterizar como uma desvantagem, proporciona a análise de um material que se condiciona quase exclusivamente ao que não pode deixar de ser dito, mesmo num pequeno texto, sobre determinado assunto. Não estamos afirmando que as letras seguem uma lógica do clichê, até porque os próprios compositores nos mostram freqüentemente que sempre é possível inovar em temas considerados até então como esgotados. O que a análise de letras oferece, segundo nosso entendimento, é a identificação mesma dos elementos partilhados na avaliação de um determinado tema.

Nesse mesmo sentido, deve-se observar que a presença de elementos religiosos nas letras é menor do que aquela encontrada nos relatos coletados nos trabalhos de Caldana (1998) e de Silva, Garcia e Ferrari (1989). Pode contribuir para o fato o caráter predominantemente laico da música popular, em particular a urbana. O que também contribui, sem dúvida, é a ausência desses elementos como fator importante para, conforme estamos aqui discutindo, a não particularização das letras. Deve-se reparar, inclusive, nesse sentido, que alguns dos elementos citados nessa categoria remetem também às menções da rede de sociabilidade lembrada como, por exemplo, a missa de domingo, a procissão e a viagem para Juazeiro do Norte.

*A partir das Classes formadas pelo Alceste, é possível caracterizar o discurso sobre a lembrança saudosa da infância, nas letras analisadas, como representante de uma Memória de sentimentos, sons e imagens. Quanto aos dois últimos elementos, Fentress e Wickham (1992) afirmam que

“embora reconheçamos, graças a todos os nossos sentidos, costumamos evocar vistas e sons com mais facilidade do que cheiros, paladares e tatos. Facilmente conseguimos representações pessoais de imagens visuais e acústicas, o que é mais difícil com os outros sentidos. A nossa capacidade de evocar e fantasiar imagens espaciais e acústicas (mesmo imaginando nosso espírito com ‘fantasmas’ e ‘memórias’) mostra que a memória sensorial do espaço e do som não é menos conceitual do que a nossa memória abstrata dos significados. O espaço e o som caracterizam o mundo tal como o representamos na nossa imaginação de uma maneira que os cheiros, os paladares e o tato não conseguem” (p. 47).

Moreyra (1954), em texto já mencionado sobre suas lembranças, apresenta uma consideração muito semelhante: “Cada palavra que se escuta acende uma chama na memória. Mais pelos ouvidos do que pelos olhos a nossa vida se enche de recordações” (p. 112). Ainda nessa mesma linha, e do mesmo autor: “Certos pedaços de músicas, ouvidos um dia, nunca mais esquecemos. Estão cantando em nós. Vêm do fundo da infância” (p. 312).

De fato, se através da simplificação e da esquematização o conteúdo memorizado pode ser organizado para formar o passado como um todo coerente e articulado, é possível, através da identificação dos elementos mais constantes nos discursos dos memorialistas, apontar quais desses elementos também podem ser submetidos mais facilmente ao processo de esquematização. Entretanto, convém observar que a separação de palavras em Classes

realizada pelo Alceste indica mais a recorrência de determinadas seqüências de vocábulos no interior das letras do que uma própria independência dessas seqüências.

Como mencionamos anteriormente, as letras devem conter um máximo de informações possível em um texto que, na maioria das vezes, é pequeno. Assim, pode-se admitir que as diferentes seqüências/ estruturas que compõem as letras, ao mesmo tempo em que possuem uma organização interna bastante definida, articulam-se de modo também recorrente. Tal fato possibilita que uma mesma letra descreva elementos da infância, como imagens e sons, à medida que traça um significado geral desses elementos a partir da ótica de quem lembra. Num sentido mais específico, que é o da própria organização do conteúdo da memória, vale a pena apontarmos que não há possibilidade de se afirmar, apesar da admissão de que as estruturas do discurso possuem uma lógica interna, a existência de elementos puros na recordação. O caráter eminentemente multi-referencial das letras, conforme demonstrado nas Redes de Conteúdos, confirma o que estamos afirmando. Ao falar sobre a infância de uma forma saudosa o compositor é forçado a evocar os elementos que, partilhados socialmente, precisam ser ditos a fim de que o discurso saudoso se caracterize como tal. É assim que se considera possível que sentimentos, sons e imagens, ainda que pareçam sob determinado ponto de vista diferentes coisas, possam se misturar - e é necessário que se misturem freqüentemente. Tal característica só encontra viabilidade se considerarmos que tanto o sentimento, quanto imagens e os sons devem se transformar em conceitos a fim de que sejam verbalizados em narrativas da Memória. Nessa direção é possível se pensar em encadeamentos de elementos fixados socialmente constituindo padrões de histórias. É a utilização desse encadeamento no próprio ato de narrar lembranças um fator que pode também atuar na organização da memória. Para Fentress e Wickhan (1992), a função primordial da palavra num contexto de transmissão essencialmente oral de

histórias é o de encadear imagens, constituindo-se a própria história numa “espécie de contentor natural de memória, uma maneira de seqüenciar um conjunto de imagens, através de conexões lógicas e semânticas, numa forma de si fácil de reter na memória” (p. 70). Sobretudo nesse sentido palavra e imagens devem ser consideradas como estreitamente relacionadas.

Pelos nossos dados é possível afirmar, como fazem os autores acima citados, que não partilhamos somente os elementos recordados, mas os partilhamos numa seqüência que deve também ser comum a fim de que a história contada se caracterize como essencialmente o relato de uma infância saudosa. Assim, aprendemos socialmente, além do que se deve lembrar com saudade, como transmitir essa lembrança. Conteúdo lembrado e articulação verbal desse conteúdo são amalgamados de tal forma que ao mesmo tempo em que a verbalização organiza as lembranças, a partilha de conteúdos e da forma de encadeá-los condiciona a narrativa saudosa.

Não se trata evidentemente de um esquema dado desde sempre e/ ou para sempre imutável. Lembremos que a Memória Social é dinâmica e elementos novos são por ela absorvidos e integrados no sentido de coerência geral do conteúdo mnemônico. Como exemplo, podemos apontar a lembrança menos freqüente das sensações de paladar. Ainda que não ocorram em quantidade desprezível (Quadro XVI) apresentam-se como muito dispersas e, na maioria das vezes, apenas ajudam a compor o contexto mais geral recordado. Entretanto, para um dos elementos mencionados nessa categoria gostaríamos de chamar a atenção: a batata assada ao forno. Vejamos a letra de “O batateiro”, composta por Zica Bérjami e gravada por Inezita Barroso em 1958:

Batata assada ao forno... Às três horas passava o batateiro subindo pela rua, cantando o dia inteiro. E eu corria com toda a meninada para comprar batata doce assada. E o velhote sempre dizia que estava muito boa a

batata que vendia. Ai, que saudade do velho napolitano que pelas ruas passava apregoando: batata assada ao forno... Um tostão de batata era um montão, apanhava no vestido e caía pelo chão. Com certeza o velhote já morreu e a criançada cresceu e envelheceu e, como eu, sente saudade do bom napolitano apregoando na cidade: batata assada ao forno.

Ainda que não identifique de forma explícita o espaço no qual conviviam o batateiro e a meninada, é possível, de forma indireta, relacionar tal lembrança a São Paulo. Em Bosi (1999) encontramos a citação desse mesmo personagem nas falas dos memorialistas: “Dos pregões de ambulantes o mais lembrado é o da ‘*Batata assada ao forno*’” (p. 446). Por outra via, encontramos na *Ronda da Meia-Noite* de Sylvio Floreal, livro de crônicas de costumes paulistanos publicado originalmente em 1925: “quando me afastei do botequim, lembrei-me então de procurar mais dois vendedores de petisqueiras. O de pinhão cozido e o de batata assada ao forno” (2003, p. 128). Pode-se considerar assim que a letra de “O Batateiro” particulariza uma lembrança, dialogando mais estreitamente com a memória paulistana da primeira metade do Século XX. As outras referências utilizadas para exemplificar a presença desse personagem e, é claro, da comida a ele associada, têm o intuito de confirmar a possibilidade de sua lembrança, tal como de fato ocorre no trabalho de Ecléa Bosi, nos relatos dos compositores. Desse conjunto de informações queremos desdobrar dois aspectos:

A) Como havíamos acima argumentado, há a possibilidade de que parte considerável das memórias de infância analisadas se refiram a memórias de migrantes. Num país tão grande quanto o Brasil, a diversidade de alimentos consumidos é bastante considerável. Entretanto, a citação de elementos regionais tende a particularizar a lembrança, pelo menos em relação ao ouvinte mais geral. Ainda que possamos identificar essa particularização na letra de “O Batateiro”, é preciso observar que ela também

menciona outros elementos característicos da lembrança saudosa da infância, como a rua e a meninada. Assim, mesmo citando um elemento mais específico, a letra não foge ao que estamos apontando, uma vez que nela está presente, além dos elementos mencionados (rua e meninada), o discurso do sentimento. Nesse sentido, é possível afirmar que a caracterização de uma letra como saudosa prescinde da presença do vocábulo *saudade*, uma vez que é a menção a determinados elementos mais gerais e partilhados que assim a definem. O fato da presença do vocábulo *saudade* não ser condição imprescindível para a caracterização de um discurso sobre a infância como saudosista não significa que tal presença não tenha função particular nas narrativas sobre lembranças.

Falar *saudade* explicita uma concepção da lembrança como carregada de sentimento, ao mesmo tempo em que a situa, por esse mesmo motivo, no centro do coração brasileiro (ver Quadro XXXI – Saudade e Coração). Dessa forma, o que se encontra nas letras das canções não é apenas um conjunto partilhado de imagens e sons: a narrativa saudosa sobre a infância é sustentada também pela idéia de partilha de sentimentos. Só assim pode-se entender, em parte, porque o vocábulo *saudade* adquire essa particularidade que o distingue de forma tão significativa na língua portuguesa. Como acima já dissemos, deve-se admitir então sua presença não como indício de um discurso alienado ou retrógrado, mas com o sentido de afirmar: “essa lembrança, no conjunto total de minhas recordações, faz diferença para mim”. O próprio narrador, enquanto fala, pontua o discurso com um indicativo de valor afetivo que tradicionalmente tem sido desprezado.

B) Outro fato que merece ser apontado na letra de “O batateiro” é o seu compositor, ou melhor, compositora. Considerar a letra dessa canção como possuidora de elementos característicos de um discurso sobre a infância que estamos admitindo como predominantemente masculina indica que a partilha de elementos específicos saudosamente

recordados pode ser mais ampla do que aquela que se tem percebido na diferenciação entre memórias masculinas e femininas. Outra explicação possível seria a aceitação de que os elementos de um discurso social reconhecido como abrangente podem ser acionados tanto por homens quanto por mulheres. Nesse caso, é possível inferir, sob determinado aspecto, que o eu dessa letra pode ser lírico. Para a investigação das duas possibilidades seria necessário, entretanto, um estudo que procurasse caracterizar as recordações saudosas das infâncias femininas a fim de que pudéssemos compará-las às que apontamos no presente trabalho para as masculinas, o que se apresenta como tarefa bastante difícil, dado o número ainda reduzido de compositoras na música popular brasileira.

A título de possível conclusão, nos parece valer a pena mais algumas palavras sobre como se tem comumente percebido o saudosismo. Segundo Lajolo (2003),

“já vai longe o tempo em que se podia acreditar numa imagem idílica de infância. Evocada numa perspectiva otimista e saudosa, o início da vida humana costuma traduzir-se em imagens ingênuas, naturais e positivas. A poesia – sobretudo a romântica – teve peso grande na construção desta imagem da infância como vida sem conflitos, que espelha sua beatitude no mar um *lago sereno* e no céu *um manto azulado*. (...) Esta representação edênica da infância parece ter calado tão fundo no imaginário brasileiro (em função, talvez, da frequência com que compareceu a antologias e manuais escolares) que se transformou em clichê, conjunto empoeirado de metáforas, que ocorre à boca de quem quer que se prepare para falar da infância” (p. 233).

Conforme procuramos mostrar aqui, não é necessariamente isso. Não estamos desconsiderando a possibilidade de que esta concepção da infância como sempre feliz, que está presente em diversas produções culturais (Brites, 2000; Lajolo, 2003), tenha o papel de relativizar, pelo menos para determinado grupo, as condições precárias de vida às quais estão submetidas grandes parcelas das crianças do país. Entretanto, para o nosso caso em particular, ter saudade da infância pode ser considerado como fator que irmana compositores e, nesse nível, possibilita a percepção da formação de um grupo, uma vez que possuem lembranças comuns coerentes sobre seu próprio passado e, como vimos, também uma percepção do seu presente como menos feliz. Na direção de um discurso comum pode-se admitir que o critério de “veracidade” dos fatos lembrados tende à não particularização dos elementos mencionados a fim de que a memória de cada compositor concorde com a de seus pares e sustente um agrupamento de lembranças que necessita ser coerente.

A percepção mais geral de que, ainda que pobre, a infância é um período especial é, certamente, também produto da luta travada pela constituição de conteúdos da Memória Social. Entretanto, aceitar tal fato implica, sobretudo, a busca do entendimento sobre a maneira como tal constituição se dá no nível do discurso cotidiano, inclusive no daqueles menos favorecidos nesse embate. A infância feliz, assim, não pode ser entendida como uma percepção estática da realidade, uma vez que a própria organização da Memória obriga a uma comparação, muitas vezes penosa, entre essa concepção e as situações concretas do presente de quem narra a infância e daqueles que estão ao seu redor. É nesse sentido que o discurso da saudade aponta um quadro mais geral, na fala do memorialista, que expõe um critério de valor significativo das lembranças e, portanto, também do presente do narrador. Tal critério não pode ser desconsiderado ou tomado apressadamente como caracterizador

de uma fala conformista, sob pena de ocultarmos mais uma vez, pela coerência do nosso discurso, o que as próprias pessoas estão dizendo que é realmente importante.

QUESTÕES METODOLÓGICAS

Convém que façamos agora uma avaliação da tentativa de conjugar os três procedimentos de análise utilizados.

No nosso caso, que foi o da consideração de letras de músicas como fonte válida de coleta de informações, avaliamos como extremamente interessante a possibilidade de se conjugar uma análise estatística de vocabulário, um método mais tradicional de análise qualitativa, e um possível desdobramento dessas duas nas Redes de Conteúdos. Objetivamente, a realização de uma leitura inter-relacionada dos resultados desses procedimentos possibilitou-nos, na avaliação das informações coerentes e discrepantes entre eles, uma visão mais abrangente dos elementos caracterizadores de uma memória saudosa da infância, bem como a própria interação entre esses elementos, nas letras analisadas. Agindo de outra forma, seria realmente difícil apontarmos que, por exemplo, o vocábulo *saudade* encontra-se mais recorrentemente relacionado a vocábulos que caracterizam atividades e não, como se podia esperar, àqueles que tratam do sentimento (o que foi viabilizado pelo Alceste). Também não seria fácil constatarmos o jogo entre a avaliação de um passado feliz e a percepção de um presente não tão feliz assim sem nos atermos ao sentido dessa contradição presente nas letras (o que foi viabilizado pela Análise de Conteúdo). De forma complementar, a possibilidade de apontar co-ocorrências de conteúdo no texto dos compositores nos permitiu discutir de forma mais coerente a probabilidade de serem as memórias relatadas, em boa parte, lembranças de migrantes, fato que podia ser apenas vislumbrado considerando-se tanto os resultados do Alceste como os

da Análise de Conteúdo. Esperamos que a própria discussão dos resultados tenha demonstrado outras vantagens da conjugação desses procedimentos na análise de outros elementos. Para aqueles que se interessarem por empreitada similar, algumas considerações mais gerais sobre a utilização conjunta do Alceste, da Análise de Conteúdo e das Redes de Conteúdo:

O Alceste:

- Pode servir para um mapeamento introdutório mais geral do *corpus*.
- Pode confirmar, ou não, tendências sugeridas pelos agrupamentos lexicais na Análise de Conteúdo.
- Como identifica relações de elementos segundo um critério estatístico, resulta de sua aplicação uma classificação objetiva baseada nas co-ocorrências, com o que diminui a probabilidade do pesquisador encontrar “coincidentalmente” as relações que já havia suposto existirem no material analisado.
- É um procedimento rápido: com o *corpus* devidamente preparado, o programa efetua as 04 etapas de procedimento em alguns minutos, dependendo, é claro, dos recursos do computador utilizado.
- Quanto à apresentação dos seus resultados, incorpora opções de gráficos e figuras que possibilitam a escolha dos mais adequados de acordo com as características do trabalho para o qual está sendo utilizado.

A despeito de se considerar o Alceste como um primeiro mapeamento do *corpus* a ser analisado, podemos recomendar que ele seja o último procedimento realizado num estudo que queira conjugá-lo a uma Análise de Conteúdo. A seguir algumas vantagens de se proceder assim:

- a) Quanto melhor preparado o banco de dados para o Alceste, mais confiáveis são os resultados do programa. A Análise de Conteúdo pode permitir uma revisão ortográfica e a correção de eventuais erros de digitação no texto.
- b) Não analisar anteriormente o relatório do Alceste permite uma maior independência do pesquisador na Análise de Conteúdo, pois evita que os critérios de identificação, diferenciação e agrupamento dos elementos nas categorias e subcategorias sejam influenciados pelos resultados do programa.
- c) Maior familiaridade com o *corpus* é importante para a análise do relatório do Alceste. Tal familiaridade pode ser alcançada com o desenvolvimento da Análise de Conteúdo.

Para Análise de Conteúdo:

- O Alceste não possui dicionário de sinônimos, o que implica o descarte de palavras pouco frequentes, ainda que sinônimas de outras com frequência maior. Entende-se que essa característica não é uma limitação do programa porque, como vimos, a idéia na base de sua concepção é a de que grupos diferentes se expressam, inclusive em termos de vocabulário, de formas diferentes. Nesse sentido, o descarte de tais palavras indica que as mesmas não pertencem aos mundos lexicais do(s) grupo(s) em questão. Por sua vez, a Análise de Conteúdo pode, e deve, recuperar esses sinônimos, pois estes podem ser informativos de que há mais de um discurso sobre o tema em questão, ainda que este discurso esteja menos presente no banco de dados.

Para as Redes de Conteúdo:

a) Altas frequências de menções em categorias diferentes não indicam necessariamente que essas mesmas categorias estejam relacionadas. Em informações provenientes de grupos diversos sobre o mesmo tema é possível que haja interligações entre categorias que possibilitem a formação de mais de um agrupamento dessas mesmas categorias. No caso do presente estudo, onde nos interessava particularmente o discurso coletivo sobre a lembrança saudosa da infância a partir também da variabilidade das falas sobre essa mesma lembrança, somente a constituição de um procedimento que possibilitasse a visualização de inter-relações entre os principais elementos presentes nesse mesmo discurso nos permitiria tecer considerações sobre o caráter eminentemente relacional da memória saudosa dos “tempos de menino”.

b) A formação dos nós das Redes de Conteúdos deve ser sustentada por uma lógica que seja condizente também com o referencial teórico adotado pelo pesquisador. No nosso caso, optamos pelo agrupamento de itens que se encontravam separados nas Classes do Alceste, como no caso do nó que gostaríamos que agregasse os elementos de sociabilidade (notar que mãe e pai encontram-se em duas Classes distintas), ou agregamos elementos separados na Análise de Conteúdo, mas que, por fim, consideramos como um grupo lúdico formado por atividades, jogos e brincadeira, como apontou o programa.

c) A construção das Redes de Conteúdos pode proporcionar ajustes na Análise de Conteúdo, pois não se trata apenas de uma contagem; ela é também um processo de classificação. Obviamente, os resultados da Análise de Conteúdo e das Redes de Conteúdos devem ser coerentes, pois que estas se originaram da primeira. Trabalhar com categorias pré-estabelecidas é um processo menos sinuoso, pois se trata de decidir se determinada menção se refere a uma categoria ou a outra, e não agrupar elementos dispersos em vários textos, no nosso caso letras de músicas, partindo da idéia de que se relacionam,

explicitamente ou não, a um mesmo tema. Assim, discrepâncias eventuais entre os dois procedimentos, provavelmente pelo fato das anotações terem sido feitas em momentos diferentes, podem ser corrigidas através de um “ajuste” na Análise de Conteúdo ou nas Redes de Conteúdo, conforme pareça mais adequado ao pesquisador.

d) Pode ser uma estratégia interessante, ainda que não tenhamos agido assim, utilizar como fonte de informação complementar os nós das Redes de Conteúdos, utilizando-os como variáveis na caracterização das UCI a serem consideradas pelo Alceste. Deve-se, entretanto, observar que a consideração de categorias da Análise de Conteúdo como variáveis para o programa não substitui as Redes de Conteúdos na busca de co-ocorrências: as redes tratam de significados, o Alceste de vocabulário.

REFERÊNCIAS

- Abramovich, F. (Org.) (1983). *O mito da infância feliz*. São Paulo: Summus.
- Amado, J. (1996). *O menino Grapiúna*. Rio de Janeiro: Record. 16ª ed.
- Ariès, P. (1981) *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Augras, M. (1998). *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: FGV.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastide, R. (1983-1943) *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva. (A Poesia Afro-Brasileira: pp. 3-110 - Saudade e Banzo: pp. 48-53)
- Bauer, M.W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 189-217). (Tradução de Pedrinho A. Guareschi). Petrópolis: Vozes.
- Beltrão Jr., S. (1993). *A musa-mulher na canção brasileira*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Berquó, E. (2001). Evolução Demográfica. In I. Sachs, J. Wilhelm & P.S. Pinheiro, *Brasil: um século de transformações* (pp. 14-37). São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (1999) *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras. 7ª ed.
- Botelho, A. & Teixeira, A. (Orgs.) (1986). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Braga, R. (1997). *Casa dos Braga: memória de infância*. Rio de Janeiro: Record. 2ª ed.
- Brites, O. (2000). Crianças em revistas (1930/1950). *Educação e Pesquisa*, 26 (01), 161-176.
- Bruner, J. (1997). *Atos de Significação*. (Tradução de Sandra Costa). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Caldana, R.H.L. (1998). A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. *Temas em Psicologia*, 6 (2), 87-103.
- Caldas, W. (1995). *Luz Neon: canção e cultura na cidade*. São Paulo: Studio Nobel, SESC.
- Carvalho, J. (1950-1998) Elementos constitutivos da consciência saudosa (Esboço de um estudo). In Carvalho, J., *Elementos constitutivos da consciência saudosa e Problemática da saudade*, precedidos de uma Introdução à Filosofia da Saudade no Século XX de Miguel Real, pp. 60-65. Lisboa: Lisboa. 2ª ed.

- Carvalho, J. (1952-1998). Problemática da saudade. In Carvalho, J., *Elementos constitutivos da consciência saudosa e Problemática da saudade*, precedidos de uma Introdução à Filosofia da Saudade no Século XX de Miguel Real (pp. 66-75). Lisboa: Lisboa. 2ª ed.
- Coimbra, L. (1923-1986) O mistério. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (pp. 161-173). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Connerton, Paul (1999). *Como as sociedades recordam*. (Tradução de Maria Manuela Rocha). Oeiras: Celta. 2ª ed.
- Costa Jr., P.J. (2001) *Meu São Paulo?... Nunca mais!* São Paulo: Editora Jurídica Brasileira.
- Cruz, M.A.S. (1992). *A musa sem máscara: a imagem da mulher na música popular brasileira*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- D. Duarte. (Séc. XV-1986). Do Nojo, Pesar, Desprazer, Avorrecimento e Suidade. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (p. 13-17)
- DaMatta, R. (1991) *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- DaMatta, R. (1993) Antropologia da saudade. In *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira* (pp. 18-34). Rio de Janeiro: Rocco.
- Fentress, J. & Wickham, C. (1992) *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. (Tradução de Telma Costa). Lisboa: Editorial Teorema.
- Ferreira, J. (1963-1986) A saudade, nova dimensão psíquica do homem. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (pp. 334-350). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Figueiredo, A.M. (2000) Memória da infância na Amazônia. In M. Del Priore (Org.), *História das crianças no Brasil* (pp. 317-346). São Paulo: Contexto. 2ª ed.
- Floreal, S. (1925-2003). *Ronda da Meia-Noite: vícios, misérias e esplendores da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra.
- Halbwachs, M. (1990-1968-1950) *A memória coletiva*. (Tradução de Laurent Léon Schaffter). São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais.

- Heilborn, M.L. (1999) Construção de si, gênero e sexualidade. In M.L. Heilborn, M.L. (Org.), *Sexualidade: o olhar das ciências sociais* (pp. 40-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Jedlowski, P. (2001). Memory and Sociology. Themes and issues. *Time & Society*, 10 (1), 29-44.
- Jodelet, D. (1992). Mémoire de masse : le côté moral et affectif de l'histoire. *Bulletin de Psychologie*, XLV (405), 239-256.
- Kah, E. (2001). Une expérience d'analyse des données textuelles a propos des déchets ménagers : intérêts et conditions d'utilisation d'une méthode. *Ve Rencontre de Théo Quant*. 12p. Disponível em: <http://thema.univ-fcomte.fr/theoq/pdf/2001/kah.pdf>
- Kalampalikis, N. (2003). L'apport de la méthode Alceste dans l'analyse des représentations sociales. In J. C. Abric (Org.), *Méthodes d'étude des représentations sociales*, (pp. 147-163). Paris: Érès.
- Kronberger, N. e Wagner, W. (2002). Palavras-chave em contexto : análise estatística de textos. In M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 416-441). (Tradução de Pedrinho A. Guareschi). Petrópolis: Vozes.
- Lages, S. K. (2002) *João Guimarães Rosa e a Saudade*. Cotia: Ateliê Editorial; FAPESP.
- Lajolo, M. (2003) Infância de papel e tinta. In M.C. Freitas (Org.), *História Social da Infância no Brasil*, (pp. 229-250). São Paulo: Cortez. 5ª ed.
- Leão, D.N. (1606-1986) Saudade. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. p. 18.
- Lemos, T.V. (2002). *Graciliano Ramos – A infância pelas mãos do escritor – um ensaio sobre a formação da subjetividade na psicologia sócio-histórica*. Juiz de Fora: UFJF, Musa.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1997). *Questions de méthodologie en sciences sociales*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Lourenço, E. (1999) *Mitologia da Saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lowenthal, D. (1998). Como conhecemos o passado. (Tradução de Lúcia Haddad). *Projeto História*, 17, 63-202.

- Luft, L. (2002) *Mar de dentro: memorial da infância*. São Paulo: Arx.
- Marins, P.C.G. (1998) Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In F. A. Novaes (Dir. col.) & N. Sevcenko (Org.), *História da Vida Privada no Brasil* (p. 131-214). São Paulo: Companhia das Letras. Vol. 3 (República: da Belle Époque à Era do Rádio).
- Matos, C. (1982). *Acertei no milhar: samba e malandragem no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Matos, M.I.P. (2000). *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Matos, M.I.P. e FARIA, F.A. (1996). *Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino, o masculino e suas relações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Medina, C.A. (1973). *Música Popular e Comunicação: um estudo sociológico*. Petrópolis: Vozes.
- Melo, Dom F.M. Da saudade. (1660-1986) In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (pp. 19-20). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. – Excerto de *Epanáforas de Vária História Portuguesa*, Epanáfora Amorosa III.
- Menandro, P.R.M. (1998). *Análise de Conteúdo de material documental pré-existente à investigação: o caso da música popular*. Vitória: UFES. Manuscrito não publicado.
- Menandro, P.R.M., Pereira, J.F., Amim, I.D. e Santos, S.M. (2003). Aspectos do relacionamento amoroso presentes em letras de músicas dirigidas à camada popular urbana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 54 (1), 03-19.
- Minchillo, C.A.C. (2001). *Literatura em rede: tradição e ruptura no ciberespaço*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária.
- Mirador (1977). *Enciclopédia Mirador Internacional*. Verbetes “mito” (pp. 7762-7773). São Paulo: Melhoramentos.
- Montero, M. (1995). Estratégias discursivas ideológicas. In S.T.M. Lane & B.B. Sawaia, (Orgs.), *Novas Veredas da Psicologia Social* (pp. 83-96). São Paulo: Brasiliense, EDUC.
- Moraes, J.G.V. (2000) História e música: canção popular e conhecimento histórico. *Revista Brasileira de História*, 20 (39), 203-221.

- Moreyra, A. (1954). *As amargas, não...* Rio de Janeiro: Lux.
- Morin, E. (1973). Não se conhece a canção. In A.A. Moles, A. Glucksmann, G. Friedmann & E. Morin, *Linguagem e Cultura de Massa* (pp. 143-156). (Tradução de Sebastião Velasco e Cruz e Hilda Fagundes). Petrópolis: Vozes.
- Moura, E.B.B. (2000) Crianças operárias na recém-industrializada São Paulo. In M. Del Priore (Org.), *História das crianças no Brasil* (pp. 259-288). São Paulo: Contexto. 2ª ed.
- Napolitano, M. (2002). *História & música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Nora, P. (1993) Entre memória e história: a problemática dos lugares. (Tradução de Yara Aun Khoury). *Projeto História, 10*, 7-28.
- Olick, J.K. & Robbins, J. (1998). Social Memory Studies: From “Collective Memory” to the Historical Sociology of Mnemonic Practices. *Annual Review of Sociology, 24*, 105-140.
- Olick, J.K. (1999). Collective Memory: The Two Cultures. *Sociological Theory, 17* (3), 333-348.
- Oliveira, J.S. e Marcier, M.H. (1999). “A palavra é: favela”. In A. Zaluar & M. Alvito (Orgs.), *Um século de Favela* (pp. 61-114). Rio de Janeiro: FGV.
- Oliven, R. (1987) A mulher faz e desfaz o homem. *Ciência Hoje, 07* (37), 54-62.
- Orico, O. (s/d) *A saudade brasileira*. Rio de Janeiro: A Noite. 214 p.
- Pascoaes, T. (1912-1986) O Espírito Lusitano ou o Saudosismo. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (pp. 21-36). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pascoaes, T. (1913-1986) [Expressão Poética, Filosófica e Religiosa do Saudosismo]. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (pp. 37-55). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. – Excerto de Pascoaes, T. (1913) O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa. Porto: Renascença Portuguesa.
- Pascoaes, T. (1913b-1986) Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (pp.65-72). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- Pascoaes, T. (1952-1986) Da saudade. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (p.124-144). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986.
- Pedro, A. (1980). *Samba da Legitimidade*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em História.
- Perrot, M. (1989). Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, 09 (18), p. 09-18.
- Piñeiro, R. (1951-1986) Siñificado metafísico da saudade. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (pp. 421-441). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Piñeiro, R. (1953-1986) Por unha filosofia da saudade. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (pp. 442-470). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Pollak, M. (1989) Memória, esquecimento, silêncio. (Tradução de Dora Rocha Flaksman). *Estudos Históricos*, 5 (3), Rio de Janeiro, 3-15.
- Pollak, M. (1992) Memória e Identidade Social. (Tradução de Monique Augras). *Estudos Históricos*, 5 (10), 200-212.
- Ramos, G. (1976). *Infância*. Rio de Janeiro: Record, Martins. 11ª ed.
- Rego, J. L. (1993). *Meus Verdes Anos: Memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio. 4ª ed.
- Reinert, M. (1990). Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de Methodologie Sociologique*, 26. 24-54.
- Reinert, M. (1998). *Alceste*. Version 4.0 – Windows. Toulouse: Societé IMAGE. Manual.
- Reinert, M. (2001). Alceste, une méthode statistique et sémiotique d'analyse de discours ; Application aux « Rêveries du promeneur solitaire ». *La Revue Française de Psychiatrie et de Psychologie Médicale*, 05, (39), 32-36.
- Rizzini, I. (2000) Pequenos trabalhadores do Brasil. In M. Del Priore (Org.), *História das crianças no Brasil* (pp. 376-406). São Paulo: Contexto. 2ª ed.
- Sá, C.P. (2000) Representações Sociais e Memória Coletiva de um Acontecimento Remoto. In M.T.T.B Lemos, N.A. Moraes & P.A.L. Parente (Orgs.), *Memória e Identidade* (pp. 27-42). Rio de Janeiro, 7Letras.

- Sérgio, A. (1913-1986) Epístola aos Saudosistas. In A. Botelho & A.B. Teixeira (Orgs.), *Filosofia da Saudade* (pp.56-64). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Silva, M.A.S., Garcia, M.A.L. & Ferrari, S.C.M. (1989). *Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo: Cortez, CENPEC.
- Souza, T. R. (2001). *A infância do velho Graciliano: memórias em letras de forma*. Florianópolis: UFSC.
- Spink, M.J. (1999) (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez.
- Stoetzel, J. (1976). *Psicologia Social*. (Tradução de Haydée Camargo Campos). São Paulo: Nacional.
- Thery, H. (2001). Retrato cartográfico e estatístico. In I. Sachs, J. Wilhelm & P.S. Pinheiro, *Brasil: um século de transformações* (pp. 394-415). São Paulo: Companhia das Letras.
- Vasconcelos, C.M. (1914-1922-1996) *A Saudade Portuguesa*. Lisboa: Guimarães Editores. Baseada na 2ª edição revista e ampliada (1922).
- Vasconcelos, J.M. (1969). *O meu pé de Laranja Lima*. São Paulo: Melhoramentos. 12ª ed.

Obras de apoio consultadas:

- Câmara, R. P. (1997) MPB – Compositores Pernambucanos: Coletânea bio-músico-fonográfica, 1920-1995. Recife: FUNDAJ, Massangana.
- Enciclopédia da Música Brasileira: popular, erudita, folclórica. (1998). São Paulo: Art, Publifolha. 2ª ed.
- Mugnaini Jr., A. (2001). *Enciclopédia das Músicas Sertanejas*. São Paulo: Letras & Letras.
- Santos, A., Barbalho, G., Severiano, J. & Azevedo, M. A. (1982) *Discografia Brasileira em 78 rpm: 1902-1964*. Rio de Janeiro: Funarte. 5v.

ANEXO

Relação das músicas analisadas

Para 78rpm:

Ano da primeira gravação. Música (Compositor/ compositores). Intérprete.
Gravadora e número de série.

Para LP e CD:

Ano da primeira gravação. Música (Compositor/ compositores). Intérprete.
Título do LP ou CD. Gravadora e número de série. Data do CD ou LP,
ou, quando sem informação, data da gravação utilizada. CD ou LP.

Para Livro: Ano da primeira gravação. Música (Compositor/ compositores).
Em: Autor do livro (Ano de publicação). *Título.* Local: Editora. Número
da página.

1927. Dengosa (Francisco Alves). Em: Cardoso Jr., Abel (1998). *Francisco Alves: as mil canções do rei da voz*. Curitiba: Revivendo. p. 70.
1928. Lembranças (Horatio Nichols, S/I para letrista). Em: Cardoso Jr., Abel (1998). *Francisco Alves: as mil canções do rei da voz*. Curitiba: Revivendo. p. 276.
1928. Recordando (J.M. Abreu). Em: Cardoso Jr., Abel. (1998). *Francisco Alves: as mil canções do rei da voz*. Curitiba: Revivendo. p. 272.
1933. Chegou a hora da fogueira (Lamartine Babo). Carmem Miranda e Mário Reis. *Reminiscências juninas*. RCA/CAMADEN CALB 5047. S/D. LP.
1933. Taboada (Joubert de Carvalho e Ademar Tavares). Em: Cardoso Jr., Abel (1998). *Francisco Alves: as mil canções do rei da voz*. Curitiba: Revivendo. p. 250.
1935. Olhando o céu todo enfeitado (Assis valente). Em: Cardoso Jr., Abel (1998). *Francisco Alves: as mil canções do rei da voz*. Curitiba: Revivendo. p. 328.
1936. Polichinelo (Gadé e Amanir Grego). Carmem Miranda. Caixa *Carmem Miranda*. CD 2. EMI Odeon 834705-2. 1996.
1939. Amor ideal (Synval Silva). Carmem Miranda. Caixa *Carmem Miranda* Cd. 5. EMI Odeon 834705-5. 1996.
1939. Roda, pião (Derivai Caymmi). Em: Caymmi, Dorival (1978). *Cancioneiro da Bahia*. Rio de Janeiro: Record. p. 177.

1940. No meu tempo de criança (Custódio Mesquita). Em: Cardoso Jr., Abel (1998). *Francisco Alves: as mil canções do rei da voz*. Curitiba: Revivendo. p. 380.
1941. Caixinha de música (Custódio Mesquita). Em: Barros, Orlando de (2001). *Custódio Mesquita: um compositor romântico no tempo de Vargas (1930-45)*. Rio de Janeiro: EdUERJ. p.410.
1941. O pião (Custódio Mesquita e Sadi Cabral). Em: Barros, Orlando de (2001). *Custódio Mesquita: um compositor romântico no tempo de Vargas (1930-45)*. Rio de Janeiro: EdUERJ. p.411.
1944. Mãe Maria (Custódio Mesquita e David Nasser). Em: Gomes, Bruno Ferreira (1986). *Custódio Mesquita: Prazer em conhecê-lo*. Rio de Janeiro: Funarte. p. 69.
1945. Infância (Carlito Moreno e J. Cravo Jr.). Emilinha Borba. *Emilinha Borba*. Revivendo RVCD 018. 1992.
1947. Garoto da rua (René Bitencourt). Augusto Calheiros. *Augusto Calheiros*. Revivendo RVCD 017. 1992.
1950. Aquarela mineira (Ary Barroso). Em: Cardoso Jr., Abel (1998). *Francisco Alves: as mil canções do rei da voz*. Curitiba: Revivendo. p. 455.
1950. Olinda, cidade eterna (Capiba). Caetano Veloso. *Mestre Capiba* por Raphael Rabello e convidados. BMG/ Acari Records 7432197168-2. 2002. CD.
1951. Chão de minas (Palmeira e Luizinho). Palmeira e Luizinho. *Luar do sertão*. BMG/RCA 7432144948-2. 1997. CD.
1952. Tempo feliz (Francisco Alves e David Nasser). Em: Cardoso Jr., Abel (1998). *Francisco Alves: as mil canções do rei da voz*. Curitiba: Revivendo. p. 465.
1953. Carro de boi (Capiba). Linda e Dircinha Batista. Linda e Dircinha Batista. *Acervo Especial*. BMG/ RCA V. 100.002. 1993. CD.
1957. Meus tempos de criança (Araulfo Alves). Araulfo Alves. *O melhor de Araulfo Alves: seus 14 maiores sucessos*. Elenco 8224731. 1984. LP.
1958. *Cajueiro (Jackson do Pandeiro)*. Jackson do Pandeiro. *Forró do Jackson*. Bervely BLP 83223.1991.
1958. O Batateiro (Zica Bérjami). Inezita Barroso. *Inezita Apresenta*. Copacabana CLP 11029.1958. LP.
1958. Tempo de menino (Edgar Ferreira). Ary Lobo. *RCA-Victor 801982-A*. 78 rpm.
1959. Puladinho (Sérgio Ricardo). Chediak, A. (Ed.) (S/D) *Songbook Bossa Nova*. Rio de Janeiro: Lumiar. p. 127. v. 04.

1959. Recordação (Goiá e Nenete). Em: Grota, C. (Sei.) (1989). *Sucessos sertanejos de todos os tempos*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, p. 114.
1960. Mangueira, meu berço (W. Batista, J. Castro e A. Nunes). Angelita Martinez. *Carnaval RCA Victor*. 1960. LP.
1961. Tema do boneco de palha (Vera Brazil e S. C. Neto). Chediak, A. (Ed.) (S/D). *Songbook Bossa Nova*. Rio de Janeiro: Lumiar. p. 128. v. 03.
1962. Minha infância (Araulfo Alves). Ataulfo Alves. *Meu samba, minha vida*. Phonogram/Fontana 6485-114. 1962. LP.
1962. Mirai (Araulfo Alves). Ataulfo Alves. *O melhor de Ataulfo Alves: seus 14 maiores sucessos*. Elenco 822.4731. 1984. LP.
1962. Relembrando (Liu e Léu). Liu e Léu. *Grandes Sucessos* vol. 02. Movieplay/ Brasis BR 1130. 2001. CD.
1964. Antigamente (Gilberto Gil). Em: Rennó, C. (Org.) (1996). *Gilberto Gil: Todas as letras*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 51.
1966. A canção da saudade (Osvaldinho). Rosely. *Um cantor por dez milhões, dez milhões por uma canção*. CBS 37450. 1966. LP.
1966. A rua (Gilberto Gil). Em: Rennó, C. (Org.) (1996). *Gilberto Gil: Todas as letras*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 66.
1967. Meu tempo de criança (Déo e Marco). Déo e Marco. *Déo e Marco*. Continental PPL 12341. 1967. LP.
1967. O mundo encantado de Monteiro Lobato (Batista Luís e Darci da Mangueira). Em: Augras, Monique (1998). *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: FGV. p. 260.
1968. Meus primeiros carnavais (Silvio Silva e Romeo Nunes). Dalva de Oliveira. *Carnaval 1969* vol. 2. Odeon MOFB 3562. 1968. LP.
1969. Carnavais de outrora (Joel de Almeida e J. Piedade). Joel de Almeida. *Carnaval 70* vol. 02. Odeon MOFB 3610. 1969. LP.
1972. Pasárgada, o amigo do rei (Silvinho do Pandeiro). Em: *Carnaval de 1973* (Álbum publicado por sociedade arrecadadora de direitos autorais). 1972. p. 490.
1975. Saudade dos aviões da Panair (Milton Nascimento e Fernando Brant). Milton Nascimento. *Minas*. EMI-Odeon EMCB-7011. 1975. LP.
1992. Minha cidade (Erasmio Dibel). Carlinhos Veloz. *Carlinhos Veloz*. Alumar Cultura 1000.776. 1992. LP.
1993. Belém-Pará (Billy Blanco). Em: Blanco, Billy (1996). *Tirando de letra e música*. Rio de Janeiro: Record. p. 67.
1993. Guajará (Billy Blanco). Blanco, Billy (1996). *Tirando de letra e música*. Rio de Janeiro: Record. p. 59.
1994. Nos tempos de menino (Maciel Melo). Fagner. *Caboclo sonhador*. BMG Ariola V 130108. 1994. CD.

1996. Ciranda (Manuelito). Dércio Marques. *Monjolear*. Luz do sol/ Anjos da Terra S/L 1996. CD.
1996. Cirandinha (Josino Medina). Pereira da Viola e Titane. *Tawaraná*. Lapa CD038074. 1996. CD.
- 1997 Descaminhos (Carlos Gomes). Ivânia Catarina e Carlos Gomes. *Poranduba*. Dabliú DB0054. 1997. CD.
1997. Eterno Instante (Gê Lara). Gê Lara e Lemão. *Herança*. Zen Records Z02079709. 1997. Cd.
1997. No fundo do quintal (Luís Carlos Bahia). Luís Carlos Bahia. *Pote da memória*. CPCV UMES 006. 1997. CD.
1997. Tempo de varanda (Ivânia Catarina e Carlos Gomes). Ivânia Catarina e Carlos Gomes. *Poranduba*. Dabliú DB0054. 1997. CD.
1997. Velho Anuário (Serafim Adriano e Paulo Pinto). Jorge Aragão. *Sambista a bordo*. Indie Records 8160-2. 1997.
2000. Saudade do sertão (Luiz António e Damião da Silva). Luiz António e Damião da Silva. *Cantiga Sertaneja 2*. Projeto Cantiga Sertaneja TCD-60028. 2000. CD.
2001. Bons tempos (Raul Sampaio). Raul Sampaio. *50 anos depois...* S.M. de Cultura e Turismo de Cachoeiro de Itapemirim RSC-001.2001. CD.
2002. Barquinho de papel (António Vieira). António Vieira. *Compositor Popular*. Eldorado 278105.2002.CD.
2002. O pegador (António Vieira). António Vieira. *Compositor Popular*. Eldorado 278105. 2002. CD.